



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS:  
CONTEXTOS LUSÓFONOS BRASIL-ÁFRICA**

**JOILSON DE JESUS GOMES DA SILVA**

**PAULINA CHIZIANE:  
UMA ABORDAGEM ENTRE O FEMININO DESCRITO E O ESCRITO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2025**

**JOILSON DE JESUS GOMES DA SILVA**

**PAULINA CHIZIANE:  
UMA ABORDAGEM ENTRE O FEMININO DESCRITO E O ESCRITO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, UNILAB – Campus dos Malês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Gonçalves da Costa.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2025**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

S58p

Silva, Joilson de Jesus Gomes da.

Paulina Chiziane : uma abordagem entre o feminino descrito e o escrito /  
Joilson de Jesus Gomes da Silva. - 2025.

118 f. : il., mapas, color.

Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos  
Brasil-África) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade  
da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Gonçalves da Costa.

1. Feminismo. 2. Mulheres. I. Chiziane, Paulina, 1955-. Balada de amor  
ao vento - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 896.79

**JOILSON DE JESUS GOMES DA SILVA**

**PAULINA CHIZIANE:**

**UMA ABORDAGEM ENTRE O FEMININO DESCRITO E O ESCRITO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, UNILAB – Campus dos Malês.

Aprovado em: 27/05/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Gonçalves da Costa (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB

**Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ianá de Souza Pereira**

Universidade Paulista – UNIP, Brasil

**Às três mulheres mais importantes da minha vida:**

**A minha querida mãezinha Maridilza (*in memoriam*), as minhas avós Cecília e  
Mariazinha.**

**Carrego um pouquinho de vocês...  
Isso possibilitou-me tornar o homem que sou!**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de mais um desafio concluído em minha vida!

À Valquíria, por todo o esforço e dedicação, bem como às minhas irmãs Jaciane e Roselane por toda confiança depositada em mim. Às vezes, tenho a impressão de que vocês acreditam mais em mim do que eu!

Aos professores e as professoras, em especial, a minha orientadora Eliane Gonçalves da Costa.

E, por fim, não poderia deixar de agradecer aos colegas do MEL, por toda a partilha e aprendizagem, em especial a Gilmar Costa por todos conselhos e pelo apoio nos momentos de desespero!

**[A vida] é dor e sofrimento, se você preferir. A final de contas, não me lembro de ter sofrido antes de nascer e tenho a nítida impressão de que não sofrerei depois de morrer!**

**Clóvis de Barros Filho**

## RESUMO

Paulina Chiziane é uma escritora moçambicana. Oriunda da região sul de seu país de nascimento, com fortes tradições patriarcais, inspira-se na sua própria história de vida para questionar padrões e paradigmas que delegam à mulher um papel secundário dentro do cenário social de Moçambique. Chiziane, através de sua literatura, traz para o debate assuntos pertinentes a sociedade moçambicana. Sendo assim, a presente dissertação tem o intuito de discutir a concepção de feminino analisando entrevistas da autora sejam elas escritas e/ou audiovisuais, trazendo abordagens de acordo ao pensamento de Paulina Chiziane no que se refere a sua idealização de escrita que se entrelaça com suas vivências enquanto mulher que está inserida em determinado contexto social, no qual as mulheres ocupam espaços de subserviência em consonância com os costumes locais enraizados historicamente. Através de um estudo teórico acerca do feminismo e das suas variações, utilizando como fonte o pensamento de escritores das mais diversas correntes como Simone de Beauvoir, Patrícia Hill Collins, Virginia Woolf, bell hooks, buscou-se relacionar com o feminino tratado pela escritora, por se considerar uma mulher que escreve sobre mulheres, alheias a correntes ou modelos pré-estabelecidos. Além disso, se fez necessário recorrer ao pensamento de Leonor Arfuch no que se refere o espaço biográfico e o uso da entrevista como elemento para a pesquisa científica proposta para esse trabalho. Utilizando a obra “Balada de Amor ao Vento” (1990) investigou-se versões de mulheres tratadas por Chiziane na obra citada estabelecendo ligações com seu pensamento relacionado ao feminino, exemplificando o que foi abordado nas entrevistas. Dividido em quatro capítulos, este trabalho objetiva analisar e entender elementos do feminino e da mulher defendida por Chiziane na sua literatura como uma missão de vida em favor mudança no que concerne aos posicionamentos sociais negados a mulher, partindo do seu local de origem para espaços mais amplos, trazendo assuntos relevantes na atualidade.

**Palavras-chave:** feminismo; mulheres; Chiziane, Paulina, 1955-. Balada de amor ao vento - crítica e interpretação.



## ABSTRACT

Paulina Chiziane is a Mozambican writer. Hailing from the southern region of her birthplace, an area with strong patriarchal traditions, she draws inspiration from her own life story to question the norms and paradigms that relegate women to a secondary role within Mozambique's social landscape. Through her literature, Chiziane brings pertinent issues of Mozambican society into debate. Thus, this dissertation aims to discuss the conception of the feminine by analyzing the author's interviews—both written and audiovisual—while exploring approaches aligned with Paulina Chiziane's thought regarding her writing idealization, which intertwines with her experiences as a woman embedded in a specific social context where women occupy spaces of subservience in accordance with historically rooted local customs. Through a theoretical study on feminism and its variations, drawing on the ideas of writers from diverse schools of thought—such as Simone de Beauvoir, Patrícia Hill Collins, Virginia Woolf, and bell hooks—we sought to establish connections with the feminine as addressed by Chiziane, who is regarded as a woman who writes about women, detached from pre-established movements or models. Additionally, it was necessary to reference Leonor Arfuch's ideas concerning biographical space and the use of interviews as a tool for the scientific research proposed in this work. By examining the novel "Balada de Amor ao Vento" (1990), we investigated the portrayals of women presented by Chiziane in the aforementioned work, establishing links with her perspective on the feminine and illustrating the themes addressed in her interviews. Divided into four chapters, this study aims to analyze and understand elements of the feminine and the woman championed by Chiziane in her literature as a lifelong mission advocating for change in the denied social positions of women—progressing from her place of origin to broader spaces while addressing relevant contemporary issues.

**Keywords:** feminism; women; Chiziane, Paulina, 1955-. Ballad of love to the wind - criticism and interpretation.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 1: QUANDO AS MULHERES ESCRIVEM.....</b>	<b>23</b>
3.1	NÍSIA FLORESTA E VIRGINIA WOOLF: UM PANORAMA DA MULHER QUE ESCRIVE.....	24
3.2	PAULINA CHIZIANE: UMA MOÇAMBICANA.....	31
3.2.1	<b>Moçambique: um breve relato histórico.....</b>	<b>31</b>
3.2.2	<b>Carreira e obras.....</b>	<b>35</b>
3.3	A IMPORTÂNCIA DE PAULINA CHIZIANE NO CENÁRIO LITERÁRIO MOÇAMBICANO.....	37
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 2: FEMININO E FEMINISMO - UMA QUESTÃO DE GÊNERO.....</b>	<b>42</b>
4.1	BREVE HISTÓRICO DO FEMINISMO.....	42
4.2	SIMONE DE BEAUVOIR.....	47
4.3	bell hooks.....	52
4.4	PATRÍCIA HILL COLLINS.....	57
4.5	ANGELA DAVIS.....	60
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO 3: EM VOLTA DA FOGUEIRA – FEMININOS COM PAULINA CHIZIANE.....</b>	<b>66</b>
5.1	ASPECTOS BIOGRÁFICOS PRESENTES NAS ENTREVISTAS.....	67
5.2	UM BATE-PAPO COM PAULINA CHIZIANE.....	70
5.2.1	<b>Liberdade na escrita.....</b>	<b>70</b>
5.2.2	<b>Reconhecimento no cenário literário.....</b>	<b>74</b>
5.2.3	<b>As tradições moçambicanas.....</b>	<b>77</b>
5.3	A MULHER E O FEMININO.....	80
5.3.1	<b>Feminino vs. feminismo na visão de Paulina Chiziane.....</b>	<b>86</b>
<b>6</b>	<b>CAPÍTULO 4: MULHERES EM BALADA DE AMOR AO VENTO.....</b>	<b>90</b>
6.1	NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA.....	90
6.1.1	<b>Luísa: uma revolucionária silenciosa.....</b>	<b>93</b>
6.2	BALADA DE AMOR AO VENTO.....	101
6.3	CONFLITOS E A LUTA PELA LIBERDADE FEMININA EM BALADA DE AMOR AO VENTO.....	105
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>113</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>116</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Todos os dias quando acordo  
Não tenho mais  
O tempo que passou  
Mas tenho muito tempo  
Temos todo o tempo do mundo [...]”

(Tempo Perdido, Legião Urbana)

Joilson de Jesus Gomes da Silva, Joilson para alguns e Jó para outros, feirense de nascimento, franciscano de pertencimento. Filho de Maridilza (*In Memoriam*), neto de Mariazinha e de Cecília, irmão de Jaciane e Roselane, esposo de Valquíria e pai de Reinan, o intruso nessa dominação feminina.

Antes de contar a história que propõe este estudo sobre Paulina Chiziane, melhor conhecer o autor, que não tem o cacoete de escritor, mas se aventurou por meio das letras para trazer um tema relevante e atual tão presente na obra da escritora moçambicana, mas que não é o objetivo dessas considerações iniciais.

Voltemos a apresentação, natural de Feira de Santana-BA, a princesa do Sertão, filho de José e Maridilza, Joilson desde muito cedo esteve inserido em um ambiente feminino, seu pai e sua mãe partiram jovens, o primeiro com 36 anos, deixando a esposa grávida, além de mais uma criança de apenas quatro anos.

Escrever já uma tarefa árdua e difícil, escrever sobre si é ainda mais complexo, exige uma revisita ao passado, as memórias, sejam elas positivas ou negativas, mas que contribuíram de forma significativa para a formação do homem que hoje está aqui e que amanhã não será o mesmo por conta de novas experiências, aprendizagens no processo que é a vida.

Vamos iniciar a nossa jornada, por poucas memórias e flashes do passado, um curto período de convivência com meu pai, muitos desses reforçados por minha mãe ao contar as histórias dos poucos mais de quatro anos de presença física do meu genitor. Mas antes vou contar a história da gravidez de minha mãe, que aconteceu logo após a perda de minha irmã mais velha, Joseane, que veio a óbito logo após o nascimento, deixando meu pai bastante arrasado e triste com toda a expectativa pela criança que chegaria, sendo assim, logo em seguida, veio a segunda gravidez e estou aqui para vos contar esse relato de vida.

José, ou simplesmente Zé, primogênito de João e Cecilia sempre teve o comércio como ponto forte, desde muito jovem trabalhou para ajudar no sustento da

família, trabalhando em feira, a história de muitos brasileiros de origem humilde, visionário, na época da sua morte, tinha algumas propriedades, muitas se perderam no tempo, tinha uma venda e vendia mantimentos no centro de abastecimento de Feira de Santana, o seu objetivo era a construção de mercadinho em algum dos terrenos de sua propriedade, mas estava aguardando o nascimento do segundo bebê e no final do ano o projeto seria iniciado, por ironia do destino, a morte veio em abril, antes mesmo dele conhecer minha irmã que nasceria em setembro. Apesar de ser muito pequeno, três fatos me lembram do meu pai e irei contá-los a partir de agora.

O primeiro fato que me recordo foi um dia de domingo, dia da famosa “feirinha da estação nova”, maior feira livre de Feira de Santana, o dia que as famílias vão comprar os mantimentos para passar a semana, seja eles hortifrúti, carnes, aves e peixes, laticínios e até outros tipos de produtos variados como roupas, artefatos piratas. Dito isto, minha mãe foi a feira no domingo pela manhã e deixou os dois homens sozinhos, sinônimo de bagunça, ao brincar de bola dentro de casa e um dos chutes do meu pai acertou uma pata de cerâmica em cima da estante, que minha tinha um amor muito grande, meu pai pediu segredo, mas assim que minha chegou, eu contei e os dois ouviram as reclamações e meu pai teve que se virar para comprar outra pata igual.

O segundo fato não foi tão marcante quanto o primeiro e nem foi uma situação específica, segundo minha mãe, meu pai fazia todas as minhas vontades, então me recordo que sempre aos domingos, no horário do almoço, com a mesa posta, meu pai me colocava em cima da mesa e eu ficava comendo arroz branco puro e ainda o obrigava que ele comesse junto comigo, colocando a colher na sua boca.

E, por fim, o dia da sua morte, apesar de não entender muito o que acontecia, tenho memórias muito vivas sobre isso, era meu primeiro ano na escola, estudava pela tarde e toda vez que retornávamos da escola, minha mãe passava pela venda. No fatídico dia, eu não queria ir para casa e insistia ficar com meu pai, que estranhamente tomava tubalina com pão e mortadela, o que não era do seu feitio. Após um longo processo de convencimento, aceitei ir para casa quando meu disse que o tarado pegaria minha mãe se eu não fosse para protegê-la.

Chegando em casa, não tenho muita noção do tempo que passou, mas chegou uma prima de minha mãe, deu uma notícia e minha mãe já saiu chorando, me arrastando pelo braço e eu perguntava o motivo e ela se reduzia a dizer que “foi nada!”, mas meu pai com um problema no coração, usava marca-passo morrera a

caminho do hospital nos braços do meu tio, apesar de não entender muito a situação, via o desespero de minha vó no “pé do santo”, uma mesa que ainda existe hoje na casa dela com várias imagens e objetos de cunho religiosos, mesclando objetos do cristianismo católico com religiões de matriz africanas.

No meio do velório, me tiraram de lá e me levaram para outra casa, mas lembro de minha vó mandando meu pai fechar o olho, mesmo após morto, me levantaram e mostraram o rosto dele através do vidro do caixão, apesar de não ter entendimento do acontecia, vi o corpo sendo levado em uma Kombi e essa foi a última vez que vi meu pai, encerrando o nosso curto período de convivência.

A morte de meu pai repentina mudou radicalmente nossas vidas, minha mãe precisou começar a trabalhar, grávida e com muitas medicações para segurar o bebê em virtude do susto e abalo emocional pela viuvez, minha mãe, mesmo sendo jovem, com a apenas 24 anos, não deixou a barra cair, mesmo sofrendo diversos golpes do espólio deixado pelo pai, minha irmã nasceu e hoje é uma mulher forte, guerreira, herdou essa qualidade de dela, mesmo sem nunca ter conhecido o pai, que partiu quatro meses antes do seu nascimento.

Minha mãe nunca casou novamente, mas de um novo relacionamento chegou minha irmã mais nova, fechando a configuração do meu convívio familiar durante uma boa parte da minha vida.

Tivemos uma infância bastante humilde, minha mãe se desdobrava para não faltar nada, inicialmente com a venda deixada pelo meu pai, que precisou ser fechada após o nascimento da minha irmã e em seguida com a continuidade do centro de abastecimento, mas o advento dos grandes supermercados, popularização do cartão de crédito, ficou insustentável a manutenção da barraca também.

A nossa criação sempre foi a base da mão de ferro, ficávamos as três crianças em casa, enquanto minha mãe saía em busca do nosso sustento, o horário de estudo dos três era o mesmo, eu como o mais velho, era responsável por levar e buscar minhas irmãs na escola logo no início, no contra turno os vizinhos sempre estavam de olho na gente.

Mesmo diante de todas as dificuldades, tivemos uma infância digna, sempre tive uma vida escolar bastante regular, com notas muito boas e sem criar maiores problemas por conta de indisciplina. Um aluno acima da média. Dentro de um cenário de escola pública.

Agora, cabe destacar duas figuras importantes na minha trajetória de vida: minhas avós Cecília e Mariazinha. Eu e Cecília, minha avó paterna, sempre fomos muitos próximos e acredito que a perda do filho primogênito contribuiu muito para tal. Minha primeira infância foi sob sua égide. Todos os dias, eu tomava café na casa dela. Era Cecília que me levava até meio do caminho no retorno para casa. Ela meio que fazia minhas vontades, proporcionava passeios e aniversários... enfim, eu era mais próximo de minha vó do que de minha mãe. Já sobre Mariazinha, falarei um pouco mais à frente.

Minha mãe nasceu em São Francisco do Conde e mudou-se para Feira de Santana. Lá, constituiu família, teve filhos, batalhou e lá também nos deixou. A minha relação com a cidade natural de minha mãe sempre foi íntima. As férias escolares sempre foram em São Francisco do Conde, o tempo passava rápido e o retorno para casa sempre era um momento dolorido: um mês sentindo o carinho da minha família materna, dormindo na mesma cama em que minha vó Mariazinha.

De Mariazinha sempre fui xodó, o neto mais velho da filha mais velha, sempre fui mimado e apesar de todas as dificuldades também de uma família bastante pobre, acabei virando o “mascote” da família. Ao contrário do que acontecia em minha família paterna, a proximidade de idade com meus tios maternos criou uma relação de amizade diferente, com todo respeito e reciprocidade.

Essa relação se transformou, a partir da minha mudança para São Francisco do Conde e passei a morar com minha vó. Deixei a minha mãe e minhas irmãs, fato que modificou totalmente a nossa interação. A nova casa, muitas pessoas, nova escola, novos colegas configurou uma ruptura. Acredito que esta representou uma grande virada em minha vida.

Com a mudança de cidade e a conclusão do ensino médio, veio a responsabilidade de prestar vestibular e, mais uma vez, eu digo que o destino foi desenhado como deveria ser. Meu tio Gilvan lançou a ideia de me inscrever no PROUNI, um programa que ofertava bolsas para estudantes de baixa renda em cursos particulares. Eu não tinha muita noção do que se tratava, a oferta de bolsas ainda eram poucas, o programa era recente e não muito popular.

Diante das vagas que tinham disponíveis, minha tia Lene me inscreveu, acesso a um computador naquela época era impossível para mim. Ao receber o comprovante de inscrição, eu disse: “- Só não quero Pedagogia”. Mas foi justamente o curso em que fui aprovado.

Após um processo de convencimento e sem nem saber de fato sobre o que se tratava o curso, me matriculei, com o objetivo de passar em uma universidade pública. Aos 17 anos, eu ingressava no ensino superior, sendo o segundo integrante da família materna e o primeiro da família paterna com acesso à Academia.

A turma de Pedagogia era predominantemente composta de mulheres. só havia nela um outro homem além de mim. A maioria das mulheres já era de professoras, formadas em magistério e já inseridas no mercado de trabalho e área de ensino. Mulheres com mais idades e mais vividas. Eu, um adolescente, que havia feito um curso regular. Com o decorrer do tempo o sonho de ingresso no ensino superior público foi adormecido.

São Francisco do Conde é uma cidade rica, mas com poucas oportunidades de emprego. A política efervesce e traços de coronelismo são presentes até os dias atuais. O voto é barganha para ingressar no serviço público como cargo comissionado na prefeitura, eu diria que é uma ramificação atualizada do voto de cabresto, prática comum do início do século XX em nosso país. E foi nesse cenário, que surgiu a minha primeira oportunidade de trabalho após finalizado o curso de Pedagogia, através de um tio meu que conseguiu uma vaga como vice-diretor de uma escola de educação infantil. Foram quatro anos em que mais do que trabalhar na área de educação, tive aprender a lidar com as pessoas, egos, o sistema de apadrinhamento político e toda estrutura peculiar do município. Foi uma experiência traumática para alguém ainda tão jovem, mas tudo serviu de aprendizagem e significou crescimento. Isto me preparou para que eu pudesse ser um profissional melhor atualmente.

Eu sempre fui consciente do cenário Franciscano e nunca me vislumbrei diante de um cargo comissionado. Continuei me qualificando, ingressei em um curso de especialização, e daí, veio a primeira aprovação em um concurso público, o da Prefeitura de Salvador no ano de 2010.

No ano seguinte, veio a segunda aprovação, o concurso de Santo Amaro e o golpe mais duro da minha vida: a perda da minha mãe. Ela havia ficado viúva muito jovem. Ela sempre foi rígida conosco, mas hoje agradeço muito pela criação. Ela não nos fazia um carinho, isso mudou bastante depois da mudança de município. Com o nosso crescimento, ela se aproximou muito de nós e nos pediu desculpas muitas vezes pela forma que nos tratava. Chegou a dizer que descontava os problemas em nós três, mas minha mãe foi uma mulher guerreira, maravilhosa e sempre quis o nosso bem.

As minhas duas aprovações quase que simultâneas em Concursos Públicos resultaram em convocações no ano de 2013. Por não ter como conciliar, optei por Salvador. Era chegada a hora de “sair de baixo das asas de minha vó” e alçar a independência. Foram quatro anos e nove meses em Salvador, atuando em sala de aula em duas escolas, período em que eu morava só. Nesse período as visitas a São Francisco tornaram-se mais esporádicas em virtude do tempo corrido após ingressar na universidade pública em uma segunda graduação, desta vez no curso de Ciências Contábeis da UFBA.

A aprovação no terceiro concurso veio, dessa vez em São Francisco do Conde. Com isto, surgiu a oportunidade de voltar pra casa em 2019. Agora em uma nova função com novas demandas e responsabilidades. Abri mão do cargo de professor efetivo e aceitei receber um salário, mas estar em paz e perto dos familiares pesaram na decisão para o retorno, apesar de todas as dificuldades e mazelas da cidade em que me encontro atualmente.

Desde então, estou na Escola Municipal Joaquim Alves da Cruz Rios, atuando como Coordenador Pedagógico. Uma unidade escolar de Ensino Fundamental - anos finais que possui em média 500 alunos de origem periférica. O perfil dos estudantes não difere muito do público das escolas das grandes cidades. Diante de todas as dificuldades impostas pelo próprio sistema, tenho realizado um trabalho com o intuito de estabelecer o mínimo desejável e oportunizar um futuro melhor para nossa clientela.

A partir daí, surgiu a vontade de ingressar no Mestrado. Comecei a pesquisar e estudar nesse intuito. Durante a Pandemia da COVID-19, surgiu a oportunidade de uma especialização ofertada pela UNILAB em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Na disciplina de Literatura Moçambicana, tive o primeiro contato com Paulina Chiziane e me encantei. Por isso, a escolhi como tema para o artigo de conclusão de curso.

Ao tomar conhecimento do MEL (Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África), comecei a pesquisar sobre o curso. Percebi que poderia dar continuidade a pesquisa iniciada na especialização. Paulina Chiziane é um objeto de inspiração pra mim, dado o tema que fala, seus posicionamentos, sua simplicidade, sua luta em busca de reconhecimento dentro de um cenário machista, desbravando um caminho outrora negado à mulher. Vejo nela um pouco de minha mãe, de minhas avós, e até mesmo de mim, que sempre estive inserido nesse



ambiente predominantemente feminino e acompanhei de perto a batalha de cada uma delas.

Diante de tal perspectiva, muitas vezes fui questionado pelo fato de um homem que se predispõe a pesquisar sobre uma mulher. Inicialmente isso permitiu que eu refletisse sobre a minha posição social, em uma sociedade com resquícios notórios de machismo e predominância masculina em diversos aspectos, como mercado de trabalho por exemplo.

Hoje encaro com bastante naturalidade o desafio que é tratar sobre o tema já apresentado. O curso de especialização da UNILAB possibilitou uma ampliação da visão de mim, um autoconhecimento e crescimento não somente como profissional, educador que sou, mas também como homem, que sabe respeitar a diversidade, que não invalida o pensamento, não impõe ideias e nem envereda por caminhos que possam invisibilizar lutas que são próprias de cada minoria. Antes, pretendo ser mais uma voz em consonância para a construção de uma sociedade melhor.

Portanto, antes ser um homem que fala sobre mulheres, eu sou filho, neto, irmão, tio e esposo. Eis uma série de mulheres maravilhosas que fizeram e fazem parte da minha vida e da construção da minha personalidade. Mulheres essas, que assim como Paulina Chiziane e diversas outras, batalham enfrentando as dificuldades impostas pelo sistema e que perduram historicamente.

E, antes que digam que quero furtar ou entrar numa seara que não me pertence, ou segundo Djamila Ribeiro (2017) que retrata de forma brilhante sobre o lugar de fala que não é meu: eu sou mais um soldado predisposto a somar a favor da valorização feminina e em prol da equidade no que se refere as lutas travadas em pleno século XXI por todas as mulheres.

## 2 INTRODUÇÃO

Comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra. (Chiziane, 2013, p. 199)

Para iniciar a nossa conversa, falaremos sobre Paulina Chiziane, primeira mulher moçambicana a publicar um romance em seu país. Nasceu em Manjacaze, distrito de Maputo, na Província Sul, região caracterizada pelo patriarcalismo, na qual as mulheres ocupam um papel secundário na estrutura social, visto que desde de crianças são educadas para serem donas de lares e servirem as vontades de seus esposos de acordo as tradições locais.

Oriunda de uma família que negava o processo de assimilação<sup>1</sup> imposto pela colonização portuguesa. A língua materna de Paulina Chiziane é o *Chope*, sendo que, seu pai proibiu que no ambiente familiar se falasse outra língua, e sua etnia é o *Tsonga*. O contato com a língua portuguesa só aconteceu ao ingressar na escola formal cristã, escola esta que seguia os costumes do patriarcalismo vigentes.

A oralidade foi um traço marcante na formação de Chiziane enquanto mulher, acompanhando uma tradição local, a qual os anciões passavam para as novas gerações, de forma corriqueira em volta da fogueira, os costumes e toda sabedoria cultural de Moçambique. Sendo assim, como a própria escritora relata que suas primeiras lembranças são das histórias contadas por sua avó, ainda muito jovem, antes de se mudar para o subúrbio de Maputo.

O primeiro contato com a leitura e a escrita ainda na escola despertou o interesse pela literatura, por pintura entre outras linguagens artísticas, indo em contraponto ao tipo de educação recebida, criando um dilema e despertando a necessidade de questionar a liberdade negada a mulher para traçar seu próprio destino.

---

<sup>1</sup> “[...]Assimilação era o meio pelo qual o incivilizado, isto é, o nativo podia juntar-se às fileiras dos oficialmente classificados como civilizados. Os critérios para chegar à civilização eram os seguintes: falar português; ter rendimento suficiente para sustentar o candidato e sua família; ter bom caráter e posse daquelas qualidades necessárias para o exercício dos direitos privados e públicos do cidadão português; cumprir o serviço militar; e ter, pelo menos, dezoito anos de idade. Qualquer africano que satisfizesse a esses requisitos podia usufruir dos direitos severamente reservados aos portugueses. A existência de critérios de bom caráter tornava evidente que, em qualquer caso determinado, a assimilação dependia da aceitação da administração colonial. [...]” (Cá, 2011, p.214)

Suas primeiras histórias escritas iniciaram através dos diários, no qual tinha a possibilidade de dizer o que pensava sem ser delimitada e, sobretudo, questionar um sistema fatalista, o qual ela não estava disposta a aceitar de forma passiva, simplesmente por tradição.

Segundo Érica Luciana de Souza Silva (2022, p.10)

O silêncio social no qual a mulher negra é arremessada denota intensa violência física e moral. Ele se torna uma representação da violência impingida ao continente africano quando seus habitantes se veem destituídos de sua língua originária, do poder de enunciação e da sua própria história em benefício da história contada apenas pela perspectiva de quem os domina. O apagamento cultural anula a identidade dos autóctones, transformando-os em seres amórficos, como se fossem apenas uma extensão do país que lhes obriga a tamanho sofrimento e humilhação.

Neste sentido, não podemos perder de vista que o processo de colonização português ratificou e acentuou tradições já existentes em Moçambique, no que se refere ao patriarcalismo em determinadas regiões do país, que possui características diferenciadas, demonstrando um verdadeiro multiculturalismo moçambicano, proporcionando o silenciamento da mulher e o consequente apagamento cultural a favor da consolidação do sistema colonial.

Sendo assim, Chiziane foi militante atuante e participou da guerra de libertação de Moçambique do domínio português, fazendo parte de forma atuante da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), trabalhou na missão de Nações Unidas como voluntária da Cruz Vermelha, assim como participou do Núcleo das Associações Femininas da Zambézia, demonstrando sempre sua proatividade e engajamento social e posicionamento político, principalmente no que se refere a situação feminina em Moçambique.

Paulina Chiziane enfrentou uma árdua batalha para publicar seus livros e ser reconhecida no cenário literário predominantemente masculino, recebeu proposta sexuais e sua capacidade de escrita foi colocada em xeque diversas vezes. O primeiro livro publicado pela escritora *Baladas de Amor ao Vento* foi escrito no cenário da guerra civil <sup>2</sup> declarada após a independência entre os dois partidos pelo controle do poder do país.

---

<sup>2</sup> A guerra civil moçambicana, também conhecida como "guerra de desestabilização" ou "guerra dos dezesseis anos", foi um conflito armado entre os dois principais partidos de Moçambique RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) e FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) após a independência do país e aconteceu no período de 1796 a 1992.

No seu testemunho *Eu, mulher, por uma nova visão de mundo!*, Chiziane fala um pouco sobre o seu processo de introdução no cenário literário:

Como é que a sociedade recebeu a notícia de que eu estava a escrever o meu livro? Primeiro com cepticismo e muito desprezo da parte dos homens. Muitas pessoas acreditavam e ainda acreditam que a mulher não é capaz de escrever mais do que poeminhas de amor e cantigas de embalar. Consideraram-me uma mulher frustrada, desesperada, destituída de razão. Foi um momento terrível para mim. Mas, por outro lado, estas atitudes tiveram um efeito positivo porque forçaram-me a demonstrar pela prática que as mulheres podem escrever e escrever bem. Devo confessar que nas condições da actual sociedade, se a mulher pretende um reconhecimento igual ao do seu parceiro masculino deve trabalhar duas ou três vezes mais. Do período que vai da escrita do livro até a sua publicação, entrei em contacto com homens de diversas instituições e que não me ajudaram em nada ou ajudaram muito pouco. Contudo, quase todos eles não se esqueceram de fazer-me propostas sexuais, convites de jantar, como condição necessária para a ajuda de que tanto necessitava. Mais tarde entrei na Associação dos Escritores. Mesmo ali a minha integração como mulher não se fez sem grandes esforços. (Chiziane, 2013, p. 203)

Diante de tal cenário, o principal tema de escrita de Paulina Chiziane é a mulher e, através de suas histórias, a autora traz visibilidade para histórias de Moçambique sob uma voz feminina na literatura moçambicana, com construção de personagens protagonistas mulheres que possuem identidade outrora negada por conta de um contexto dominado por homens.

Sendo assim, discutiremos ao longo desta pesquisa as ideias da escritora através das suas histórias que contam a vivência da mulher de Moçambique e a diversidade das suas relações perante as diferenças sociais dentro do território moçambicano, trazendo elementos e peculiaridades da literatura feminina ecoada por Paulina Chiziane, realizando paralelos com ideia de femininos e base conceitual feminista, negado veemente pela escritora.

Como já foi dito, a mulher é o principal tema de escrita de Paulina Chiziane, portanto, o pensamento dela está de acordo a essa concepção de engajamento das suas vivências femininas. A partir desse contexto, a concepção de feminino da escritora se torna relevante para o objetivo dessa pesquisa, já que, ela veementemente preza pela sua liberdade de escrita, não abrindo mão de falar de assuntos que ache pertinentes, sobretudo, ao que se refere a mulher, sem estar presa a paradigmas que venha cercear sua forma de contar as histórias.

Portanto, entre os objetivos desta pesquisa estão, compreender a importância da escrita de Paulina Chiziane em Moçambique no questionamento de tradições

culturais, sobretudo no que se refere a mulher e seu enquadramento social; entender a concepção de feminino como elemento fundamental para a escrita de Chiziane; compreender aspectos da teoria feminista presentes no pensamento da escritora através de seus posicionamentos e de que forma se encontra presente em quatro personagens do romana balada de amor ao vento; analisar através do estudo de entrevistas escritas, audiovisuais, palestras a concepção de feminino de Paulina Chiziane, associando as ideias e os questionamentos de paradigmas através da demonstração de elementos da cultura moçambicana.

O percurso metodológico escolhido para a realização deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, pois esta possibilitou através de um levantamento criterioso de publicações nos mais diversos formatos, escritos e audiovisuais de teorias que embasassem e consolidassem o que será percorrida em toda a dissertação. Portanto, foram utilizados como fonte de pesquisas: artigos, livros, revistas, dissertações, teses, além de entrevistas seja em programas de TV ou internet, podcasts, palestras, entre outros materiais que fossem considerados pertinentes e que pudessem enriquecer o trabalho aqui posto.

No primeiro capítulo, trataremos sobre o cenário da mulher na escrita de forma sucinta realizando uma breve contextualização da história de Paulina Chiziane, caracterizando o cenário social de Moçambique, traçando a trajetória de vida, suas aflições e inspirações, o processo que culminou na consolidação enquanto “contadora de história”, como ela se autodenomina, sua formação pessoal e familiar e como suas relações no cotidiano contribuíram para a construção da escritora.

No segundo capítulo faremos uma abordagem teórica sobre o feminismo, estabelecendo relações com a escrita feminina de Paulina Chiziane, que recusa rótulos no que concerne tal perspectiva, visando sempre a simplicidade da sua escrita, se autointitulando como uma contadora de histórias que preza por sua liberdade, fugindo de padrões que aprisione a modelos a sua escrita. Recorremos a abordagem da teoria feminista e suas variações, bebendo na fonte de autoras como Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Patrícia Hill Collins, bell hooks, entre outras expoente do movimento feminista.

No terceiro capítulo faremos uma análise de entrevistas sejam elas escritas e/ou em vídeos, buscando elementos do pensamento de Paulina Chiziane, percepções sobre o feminino, relacionando com a teoria feminista, com intuito de elencar proximidade e disparidades que influenciam a escrita e que estão presentes

nas obras escolhidas para a realização da analisada baseada em duas personagens secundárias, mas que exercem um papel relevante no enredo desenvolvido nos romances. Dessa forma observaremos as relações entre o descrito e o escrito na medida que faremos comparações entre a postura da escritora enquanto mulher feminina e a sua produção escrita através de suas obras e da sua carreira multifacetada.

No quarto capítulo, escolhemos quatro personagens do livro da autora, *Balada de amor ao vento*, por ser a primeira obra e representa a introdução do gênero no país escrito por uma mulher. Sem esquecer de Niketche: *uma história de poligamia*, pelo fato de projetar e consolidar a obra da escritora, onde faremos uma breve consideração a respeito do feminino também presente na referida obra. No entanto, nos concentraremos em estudar versões de mulheres femininas descrita por Chiziane, seus anseios, comportamentos, aflições, as relações sociais vivenciada por um viés feminino, mulheres falando sobre mulheres do primeiro romance publicado pela escritora.

### 3 CAPÍTULO 1: QUANDO AS MULHERES ESCRIVEM

"Se você educar um homem, educa um indivíduo, mas se educar uma mulher, educa uma nação"

Provérbio Africano

Neste primeiro capítulo faremos uma abordagem sobre a escrita das mulheres e o espaço ocupado por elas no cenário literário, focando em Paulina Chiziane, escritora que é o núcleo dessa pesquisa no que refere seus pensamentos e suas concepções de feminino.

Primeiramente é necessário entender, mesmo de forma superficial a recepção da escrita feminina em um contexto mais amplo, considerando que o patriarcalismo entre outros pensamentos que contribui para a manutenção de uma supremacia masculina imposta como condição social e reverbera no cenário literário historicamente e que ainda refletem na atualidade.

Sendo assim, o questionamento e a escrita engajada de Paulina Chiziane parte de um cenário reduzido, sua vivência familiar em primeiro instante, partindo para outras relações sociais que envolvem a educação, matrimônio, relações trabalhistas, religião, entre outras. Estes questionamentos dos costumes que versam principalmente pela centralidade e status social ocupado pelo homem em Moçambique, se desdobrando por outros vieses que estão culturalmente estabelecidos.

Diante deste contexto é salutar perceber que a desigualdade de gênero, a inferiorização da mulher não é exclusividade da sociedade moçambicana, sendo que, o machismo está enraizado de maneira mais ampla ao longo da história da humanidade.

Logo, perante a amplitude do tema e da nossa limitação enquanto pesquisa, utilizaremos como embasamento teórico duas mulheres escritoras para fundamentar a literatura feminina, seus desafios, lutas para inserção no mercado literário. A primeira escritora será Nísia Floresta e a segunda Virginia Woolf.

### 3.1 NÍSIA FLORESTA E VIRGINIA WOOLF: UM PANORAMA DA MULHER QUE ESCRIVE

Para escrita deste subtópico utilizamos dois textos teóricos que falam sobre o espaço ocupado pela mulher na literatura em um recorte temporal entre os Séculos XIX e início do XX, levando em consideração contextos que diferem da realidade vivenciada por Paulina Chiziane, com o intuito de realizar um comparativo sobre ambientes e espaços temporais diferentes para compreender a posição da mulher no que diz respeito a literatura produzida por mãos femininas.

Através de Virginia Woolf e sua obra *Um teto todo seu*, ensaio baseado em dois artigos de palestras no ano de 1928. Nesta obra a autora faz uma análise sobre a condição social feminina em um ambiente europeu e como isso reflete na produção escrita por mulheres e implica na disseminação do pensamento feminino.

Já Nísia Floresta, escritora brasileira do Século XIX que utilizou a escrita como ferramenta de denúncias sociais, tratando de temas delicados em um cenário de desigualdade do Brasil Imperial, sobretudo no que se refere as classes marginalizadas, entre elas as mulheres. Para tal análise, servirá como escopo o artigo de Milena Bruno Ferreira *As representações do feminino através das obras Opúsculo humanitário e Direito das mulheres e injustiça dos homens, de Nísia Floresta* (2023).

Como já foi dito, o livro *Um teto todo seu* surgiu a partir de duas conferências ministradas por Virginia Woolf em 1928, cujo tema gerador “As mulheres e a ficção” levou a autora refletir o papel da mulher ocupado na história no que se refere à tarde, principalmente a escrita. Para efeito desta pesquisa faremos um corte temporal que envolve o período entre os séculos XVI e XIX, exemplificando de acordo o estudo de Woolf sobre as produções femininas no campo da escrita e sua recepção na sociedade.

Ao fazer esse breve relato, fundamentado na obra *Um teto todo seu* de Virginia Woolf, assim como em Nísia Floresta, esta última em uma perspectiva mais biográfica, buscaremos relacionar com o enquadramento social presenciado por Paulina Chiziane em Moçambique, principalmente no que se refere a mulher e a literatura feminina.

O conceito por trás do título *Um teto todo seu*, trazido por Virginia Woolf, parte do pressuposto da independência feminina. A mulher que consegue suprir seus meios de subsistência através de seus esforços, sem um aporte masculino está apta para



sentir a liberdade sem as amarras impostas pela sociedade patriarcal. Somente com essas prerrogativas de possui seu teto é que a mulher poderá de fato se posicionar e viver de forma efetiva, ocupando um papel relevante o contexto social. Vejamos o que a autora diz a respeito:

[...] Tudo o que poderia fazer seria oferecer-lhes uma opinião acerca de um aspecto insignificante: a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção; e isso, como vocês irão ver, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquivei-me ao dever de chegar a uma conclusão sobre essas duas questões — a mulher e a ficção, no que me diz respeito, permanecem como problemas não solucionados. [...]. (Woolf, 2014, p. 8)

Percebe-se que a problemática surgida a partir do questionamento que norteia a palestra sobre as relações entre a mulheres e a ficção faz com que a autora entenda que a escrita feminina está estritamente relacionada as condições financeiras, mesmo que essa não seja uma verdade absoluta e irrefutável, mas Woolf acredita que a independência é um fator preponderante para a mulher que pretende escrever ficção.

Partindo desse pressuposto, a autora se propõe a fazer uma viagem histórica para entender de que forma a ficção era produzida por mãos femininas e de que forma o organograma social do momento interferiu na escrita de mulheres diante do status reservado a ela.

A escritora inicia a viagem histórica em Londres do século XVI, de modo que, ela percebeu que qualquer produção artística era estritamente destinada aos homens, as mulheres se reservavam a submissão e a vida conjugal, sendo considerada em alguns momentos inferiores intelectualmente. A escrita feminina foi ínfima e restringida por toda estrutura social e muitas vezes mulheres necessitaram utilizar pseudônimos masculinos para que suas obras fossem aceitas ou avaliadas pelos críticos.

Levar uma vida livre na Londres do século XVI teria significado, para uma mulher que fosse poetisa e dramaturga, um colapso nervoso e um dilema que bem poderiam matá-la. Se sobrevivesse, o que quer que houvesse escrito teria sido distorcido e deformado, fruto de uma imaginação retorcida e mórbida. E sem dúvida, pensei, olhando a prateleira onde não há peças da autoria de mulheres, seu trabalho sairia sem assinatura. Esse refúgio ela, decerto, teria buscado. Foi o resquício do sentimento de castidade que ditou o anonimato às mulheres até mesmo no século XIX. (Woolf, 2014, p. 63)

O que se percebe que há uma estratégia de silenciamento da produção artística feminina durante esse período. Em uma sociedade dominada por homens e pelo

poder vindo através da riqueza, a educação ofertada no âmbito familiar era diferenciada de acordo ao sexo da criança, a menina desde muito jovem era prometida através de casamentos políticos e eram preparadas para a vida conjugal, muitas vezes não tendo acesso a escrita e leitura de forma substancial e de qualidade.

A mulher, portanto, que nascesse com a veia poética no século XVI seria uma mulher infeliz, uma mulher em conflito consigo mesma. Todas as condições de sua vida e todos os seus próprios instintos conflitavam com a disposição de ânimo necessária para libertar tudo o que há no cérebro. (Woolf, 2014, p. 64)

Outro ponto a ser considerado neste contexto é que a escrita era reservada a uma minoria rica da sociedade. Ao homem pobre também eram impostas dificuldades para a produção artísticas, na qual sua capacidade de escrita também era posta em dúvida. Diante do cenário exposto e de dúvida, a mulher que tentasse produzir escrita encontraria dificuldades maiores as já existente para os homens pobres. “O mundo não lhe dizia, como a eles: ‘Escreva, se quiser; não faz nenhuma diferença para mim’. O mundo dizia numa gargalhada: ‘Escrever? E que há de bom no fato de você escrever?’” (Woolf, 2014, p. 68). Analisando o trecho percebe-se a diferença de tratamento dado ao homem pobre e a mulher no recorte temporal do século XVI.

Essa realidade perdurou durante muitos anos, a mudança ocorreu forma lenta e enraizada de preconceito, a escrita feminina começou a ganhar musculatura somente a partir do século XVII e XVIII, com a inserção da mulher timidamente no mercado de trabalho. Neste período, as mulheres começaram a trabalhar em traduções de livros masculinos, reescritas de textos e outras tarefas de valores inferiores, sendo que, a autoria masculina continuou com todo protagonismo no que se refere a escrita e a ficção, demonstrando a superioridade do homem perante a mulher de acordo as convenções sociais.

De fato, a literatura feminina viera ganhar território a partir do século XIX, com resquícios de patriarcalismo. A escrita de mulheres obteve corpus e começou identificar o crescimento de obras, no entanto, ainda com um pensamento preconceituoso restritas aos romances. De acordo a concepção masculina do momento, as mulheres não tinham capacidade de produzir outro gênero de escrita que não fossem os romances, considerados inferiores e de cabível ao nível intelectual delas. Isso pode ser exemplificado na seguinte fala de Woolf.

Ali, portanto, chegara-se ao início do século XIX. E ali, pela primeira vez, encontrei diversas prateleiras inteiramente dedicadas às obras de mulheres. Mas por que, não pude deixar de perguntar enquanto corria os olhos por elas, eram todas, com muitas poucas exceções, romances? (Woolf, 2014, p. 83)

Para finalizar nosso recorte de acordo ao pensamento de Virginia Woolf e a sua pesquisa sobre as mulheres e a ficção, abordaremos uma crítica contida sobre a posição feminina e o cerceamento de acordo aos preceitos patriarcais do ano de 1928, presentes também na realidade de Paulina Chiziane, conforme estudaremos ao longo desta dissertação.

Supõe-se que as mulheres sejam geralmente muito calmas, mas as mulheres sentem exatamente como os homens — elas precisam de exercício para suas faculdades e de um campo para seus esforços, tanto quanto seus irmãos; elas sofrem de uma contenção rígida demais, de uma estagnação absoluta demais, precisamente como sofreriam os homens; e é tacanhice de seus semelhantes mais privilegiados dizer que elas devem limitar-se a fazer pudins e costurar meias, a tocar piano e bordar sacolas. (Woolf, 2014, p. 86).

É notório que a submissão feminina que possuem suas capacidades cognitivas podadas para seguirem uma lógica masculina de subserviência que impede que elas explorem suas potencialidades ou as mesmas fiquem reduzidas a tarefas domésticas, as quais são doutrinadas desde muitos jovens a viverem marginalizadas e a sombra das figuras patriarcais.

Nísia Floresta, professora e escritora brasileira do século XIX, foi uma expoente do feminismo no Brasil, lutando pela igualdade entre gênero, visando possibilitar relações mais justas entre homens e mulheres, lutando por direitos que buscasse equidade de tratamento através de ações práticas e na utilização da literatura como instrumento de denúncias de questionamento da realidade social. Em seu artigo *As representações do feminino através das obras Opúsculo humanitário e Direito das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia Floresta (2023), Milena Bruno Ferreira traz a seguinte apresentação da escritora.

A busca pela emancipação das mulheres e a luta por direitos igualitários vem sendo retratada ao longo dos séculos na literatura por diversas vozes. Dionísia Gonçalves Pinto representa uma dessas vozes, mas por diversas vezes sofreu a tentativa de silenciamento. Afinal, ser mulher no Brasil durante o século XIX não era uma tarefa fácil. Destinadas a cuidar do marido e dos filhos, as mulheres tinham seus papéis sociais extremamente limitados. No entanto, Nísia Floresta ousou bradar a sua voz e dedicou-se a realizar denúncias através de sua escrita. (Ferreira, 2023, p. 32).

De acordo a explanação de Ferreira percebe-se quanto visionária foi Nísia Floresta diante de uma realidade de império brasileiro, mostrando-se seu engajamento e o inconformismo com o destino fatal das mulheres. Realidade espelhada em diversas partes do mundo, como bem exemplificado através dos estudos de Virginia Woolf.

Atuante como professora, Nísia Floresta lutou bravamente por uma educação igualitária para homens e mulheres, ofertando o mesmo tipo de ensino para todos, independentemente de sexo. Em uma das suas ações, chegou a criar uma escola voltada só para o ensino de meninas, com o intuito de diminuir a defasagem em relação ao tipo de educação oferecidas as crianças do sexo masculino.

Ademais, Nísia Floresta também contribuiu muito para o avanço da educação das mulheres no Brasil. Enquanto professora, Floresta fundou um colégio para meninas e em diversas publicações demonstra sua preocupação no que concerne à educação das mulheres, enquanto busca de um sistema crítico que fugisse de disciplinas que apenas mantinham o funcionamento do patriarcado [...] (Ferreira, 2023, p. 35).

Conforme podemos ver, a proposta de ensino transcende o amontoamento de meninas, mas a construção de uma educação que atendesse as necessidades das estudantes, com um currículo apropriado. Mas, apesar de todas as ideias e sua voz imponente de bater de frente com o sistema patriarcal, Nísia Floresta recebeu diversas críticas, sendo até obrigada a sair do país.

O ensino e a literatura andaram de mãos dadas por toda a luta histórica, como instrumentos entrelaçados, a escritora percebeu que somente através da educação, poderíamos caminhar para a modernização da sociedade brasileira do século XIX, pensamento este corroborado após a sua experiência no exterior e contato com outras realidades, principalmente europeia, que estavam um passo à frente da conjuntura vivenciada em solo brasileiro.

As questões educacionais e sociopolíticas levantadas por Nísia Floresta se fazem, portanto, necessárias à modernidade que se delineava no século XIX e que deságua em nossa contemporaneidade. Nísia Floresta foi visionária em sua escrita e em sua conduta, foi gestora da escola que idealizou, escrevia, publicava e, principalmente, desafiava uma sociedade repleta de preconceitos. Por ser uma das primeiras mulheres a romper barreiras e abrir caminhos para outras escritoras e professoras, a obra de Nísia Floresta, na ótica ora abordada, merece ser estudada para que não sobrevenham precedentes para tais retrocessos. (Ferreira, 2023, p. 36).

Contudo, a escritora não reconhecida do grande público por um processo intencional de marginalização de sua obra e importância histórica e no seu papel relevante para o debate de temas sensíveis e fundamentais ainda nos dias atuais. As pesquisas e produções acadêmicas sobre a autora se mostram tímidas, não demonstrando a centralidade de uma mulher, que diante de um cenário predominantemente masculino conseguiu se estabelecer, mesmo diante das diversas tentativas de silenciamento pela classe dominante.

[...] Nísia Floresta foi uma pioneira no que diz respeito à luta pela educação igualitária entre homens e mulheres, recusando-se a aceitar que enquanto os homens eram instruídos a dominar a sociedade, a mulher fosse educada para servir ao marido e aos filhos, [...]. Disposta a lutar para que houvesse o fim da passividade feminina, sua principal arma foi a literatura. Na literatura, Floresta encontra uma forma de se direcionar a sociedade e de incentivar outras mulheres na busca pela igualdade entre os gêneros. (Ferreira, 2023, p. 37).

Vale ressaltar que a educação proposta por Floresta é o início de um movimento muito maior que envolve a mudança de postura de uma sociedade cômoda e disposta manter os paradigmas enraizados através de processos históricos importados via colonização portuguesa. Portanto, a resistência aos pensamentos da escritora e o combate de forma ríspida foi a resposta de uma classe dominante que pretendia manter o sistema que eles eram os principais beneficiados.

A coragem de Nísia Floresta ao enfrentar o sistema trouxe como consequências a perseguição ao seu trabalho na escola, como o linchamento público daqueles que detinham o poder da mídia, controlando os meios de comunicação em um processo de fritura que culminou com o descredenciamento da escritora como uma voz importante na luta contra as injustiças sociais.

Por outro, essa sistemática de silenciamento é um projeto estruturado, sobretudo, no que se refere a figura feminina que ousa questionar e buscar melhorias no tocante a igualdade de oportunidades em relação aos homens, ou seja, romper com o patriarcalismo e a estrutura machista ainda vigente na atualidade.

Diversas mulheres passaram e passam pelo processo de silenciamento, principalmente quando denunciam os interesses de quem está no poder. No caso de Nísia, encontramos uma sociedade repleta de preconceitos, que refletiu em seus escritos. Uma amostra da construção desses discursos está, por exemplo, nos recorrentes boicotes que Nísia Floresta passa a sofrer por sua atuação no Colégio Augusto. (Ferreira, 2023, p. 40).

Nísia Floresta foi uma mulher atuante e preocupada com as causas sociais, tratava de temas considerados tabus para o período que vivera, temas que envolvia muitos interesses de gente que detinham o poder, ou seja, o alto escalão da sociedade brasileira. Além da educação igualitária entre homens e mulheres, questionar o papel social feminino, a escravidão também foi conteúdo de suas escritas, o que contribuiu para o boicote sofrido pela escritora, já que a escravidão era a base econômica do Brasil naquele período.

A tentativa contínua de apagar a imagem da mulher que buscava dar a outras mulheres perspectivas de conhecimento, de leituras críticas e de voz foi realizada de forma repetitiva e parece reverberar até mesmo nos dias atuais. Além de defender e lutar pelos direitos das mulheres, Nísia Floresta marcou uma presença constante em jornais, onde abordava temas como a escravidão (Ferreira, 2023, p. 41).

O que podemos concluir que existem proximidades entre a inquietude de Nísia Floresta e os relatos de Virginia Woolf tratados na conferência. Trazendo épocas e locais diferentes, percebemos que as semelhanças do tratamento conferido a mulher durante o período descrito, a mulher destinada a cuidar da casa, marido e filhos, com sua capacidade de pensamento obstruída por um silenciamento intencional e cruel objetivando a manutenção de uma falsa superioridade biológica masculina, mas que na prática foi efetivada através de instrumentos sociais que envolvem poder, coerção e disseminação ideológicas.

Por fim, Ferreira traz ponderações sobre a importância da luta de Nísia Floresta e sua coragem de lutar perante uma estrutura poderosa e impiedosa, não se abstendo diante das injustiças, buscando traçar novos caminhos e novas perspectivas que viessem questionar a realidade, não aceitando de forma passiva o que lhe foi imposto, pleiteando igualdade e provando capacidade de exercer as mesmas funções destinadas somente aos homens.

Nísia Floresta, como antes dito, seguiu um caminho diferente da maioria das mulheres da sua época, ela preocupava-se em demonstrar que as mulheres eram tão capazes quanto os homens de ocupar cargos públicos e dividir tarefas que requerem conhecimento científico. Sua voz ficou conhecida por levantar a problemática da submissão feminina [...] (Ferreira, 2023, p. 43).

Ao trazer para o debate essas abordagens teóricas sobre a mulher e de que forma a escrita feminina está colocada em cenários diferentes de Moçambique, buscamos elencar problemáticas que se assemelham a luta da mulher na inserção

em contexto dominados por homens, seja na política, na literatura, educação e de que forma esses aspectos contribuem e moldam a conjuntura social.

### 3.2 PAULINA CHIZIANE: UMA MOÇAMBICANA

Paulina Chiziane é reconhecida no cenário literário pelo seu vanguardismo ao tratar de temas questionam costumes e tradições moçambicanos, principalmente no que se refere ao universo feminino. Aspectos biográficos, suas inspirações e aspirações enquanto mulher e escritora, seu engajamento social se confunde com sua história de vida e obra. Seus livros contam a história de Moçambique sob a perspectiva de uma voz feminina.

O objetivo deste tópico é compreender o perfil de Chiziane como uma moçambicana, abordando aspectos que perpassam a descrição de vida da autora através de uma visão exógena. Por isso, buscamos conhecer a escritora a partir de seus posicionamentos a respeito de determinados assuntos, com intuito nos aprofundarmos sobre o pensamento da vencedora do prêmio Camões e oferecer elementos para o cerne desta pesquisa.

No entanto, antes de adentrarmos de fato na apresentação da escritora faz-se necessário conhecermos um pouco sobre Moçambique, sua história, suas tradições, formação cultural para entendermos sobre os anseios e inquietações que levaram Paulina Chiziane contestar alguns dos costumes através da sua obra literária.

#### 3.2.1 Moçambique: um breve relato histórico

República de Moçambique ou Moçambique é um país situado África, sofreu o processo de colonização portuguesa, conquistou a sua independência em 25 de junho de 1975, após uma longa guerra travada em busca da sua soberania nacional. Possuindo uma área de 801.590 km<sup>2</sup>, sua capital é Maputo. Segundo informações contidas no site oficial de Moçambique, estima-se que sua população é 27.909.798 habitantes (dados de Censo 2017) e sua moeda é Metical. Apesar da língua oficial do país ser o português, diversas outras línguas são faladas em território moçambicano, entre elas: macua (ou emakhuwa), xironga, cicopi, etc.

Integrante da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Moçambique, localizado na costa da África Austral faz fronteira com diversos países,

entre eles estão Tanzânia, o Malawi, a Zâmbia, o Zimbábwe, a África do Sul e a Suazilândia. O país é ainda banhado pelo Oceano Índico, também conhecido como Canal de Moçambique.

O território Moçambicano é dividido em três províncias: Norte (Niassa, Cabo Delgado, Nampula), Centro (Zambézia, Tete, Manica, Sofala) e Sul (Inhambane, Gaza e Maputo), essa divisão territorial representa um rico multiculturalismo com diferenças de tradições e aspectos culturais a depender da região do país.

**Figura 1 - Mapa político de Moçambique**



Fonte: Land Portal (2010).



**Figura 2** - Bandeira de Moçambique



Fonte: Site oficial governo de Moçambique

**Figura 3** - Brasão de Moçambique



Fonte: Site oficial governo de Moçambique

Os portugueses chegaram à Moçambique no final do Séc. XV e impuseram o colonialismo que perdurou até o ano de 1975, com a conquista da independência, a presença do colonizador em território moçambicano influenciou diretamente na cultura local, com a sobreposição de costumes exógenos de origem europeia, que modificou permanentemente os costumes locais, isso fica evidente com a língua oficial ser pouco falada no país.

Moçambique, país situado no sudeste africano, foi concebido entre a África do Sul e a Tanzânia, banhado pelas águas do Índico, forma o canal de Moçambique com a ilha de Madagascar. Como todos os países africanos, herdou as fronteiras da colonização e forjou sua identidade nacional com base no pressuposto de combater a ocupação colonial. (Diaz, 2023, p. 178).

O que se percebe é que a formação de Moçambique sofreu uma influência significativa do colonialismo europeu, a partir do momento que a dominação colonial desestruturou a organização prévia existente em África, estabelecendo novas fronteiras, territórios e formação de novos povos de diversas etnias e origens, sendo fatores que justificam o multiculturalismo e as diferenças culturais a depender do local do território moçambicano.

A formação de Moçambique na atual configuração é fruto do colonialismo português que desconsiderou as características locais e sobrepuseram através da força seu domínio aos mais diversos povos, “o processo de formação histórica de Moçambique se assemelha a um mosaico africano, constituído por múltiplos povos, Estados e Impérios que habitavam distintas territorialidades” (Diaz, 2023, p. 183). Entre os diversos povos podemos citar:

Cabe referir que, para Portugal, a conformação do território moçambicano significou o alargamento de suas riquezas e fronteiras, processo que durou até o último quarto do século XX, em 1974. Para os povos autóctones, significou a supressão dos reinos de Monomotapa ou Gaza, e de outros grandes Estados, como o grande Zimbabwe, o Reino de Manica, de Barué, de Danda, de Butua-Torua, de Teve, o Estado dos Rundos, dos Changamires, dos Carongas, dos Undis, o xeicado de Quitangonha e de Sancul, o Sultanato de Angoche e outros povos que viviam em territorialidades definidas antes do avanço da colonização. (Diaz, 2023, p. 179).

A ação portuguesa gerou transformações no que condiz a organização social de territórios com diversos povos independentes, que através de ações de origem externa criou uma nova configuração de país, a partir de uma conjuntura de exploração, dominação, desconsiderando as tradições, particularidades locais, transgredindo e usurpando todos os direitos de populações que viriam mais tarde se tornar Moçambique como conhecemos agora.

Segundo Érica Luciana de Souza Silva em *A loucura feminina nos romances de Paulina Chiziane como estratégia de resistência* (2022):

É importante enfatizar que o país, a efeito de análise teórica, pode ser dividido em Norte, região em que se preservam as tradições culturais e religiosas, com menor presença do colonizador português e onde se localizam os Montes Nampuli. De acordo com as histórias tradicionais do país, esse é o local onde se deu o início da vida. Já o Sul, mais próximo do oceano, é a parte mais ocidentalizada de Moçambique e região em que houve grande presença dos colonizadores. (Silva, 2022, p. 9).

Um exemplo disso é muito presente na obra de Paulina Chiziane, é diferenciação entre a região norte, de tradições matrilinear e a região sul, local de origem da escritora, de cunho patriarcal. Diaz explica da seguinte maneira:

Antes da ocupação colonial, identifica-se a coexistência de vários povos no território que hoje encerra Moçambique, como os povos de tradição matrilinear dos Maconde no norte do território, os Macuas, os Yao, dentre muitos outros. Na costa predominavam pequenos reinos afro-islâmicos, formados desde o século XVI por dinastias islâmicas oriundas dos centros suaíli localizados a Norte do rio Rovuma, nomeadamente Kilwa e Zanzibar. No centro do vale do Zambeze encontravam-se diversos povos, como os Chuabo, os Sena e os Nhungué.

Ao Sul do rio Zambeze estavam os povos de tradição patrilinear, os Shona que habitavam as atuais províncias de Sofala, Manica e Tete, herdeiros da velha estrutura de poder dos Monomotapa, os Tsonga, predominantes em toda a região ao sul do rio Save, os Chope e os Bitonga e os Nguni. Ademais, no Sul, cabe referir os Changanes, os Mundaús, os Chenguas. (Diaz, 2023, p. 184).

Sendo assim, mesmo após a independência do país ocorrida na década de 70 do século passado, marcas do colonialismo ficaram registradas no país moçambicano, que através da luta armada conseguiu a libertação e autonomia em relação ao governo português e partiu para a construção de um novo sentimento de nação e pertencimento local após a experiência avassaladora que representou o período colonial.

Esse pequeno contexto histórico de Moçambique serve para conhecer um pouco sobre o país de nascimento de Paulina Chiziane, objeto de estudo desta pesquisa de dissertação para a conclusão do Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África – MEL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

### **3.2.2 Carreira e obras**

Paulina Chiziane se mostrou versátil ao longo da sua carreira, usando da diversidade e suas produções passeiam por diferentes linguagens artísticas, não se restringindo a literatura.

No campo descrito podemos entender a carreira de Chiziane pela forma como a ela se define como uma mulher que conta de história de mulher. Toda as suas reflexões sobre a seu posicionamento que recusa rótulo que venham colocar em

xeque a sua liberdade e o processo de constante mudança. Esse processo de autodefinição conta muito com elementos das suas experiências moldadas pelas características culturais da sociedade moçambicana, em especial da região do sul do país, origem da escritora.

Esse entendimento de descrever e se autodescrever sofrem modificações de acordo ao momento, ao se demonstrar multifacetada e pesquisadora da sua própria história que se entrelaça com a história do seu país, no sentido de entender a construção social da atualidade, de costumes e tradições antigas modificadas ao decorrer do tempo até mesmo pelo processo de colonialismo que transfigurou a realidade de Moçambique.

Partindo disso, o descrito que precede o escrito influencia significativamente toda a construção da obra de Paulina Chiziane. A escritora feminina, que ela mesmo se define, passeia por outros campos e se reinventa dentro do processo de criação do seu universo literário e na construção de seus personagens retratando e trazendo experiências e relatos que estão distantes do que ela prega como modo de vida. Ou seja, a necessidade de uma licença poética para passear por outros campos fundamentais, que são secundários e não menos importantes, para o entendimento da sua ideia central e do que ela entende como uma contadora de história de mulher, mas que bebe na fonte da masculinidade, do patriarcalismo, religiões e diversos outros temas que contribuem para a musculatura e consolidação do seu pensamento.

Em relação a escrita, *Balada de Amor ao vento* (1990) foi a obra de estreia da escritora, assim como o primeiro romance a ser publicado em Moçambique, sendo um marco para a literatura do país. *Niketché: uma história de poligamia* (2002) é o livro mais vendido da autora até hoje e que de fato trouxe reconhecimento, consolidando-a no cenário literário. Outras obras da escritora são: *Ventos do apocalipse* (1993), *O sétimo juramento* (2000), *O alegre canto da perdiz* (2008), *As andorinhas* (2009), *Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento* (2015), *O canto dos escravizados* (2017).

Chiziane fez um trabalho no presídio durante um período, pôde entrar em contato com mulheres e isso também se tornou escopo para a formação de seu pensamento, escutou as histórias das presidiárias e teve contato com as motivações e anseios, a vida de mulheres com restrição de liberdade.

Paulina também se aventurou no mundo da música, lançando dois álbuns até o momento “Canto de Esperança” 2019 e “Msaho” 2023. Com participações de

músicos renomados, a escritora demonstra mais um lado da sua versatilidade e liberdade criativa e não fica presa em guetos artísticos.

Retomando a escrita, Paulina não se furta ao tratar sobre temas considerados polêmicos, que mexam com tabus da sociedade moçambicana. Muitas vezes foi criticada e demonizada por conta de seus livros e de suas opiniões controversas diante da grande mídia ou estrutura social vigente.

### 3.3 A IMPORTÂNCIA DE PAULINA CHIZIANE NO CENÁRIO LITERÁRIO MOÇAMBICANO

Como já foi dito, Paulina Chiziane é oriunda de uma região de Moçambique com fortes tradições patriarcais. O colonialismo também interferiu na estrutura social do local, impondo elementos exógenos a cultura moçambicana influenciando de forma significativa no país.

A primeira língua falada por Chiziane é o chope, ela só aprendeu o português ao ingressar na escola católica. O seu pai, que era alfaiate, proibia o uso da língua portuguesa no ambiente familiar, demonstrando uma forte resistência aos traços coloniais, visando a manutenção das tradições moçambicanas.

Neste cenário, outras características da cultura eram muito presentes no seio familiar de Paulina Chiziane. De acordo aos ritos patriarcais, as mulheres deveriam ser educadas para o casamento e preparadas desde muito jovens para as obrigações referente a vida conjugal e a futura família a ser formada. O homem possui privilégios conforme preconiza a tradição e a responsabilidade de constituir um lar harmônico, prevendo a manutenção dos costumes. Para a mulher está a incumbência de se dedicar inteiramente ao seu marido e filhos.

Desde criança Chiziane não entendia o sistema imposto. Para ela não fazia sentido que fosse impedida de fazer o que gostava por conta de uma tradição. A situação determinada pela sociedade que definiu o seu destino, a forma como deveria se comportar, a profissão que deveria exercer, entre outros aspectos estabelecidos pelo patriarcalismo iam em direção contrária à sua concepção de vida e de futuro.

Paulina Chiziane despertou interesse pelas artes no ambiente escolar, inicialmente queria ser pintora, mas teve seu desejo implodido pelo seu pai. Fora proibida de ler e expressar seus pensamentos questionadores sobre a realidade ali vivida, a qual ela não entendia e não concordava. A leitura foi a mola propulsora do

processo de amadurecimento enquanto mulher e o que possibilitou a sua formação como escritora.

O gosto pela leitura foi o primeiro ato de rebeldia contra o sistema, a autora já afirmou que roubava livros para que pudesse ter acesso a conhecimentos proibido pelo seu pai. A leitura surgiu como uma forma de burlar o sistema patriarcal tão presente no ambiente familiar, ela fingia estar estudando na presença do seu pai. E, a partir daí começou a escrever um diário com breves relatos e situações do cotidiano, iniciando assim seu processo de introdução no mundo da escrita.

O mundo da leitura e escrita era oposto a vida escolar de Chiziane, ela passava muito tempo envolvida por livros que não condiziam com o ensino católico que era obrigada a frequentar, ensino este que buscava preservar as características patriarcais associadas ao colonialismo numa época que Moçambique estava sob o domínio português.

Esse fato não impediu que Paulina tivesse uma vida de militância, se envolvendo na luta pela independência e posteriormente no conflito civil no pós-independência. Atuante, foi nesse cenário que a mesma escreveu o seu primeiro livro a ser publicado, o “Balada de amor ao vento”, como ela mesmo relata:

Escrevi a minha primeira obra debaixo de estrondos e ameaças de morte. Publiquei-a. escrevi a segunda debaixo do mesmo ambiente. Está no prelo. Trabalhar numa atmosfera de morte é minha forma de resistir. Ninguém tem o direito de interromper os meus sonhos. (Chiziane, 2013, p. 205)

Percebe-se de acordo ao pensamento da escritora é que escrita para ela é como uma missão de resistência diante das adversidades de um país africano que sofreu com as mazelas da colonização europeia potencializada pela sua condição de mulher que foi historicamente relegada a segundo plano por questões culturais que Chiziane discorda.

Vanguardista no que se propõe, esse primeiro livro em romance publicado por uma mulher em Moçambique traz outros elementos importantes para o cenário literário moçambicano. O livro traz uma mulher como personagem principal e como narradora da sua história de vida. Este fato culmina no protagonismo para uma mulher em uma obra literária. Além do mais, traz uma caracterização feminina contada por uma escritora, já que, numa conjuntura dominada por escritores homens, é de extrema

relevância que uma mulher retrate os anseios do universo feminino em consonância com sua vivência.

Nesse ponto, podemos associar a postura de Paulina Chiziane com o lugar de fala defendido por Djamila Ribeiro, a partir do momento, que a escritora através de sua literatura luta contra a invisibilidade no que se refere a mulher a favor de um protagonismo feminino e ocupação de espaços ainda negados na atualidade.

A nossa hipótese é que a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível falar de lugar de fala. Ao reivindicar os diferentes pontos de análises e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. (Ribeiro, 2017, p. 34)

Trazer elementos novos no que concerne a literatura produzida antes da publicação do primeiro romance, com temas que não era comuns, é evidenciar questões ignoradas pelo contexto histórico, centralizando discussões pertinentes e necessárias para uma mudança realidade ali posta de forma arbitrária com fundamentos patriarcais.

Ao se impor diante de uma estrutura aparentemente intransponível, Chiziane não se curva e não se abstém de escrever sobre aquilo que acredita, não está preocupada com questões editoriais ou algo que o mercado literário preconize, isso pode ser notado na construção das suas personagens femininas que retratam a realidade moçambicana e não representam cenários ilustrativos moldados de acordo a concepção masculina.

Ao olhar atentamente para as personagens de Chiziane, percebe-se que as mulheres destacadas pela autora são aquelas que não se adequam à realidade social e cultural imposta pelo mundo patriarcal e pelo mundo colonial sem antes problematizá-los. Portanto, como elemento estranho, que não se encaixa nas engrenagens, elas despertam a reflexão e a sensibilidade do leitor. Por muitas não suportarem tamanho fardo advindo da força desprendida para desencadear a ação do confronto, algumas se entregam, ou são levadas à prostituição, à loucura, à depressão ou à morte. (Silva, 2022, p. 12).

Conforme dito por Silva, Paulina Chiziane traz mulheres do cotidiano, que possui problemas tão inerentes a vida comum e da maioria da população moçambicana. Isto é, as mulheres e seu modo de se comportar, agir, aflições e desafios não estão representados nas obras literárias de forma significativa, Chiziane

quebra esse paradigma, demonstrando um ato de resistência contra os modelos utilizados.

A representatividade da escrita de Chiziane perpassa pela ruptura com o tradicional, questionamentos aos silenciamentos impostos tanto pela tradição cultural moçambicana, assim como pelos elementos incorporados pela colonização portuguesa.

Ultrapassar os limites que demarcam o espaço social imposto há décadas requer muita ousadia e subversão. Afinal, são longos períodos de assimilações culturais que habituaram as mulheres a se situarem em um patamar social inferior, cuja falsa segurança fomenta o comodismo e a enganosa impressão de conforto. Esses processos de imposição e doutrinação abafam os valores tradicionais africanos em que há compartilhamento de poder entre homem e mulher, maior igualdade entre ambos e instituem, através de longos processos doutrinários e apagamentos culturais, que a única verdade preponderante e benéfica a todos é aquela incentivada pelo homem português. (Silva, 2022, p. 11).

A obra de Paulina Chiziane é um enfrentamento necessário e a partir do momento que a escritora não abre mão de suas convicções e não rende as influências externas que buscar rotular, moldar ou estabelecer a forma de que a escritora expressa seu pensamento diante das suas histórias e das histórias das mulheres que representar o popular. De forma prática Chiziane eleva o debate de temas que visam diminuir ou manter a mulher em situação inferior, estes debates não estão restritos a Moçambique, como pudemos ver em Woolf e Floresta.

Érica Luciana de Souza Silva faz ponderações sobre a obra de Paulina Chiziane e sua importância considerando alguns fatores presentes na escrita da autora:

A obra da escritora Paulina Chiziane torna-se o espaço de poder em que há reverberação da voz feminina moçambicana, pois a autora fala como e pela mulher de seu país. Ela própria se considera uma contadeira de “estórias” e ali ela narra os casos que ouve de suas vizinhas, amigas e parentes. Ao mesmo tempo que fala sobre a mulher de seu país, os conflitos ali apresentados assumem um caráter universal por se tratar de dilemas enfrentados por muitas mulheres em várias partes do planeta. (Silva, 2022, p. 16).

Silva ainda complementa trazendo especificidades sobre a oralidade tão presente no território moçambicano, considerando que o país ainda está em fase de aquisição da escrita, escrita essa de origem europeia advinda com o colonialismo.



Paulina Chiziane, em seus romances, mostra, por meio do olhar da mulher moçambicana, a cultura tradicional de seu país que é permeada pela oralidade. A autora subverte a literatura moçambicana ao trazer para seus textos aquelas que sempre foram ignoradas. Sua linguagem representativa de inúmeras mulheres carrega dores, conflitos, dilemas e conhecimentos que foram negligenciados e ignorados por grande parte da sociedade moçambicana por séculos e leva seus leitores a refletirem sobre os estudos de gênero e a forma como vivem as mais variadas mulheres de seu país. (Silva, 2022, p. 17).

Por fim, entendemos que a relevância de Paulina Chiziane para a literatura moçambicana está justamente ao trazer temas muitas vezes evitados por questões já anunciadas. Longe de trazer verdades absolutas e infalíveis, a obra de Chiziane constitui o cerne de uma história de Moçambique ainda não contada, de um país ainda recente, com uma formação peculiar, cuja configuração está moldada pelo resquício do colonialismo, bem como, o conflito pós-independência.

Portanto, sem perder de vista outras grandes personalidades que deram contribuições tão fundamentais quanto a de Paulina Chiziane, a literatura se demonstrou um instrumento de luta social ao longo da história de Moçambique. Sendo assim, de acordo ao novo momento onde surgem novas perspectivas de lutas já existentes, mas invisibilizadas ao longo do tempo, é salutar as discussões propostas por Chiziane por meio da sua escrita.

## 4 CAPÍTULO 2: FEMININO E FEMINISMO - UMA QUESTÃO DE GÊNERO

“Feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”.

,bell hooks

Neste capítulo faremos uma breve abordagem teórica a respeito do feminismo no intuito de fundamentar a análise de elementos de obras da escritora Paulina Chiziane e seu conceito de feminino que se contrapõe as amarras de abordagens teóricas de origem europeias e aos padrões estéticos negados pela escritora em sua produção artística, principalmente no campo literário.

O feminismo é um campo teórico muito extenso e possui diversas ramificações de pensamento que não será possível ser contemplados nesse estudo. Então, para organização didática escolhemos optamos por tratar as chamadas ondas feminista, destacando as contribuições trazidas por Heloísa Teixeira, principalmente no cenário brasileiro, bem como escolhendo quatro teóricas do feminismo de correntes diferentes e abordaremos um pouco sobre o pensamento de cada uma, com o de estabelecer possíveis relações com a escrita feminina de Paulina Chiziane. As teóricas escolhidas foram Simone de Beauvoir, Angela Yvonne Davis, bell hooks e Patricia Hill Collins.

### 4.1 BREVE HISTÓRICO DO FEMINISMO

O feminismo é um movimento que busca a igualdade de gênero em uma sociedade que historicamente foi dominada pela força masculina. Ao longo da história, o feminismo passou por diversas fases e ganhou desdobramentos. Estes desdobramentos possibilitaram mudanças de foco de acordo ao momento e anseio da população feminina na luta por condições paritárias, objetivando derrubar privilégios reservados ao homem.

Podemos falar de feminismos, apesar de ter um objetivo em comum, igualdade entre a mulher e o homem, combate ao sexismo e ao patriarcalismo, o feminismo possui ramificações e características próprias de cada fase ou pensamento filosófico das teóricas e expoentes da teoria feminista de acordo ao contexto histórico.

O movimento feminista surgiu na transição do século XVIII para o XIX, lá as mulheres começaram a questionar sua posição na sociedade, quando estavam delegadas as atividades domésticas e viviam em função do homem. Inicialmente

inspiradas nos ideais da revolução francesa, de igualdade, liberdade e fraternidade, as mulheres buscaram questionar padrões sociais em busca de ocupar um espaço de relevância na sociedade.

A mulher era culturalmente, por uma visão patriarcal, confinada ao espaço privado, “do lar”, submissa plenamente à figura masculina, quer fosse seu genitor ou companheiro; e quando casada, era tratada como mero objeto de procriação, considerada como propriedade dos homens, aos quais tinha o dever de obediência e subordinação. As mulheres eram oprimidas, escravizadas, exploradas, abusadas por homens que achavam possuir algum direito sobre a classe feminina. Por essa razão, as mulheres buscaram constantemente o seu direito de liberdade e de igualdade. (Silva; Carmo; Ramos; 2021, p. 102)

Didaticamente podemos dividir o movimento do feminismo em quatro fases, também chamadas de ondas. Cada onda tem motivações, percepções e são movimentos organizados de acordo ao momento histórico e o entendimento e lutas das mulheres do período que ocorreu, possuindo especificidades e entraves próprios.

O conceito de onda parte de uma analogia com as ondas do mar, fazendo alusão ao movimento das marés. Constância Lima Duarte traz ponderações de forma lúcida em relação ao conceito.

Longe de serem estanques, tais momentos conservam uma movimentação natural em seu interior, de fluxo e refluxo, e costumam, por isso, ser comparados a ondas, que começam difusas e imperceptíveis e, aos poucos (ou de repente) se avolumam em direção ao clímax – o instante de maior envergadura, para então refluir numa fase de aparente calma, e novamente recomeçar. (Duarte, 2003, p. 152)

A primeira onda data do início do século XIX, liderada por mulheres brancas objetivou conquistar direitos. Dentre os direitos conquistados podemos enumerar: direito ao voto, principal bandeira do movimento em com intuito de alcançar o sufrágio; participação política e direito de ingressar no mercado de trabalho. Entre as mulheres de destaques desse período podemos citar Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony, Emmeline Pankhurst, entre outras.

A primeira onda ocorre no século XIX e tem como pauta principal a busca das mulheres pelos direitos para alcançar igualdade com os homens, acreditando que iriam atingir essa finalidade por meio da educação e de uma relação mais simétrica dentro do casamento. (Silva; Carmo; Ramos 2021, p. 104)

Podemos subdividir a primeira em duas fases, a primeira inspirada nos ideais da revolução francesa, igualdade, liberdade e fraternidade e uma segunda fase em que o voto se tornou a principal pauta de luta, as mulheres ficaram conhecidas como *sufragistas*.

Esse movimento da primeira onda era realizado por mulheres brancas que tinham a finalidade de adquirir direitos iguais aos homens, como aprender a ler e a escrever, porque compreendiam que a suposta inferioridade se dava devido à educação ser diferente em relação aos homens; e também, em sua maioria, refutavam o casamento, enxergando dentro dele relações bastante assimétricas; devido à submissão imposta pela sociedade machista, eram abusadas sexualmente, criando uma concepção de casamento como uma forma de prostituição legal, ou de escravidão sexual, pois os homens teriam uma mulher à disposição para servi-los em todos os aspectos, inclusive sexualmente. (Silva; Carmo; Ramos; 2021, p. 107)

Já a segunda onda surgiu mesmo com o êxito alcançado com a conquista do voto na década de 1920. As desigualdades referentes ao posicionamento da mulher no contexto social continuaram latentes. Então a partir de 1960, as ativistas com acesso a academia, começaram a questionar padrões sociais e lidar com temas sensíveis em um cotidiano patriarcal. Temas como aborto, métodos contraceptivos, sexismos foram relevantes e caracterizam esse momento do feminismo.

Ainda na segunda onda, percebeu a transcendência do movimento feminista ao discutir temas como interseccionalidade, orientação sexual, raça, classes sociais, mercado de trabalho. Entre as principais expoentes desse período estão Betty Friedan, Kate Millet e Simone de Beauvoir, a última será objeto desse estudo.

A segunda onda feminista ocorre em 1960 e vai até 1980. Direitos foram conquistados na maior parte dos países, mas as mulheres eram iguais aos homens perante a lei apenas no papel, pois na prática essas igualdades não ocorriam. Então, esse movimento se preocupa em compreender por que ainda existe submissão das mulheres, será que elas seriam naturalmente inferiores aos homens e por isso não alcançavam na prática essa igualdade? Com isso, começa-se a questionar a ideia de mulher, de feminilidade. (Silva; Carmo; Ramos; 2021, p. 108)

Percebe-se que as conquistas da primeira onda foram substanciais, no entanto, ainda tinha muita margem para mudanças no que concerne a posição social da mulher na sociedade. Um debate amadurecido pelo acesso a academia e as produções teóricas foram elementos fundantes para os objetivos a serem alcançados pela segunda onda do feminismo.

A terceira onda surgiu na década de 1990, com o foco voltado para a valorização da diversidade; a luta de liberdade de gênero e contra a homofobia; a valorização das experiências femininas. O movimento se expandiu ganhou mais ramificações a partir desse período, motivados pelas conquistas alcançadas com a segunda onda. “Surge na época de 1990, trazendo as diversidades feminina, com demandas específicas, trazendo com bastante força do movimento negro, movimentos homossexuais, lesbianismo, transexuais entre outros” (Silva; Carmo; Ramos; 2021, p. 111). Podemos destacar como porta-vozes desse período Judith Butler, Ângela Davis e bell hooks.

Por fim, a quarta onda, perpassa o momento atual, com o avanço da tecnologia proporcionado pela expansão do uso da internet. A população conectada e usuárias ativas das redes sociais que culminaram na modificação da estrutura social atual. Entre os temas do momento atual estão a violência contra mulher; a misoginia; fortalecimento da identidade feminista; organização coletiva a favor da igualdade de gênero. Algumas teóricas expoentes dessa corrente são Rebecca Solnit, Laura Bates, entre outras.

Portanto, redes sociais, facebook, WhatsApp, Instagram, blogs, sites, youtube e outros são meios de informação e comunicação via internet, através desses aplicativos e sites permite-se a disseminação de informações sobre as causas feministas, alcançando inúmeros públicos. Com isso, possibilitou-se expandir as ideologias feministas como a defesa dos direitos de igualdade através de discursos virtuais, empoderando cada vez as mulheres, propiciando um novo mecanismo de fala. (Silva; Carmo; Ramos; 2021, p. 113)

No cenário brasileiro temos Heloísa Teixeira, que durante muito tempo foi conhecida como Heloisa Buarque de Hollanda, sobrenome do seu primeiro marido. Ela foi uma expoente do feminismo no território nacional. Nascida no Ribeirão Preto e desde muito jovem moradora do Rio de Janeiro, formada em Letras Vernáculas, professora universitária, escritora e produtora cultural.

Imortal da Academia Brasileira de Letras, morreu em 28 de março de 2025 aos 85 anos, deixando uma vasta produção no cenário cultural nas mais diversas linguagens, abordando temas e trazendo aspectos marginalizados da cultura, dando voz a periferia e manifestações das classes consideradas inferiorizadas perante a uma elite. “Temas comuns da agenda dos estudos culturais, como gênero, etnicidade e movimentos sociais, especialmente os feministas e negros, ganham, em suas

atividades, novos desenhos e, sobretudo, um sentido democratizante da maior relevância.” (Hollanda, 2018, p. 218).

Heloísa Teixeira foi uma estudiosa do movimento feminista e através da sua influência dentro do cenário acadêmico difundiu ideais no que se refere a luta da mulher por espaço de igualdade no cotidiano. A sua história de vida se confunde com sua produção, pois suas aflições e objetos de estudos estavam em consonância com sua realidade do dia-a-dia.

Não se rendeu ao academicismo tradicional, trazendo sempre à tona temas que contradiziam ao modelo estabelecido. Muitas das suas obras receberam diversas críticas, sendo consideradas inferiores, por tratar de temas não convencionais. Temos como exemplo, o livro *26 poetas hoje*, lançado em 1976, antologia que reuniu os melhores escritores da poesia marginal e que se consolidaria no cenário literário brasileiro.

Árduo aprendizado esse seu e das mulheres de sua geração que, premidas, mas também de alguma forma unificadas pela resistência e oposição à ditadura militar, tiveram que passar ao enfrentamento das estruturas patriarcais reprodutoras de desigualdades de gênero e sexo presentes em todos os lados da sociedade, inclusive nas esquerdas culturais que integravam. (Hollanda, 2018, p. 232).

A universidade das quebradas foi um grande projeto da escritora, considerado por ela o ápice da carreira. Através de um grupo de pesquisa coordenado por Teixeira, jovens artistas puderam fazer um intercâmbio dentro da universidade, aproximando o ambiente acadêmico e científico da realidade do que se era produzido nas ruas e, principalmente, no ambiente das periferias do Rio de Janeiro.

No contexto do feminismo, Heloísa Teixeira possui um grande lastro de contribuições. Se definindo como uma feminista, ela aproximou a produção cultural através da literatura e outras linguagens artísticas para a luta, principalmente em dois recortes temporais que envolveu o movimento do feminismo e que reverberou também no Brasil.

Através de produções autorais, bem como a organização de coleções com produções de outras escritoras feministas, Teixeira trouxe para a evidência o desenvolvimento do feminismo no Brasil a partir da década de 1970 e suas transformações ao longo desse tempo.

Obras como *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura* (1994), *Explosão Feminista* (2018), *Feminista Eu?* (2022), e a coleção *Pensamento Feminista*, composta por quatro volumes (2019-2020) fornecem um grande arcabouço teórico sobre o feminismo brasileiro desde a sua formação, consolidação e reestruturação atreladas a luta da mulher e da diversidade do conceito que o feminismo ganhou com a expansão e as ramificações criadas com o decorrer do tempo que trouxe aspectos historicamente marginalizados.

Desde pelo menos *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*, de 1994, Heloisa Buarque de Hollanda vem interpelando o pensamento feminista como uma força teórica inovadora no campo acadêmico e dotada de forte potencial crítico e político no conjunto da sociedade. (Hollanda, 2018, p. 232).

A relevância de Teixeira para o feminismo dentro da realidade brasileira é notória, diante da sua força ao lutar contra o sistema desde a época da ditadura militar, a sua percepção de feminismo foi ganhando robustez juntamente com a consolidação do movimento feminista no país. Toda a sua trajetória condiz a luta das mulheres por espaços, inclusive a adoção do sobrenome materno em 2023 foi um ato de grande importância dentro do ideário e de sua formação como uma proponente do feminismo.

Em linhas gerais, entendemos que o feminismo é um campo muito grande de estudos e com lutas que buscam elevar a mulher a um status de igualdade aos homens. Esse breve histórico visou trazer um panorama superficial da importância do feminismo, o que será salutar para o desenvolvimento dessa pesquisa e suas relações com a literatura de Paulina Chiziane.

#### 4.2 SIMONE DE BEAUVOIR

*O segundo sexo* é uma obra basilar da teoria feminista. Escrita pela escritora francesa Simone de Beauvoir em 1949, a obra trata sobre a ideia que a inferioridade da mulher estabelecida no período era uma questão social e não possuía relação com fatores biológicos, como era preconizada pelo pensamento patriarcal.

Neste subtópico faremos um recorte do referido livro, trazendo assim uma abordagem do pensamento de Beauvoir no que se refere as relações entre o homem e a mulher. Pertencente à segunda onda do feminismo, a obra representa um

amadurecimento as conquistas logradas até o período com o objetivo de alcançar um espaço participativo social que vai muito além do direito ao voto.

Como embasamento para esta abordagem escolhemos a quarta parte do livro através de seu capítulo único, cujo título é *A Mulher Independente*. Em linhas gerais, essa parte da obra após uma longa construção do perfil do “segundo sexo” baseado em questões fisiológicas, biológicas, sociais, traçando perfis de mulher, trazendo um desenvolvimento visando desmistificar o pensamento que impõe o homem em uma condição de superioridade.

A partir da sua icônica frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, Simone de Beauvoir irá desenvolver toda a narrativa a respeito da construção e da formação feminina de acordo a fatores sociais, as quais desde muito jovem são moldadas para atender a padrões determinados. Estes padrões têm origem no pensamento patriarcal que delega a mulher a função de obediência e submissão ao homem.

O nosso estudo inicia-se após uma fase de conquistas obtidas pelas mulheres sufragistas, como o direito ao voto e a participação na vida política. No entanto, isso não foi uma garantia de uma influência efetiva e significativa e presença da mulher nos processos decisórios.

O código francês não mais inclui a obediência entre os deveres da esposa, e toda cidadã tornou-se eleitora; essas liberdades cívicas permanecem abstratas quando não se acompanham de uma autonomia econômica. A mulher sustentada — esposa ou cortesã — não se liberta do homem por ter na mão uma cédula de voto; se os costumes lhe impõem menos obrigações do que outrora, as licenças negativas não lhe modificaram profundamente a situação; ela continua adstrita à sua condição de vassala. Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. (Beauvoir, 2016, p. 449)

Portanto, de acordo ao exposto por Beauvoir em termos práticos a conquista do voto pela população feminina não representou grandes mudanças para a mulher, que dependente economicamente do homem, o status ocupado por ela de submissão ao marido seguiu inalterado.

A autora entende que somente através do trabalho e da sua independência econômica e financeira é que a mulher pode de fato alcançar a sua liberdade de forma concreta, sendo que leis, como a que garantiu o voto feminino tornou-se meramente proforma. Este pensamento vai em encontro as ideias de Virgínia Wolf por meio da conquista de *Um teto todo seu*.



Segundo Beauvoir, o trabalho e a realização profissionais são elementos fundamentais para a tão sonhada independência da mulher. O ingresso no ambiente profissional poderá proporcionar instrumento que viabilizem a conquista de espaço negado a mulher por meio da estrutura social vigente. A autora compreende que apenas uma minoria das mulheres consegue se libertar por meio do trabalho, rompendo assim as barreiras existentes.

Entretanto, existe hoje um número assaz grande de privilegiadas que encontram em sua profissão uma autonomia econômica e social. São elas que pomos em questão quando indagamos das possibilidades da mulher e de seu futuro. Eis por que, embora constituam ainda apenas uma minoria, é particularmente interessante estudar de perto sua situação; é a propósito delas que os debates entre feministas e antifeministas se prolongam. (Beauvoir, 2016, p. 451)

Beauvoir considera as mulheres que alcançaram a independência por meio da profissão e da colocação no mercado de trabalho romperam de certa forma com o sistema posto, no entanto, não gozam do mesmo prestígio dirigido a figura masculina. “A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem”. (Beauvoir, 2016, p. 451)

Percebe-se que a batalha em busca de condições igualitárias continua presentes até nos dias atuais. As mulheres recebem menos do que homens para exercer o mesmo trabalho. A ocupação dos cargos de alto escalão, em sua grande maioria, está destinada aos homens. Ou seja, estas peculiaridades foram identificadas por Simone de Beauvoir em meados do século XX e ainda se encontram presentes quase cem anos depois.

A condição de inferioridade da mulher na sociedade é vista como algo estrutural. Sendo assim, o homem possui privilégios que o colocam em posição de destaque diante de diversos aspectos da vida cotidiana. Todo este emaranhado torna mais difícil a missão da mulher ao buscar sua liberdade, exigindo um esforço maior. Comparo a situação da mulher com a de uma atleta em uma corrida, em que um competidor possui o tênis mais tecnológico e moderno enquanto outro corre descalço.

Quer a mulher viva com os pais, ou seja casada, raramente os que a cercam respeitarão seu esforço como respeitam o de um homem; impor-lhe-ão serviços, tarefas desagradáveis, cercar-lhe-ão a liberdade; ela própria ainda se acha profundamente marcada por sua educação, respeitosa dos valores que os mais velhos afirmam, obsidiada por seus sonhos de infância e de adolescente; dificilmente concilia a herança de seu passado com o interesse de seu futuro. (Beauvoir, 2016, p. 467)

O cenário posto inviabiliza uma emancipação feminina, a educação desde criança é voltada para atender o bem-estar masculino, com imposição de tarefas e responsabilidade que demarcam um papel bastante consolidado. A posição dentro da família está voltada para as atividades domésticas e a manutenção da unidade familiar.

Imersa em um contexto histórico que podam o poder decisório da mulher, a autonomia é escassa. Neste contexto, Beauvoir diz que as mulheres praticantes de atividades artísticas é uma exceção e conseguem se tornar independentes.

Há uma categoria de mulheres a que estas observações não se aplicam pelo fato de que, longe de lhe prejudicar a feminilidade, sua carreira a fortalece; trata-se da categoria das mulheres que procuram superar pela expressão artística o próprio dado que constituem: atrizes, dançarinas, cantoras. Durante três séculos, foram elas, por assim dizer, as únicas que tiveram uma independência concreta no seio da sociedade e nesta ainda ocupam atualmente um lugar privilegiado. (Beauvoir, 2016, p. 471)

Contudo, pouquíssimas são as mulheres que logram sucesso ao se aventurarem no meio artístico, seja por medo de enfrentar os desafios impostos pela busca da emancipação ou por comodismo e aceitação da inferioridade imposta pelo homem.

Por isso é que da legião de mulheres que tentam bulir com as artes e as letras, bem poucas perseveram; mesmo as que superam esse primeiro obstáculo permanecerão muitas vezes hesitantes entre seu narcisismo e um complexo de inferioridade. Não saber esquecer-se é um defeito que lhes pesará mais fortemente do que em qualquer outra carreira; se seu objetivo essencial é uma abstrata afirmação de si, a satisfação formal do êxito, não se entregarão à contemplação do mundo: serão incapazes de criá-lo de novo. (Beauvoir, 2016, p. 475)

Simone de Beauvoir no decorrer de sua escrita vem trazendo implicação no que refere a conquista da independência da mulher. Elencando artifícios e estratégias que objetivam manter o status quo masculino. Negligenciar a mulher, desqualificando a capacidade cognitiva feminina é um mecanismo presente como arma ideológica e de preservação de paradigmas culturais.

Mas é em sua vida, sua correspondência, sua conversa que revelam seu gênio estranho; se tentam escrever, sentem-se esmagadas pelo universo da cultura, por ser um universo, de homens: não fazem senão balbuciar. Inversamente, a mulher que escolhe raciocinar, exprimir-se segundo as técnicas masculinas, fará questão de abafar uma singularidade de que desconfia; como a estudante, será facilmente aplicada e pedante; imitará a

seriedade, o vigor viril. Poderá tornar-se uma excelente teórica, poderá adquirir um sólido talento; mas ter-se-á imposto o repúdio de tudo o que nela havia de "diferente". Há mulheres loucas e mulheres de talento: nenhuma tem essa loucura no talento, que chamam gênio. (Beauvoir, 2016, p. 476-477)

Portanto, a mulher inserida em um contexto predominante masculino, com raízes voltadas para a manutenção da estrutura vigente, sente-se desencorajadas a estabelecer-se em um cenário, no qual seus pensamentos são invalidados perante quem detém o poder de decisão e controla os mecanismos sociais. Hoje, as mulheres já têm menos dificuldades em se afirmar; mas não superaram ainda inteiramente a especificação milenar que as confina em sua feminilidade. (Beauvoir, 2016, p.478)

Para finalizar, podemos considerar que o pensamento de Simone de Beauvoir buscou-se diminuir a discrepância do tratamento dirigido ao homem e a mulher. A supremacia masculina passou a ser questionada, *O segundo sexo* enquanto obra foi amplamente criticado no período de seu lançamento, umas das estratégias utilizadas pelo patriarcalismo, cujo objetivo consiste na tentativa de silenciamento da voz feminina. Contudo, no decorrer do tempo, a teoria publicada pela autora ganhou reconhecimento, sobretudo, no movimento feminista, servindo de arcabouço e fundamento teórico na luta pela igualdade e redução das diferenças entre homem e mulher.

#### 4.3 bell hooks

Dando continuidade ao nosso estudo de algumas teóricas feministas, vamos tratar de bell hooks, ativista e escritora americana. Nascida na década de 1950, ingressou na faculdade de letras na década de 1970 na universidade. Sendo negra de origem pobre, percebeu que somente através dos estudos poderiam ser a válvula de escape e representar uma mudança de vida.

Uma das grandes vozes da segunda onda do feminismo, teve como principal tema de escrita as mulheres negras, portanto, estando adepta ao feminismo negro, umas das mais diversas ramificações do movimento feminista. Assim como, em Simone de Beauvoir, o nosso objetivo não é esgotar o pensamento de bell hooks, mas trazer um breve retrato dos seus pensamentos de forma bastante superficial visando associar as ideias de femininos trazidas na obra e ideias de Paulina Chiziane.

Bell hooks tratou de diversos temas na vasta bibliografia, como educação, feminismo, raça, sendo que, escreveu livros até para o público infantil, demonstrando sua versatilidade literária. Para este subtópico escolhemos como base teórica o livro *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. A partir de um recorte de traremos alguns posicionamentos da escritora sobre alguns determinados assuntos, conforme veremos a seguir.

Inicialmente, precisamos entender o conceito de feminismo trazido pela autora. Na sua visão o movimento feminista é distorcido pela sociedade patriarcal, que busca enviesar e reduzir a importância da luta da mulher por igualdade. De acordo ao pensamento de hooks, uma ideia errônea vinculada ao feminismo é que uma hipotética rivalidade criada da mulher com o homem, em busca de tomar o seu lugar de dominação social.

Como todas e todos defensores das políticas feministas sabem, a maioria das pessoas não entende o sexismo ou, se entende, pensa que ele não é um problema. Uma multidão pensa que o feminismo é sempre e apenas uma questão de mulheres em busca de serem iguais aos homens. E a grande maioria desse pessoal pensa que feminismo é anti-homem. A incompreensão dessas pessoas sobre políticas feministas reflete a realidade de que a maioria aprende sobre feminismo na mídia de massa patriarcal (Hooks, 2018, p.15)

A veiculação de ideias equivocadas do feminismo traz dificuldades para a consolidação, aceitação e a conquistas de direitos pleiteados pela mulher. Por isso, o conhecimento e o estudo são necessários para o entendimento da causa feminista que busca condições iguais, independente de gênero, quebrando com o sistema patriarcal de supremacia masculina.

O entendimento de hooks é de que alguns artifícios ideológicos contribuem para a manutenção do patriarcalismo. Dentre esses, podemos citar o cristianismo que moldou a organização social ao longo da história, sendo que, a igreja sempre teve um grande poder de influenciar culturalmente os costumes demarcando era com seus ensinamentos e dogmas religiosos.

Uma vez que nossa sociedade continua sendo primordialmente uma cultura “cristã”, multidões de pessoas continuam acreditando que deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens no ambiente doméstico. Ainda que multidões de mulheres tenham entrado no mercado de trabalho, ainda que várias mulheres sejam chefes e arrimo de família, a noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a de que a lógica da dominação masculina está intacta, seja o homem presente em casa ou não. A equivocada noção de movimento feminista como anti-homem carregava o

equivocado pressuposto de que todos os espaços femininos seriam necessariamente ambientes em que o patriarcado e o pensamento sexista estariam ausentes. Várias mulheres, inclusive aquelas envolvidas com políticas feministas, escolheram acreditar nisso também. (Hooks, 2018, p. 15)

Portanto, segundo a autora, o pensamento cristão é um forte aliado para a manutenção do status de supremacia masculina na sociedade. Mesmo considerando que atualmente muitas mulheres conquistaram avanços, com acesso a estudo, mercado de trabalho e espaço que outrora destinados exclusivamente aos homens, algumas características do patriarcalismo continuam presentes no cotidiano.

Diante deste contexto, hooks busca desmistificar o feminismo como o movimento que quer derrotar o homem. Ela entende que mais do que uma rivalidade plantada, o movimento feminista busca garantir o espaço para mulher, liberdade e equidade perante a sociedade.

Ainda falando sobre as ideias do movimento feminista de acordo a bell hooks, entende-se que a união feminina contra os abusos pregados pelo pensamento patriarcal é de fundamental importância para lograr sucesso diante de pautas sensíveis e relevantes. Conforme dito por Beauvoir a conquista do voto foi um passo importante para as mulheres, mas isso não foi suficiente para garantir a liberdade feminina na garantia de direitos indispensáveis de caráter básico, como direito ao estudo, ao trabalho, a mudanças no vestuário, dentre outros, perpassando pela luta contra a sexualização do corpo feminino.

Antes de tudo, o movimento feminista incentivava as mulheres a parar de nos ver e de ver nosso corpo como propriedade do homem. Para exigir ter controle sobre nossa sexualidade, sobre métodos contraceptivos eficientes e direitos reprodutivos, o fim dos estupros e dos abusos sexuais, precisávamos nos unir em solidariedade. Para que as mulheres mudassem a discriminação no ambiente de trabalho, precisávamos fazer pressão como grupo para mudar as políticas públicas. Desafiar e mudar o pensamento sexista das mulheres era o primeiro passo para criar uma sororidade poderosa que acabaria por balançar nossa nação. (Hooks, 2018, p. 27-28)

No entanto, a escritora percebeu que não existe uma uniformidade dentro do movimento feminista, surgindo a necessidade da construção de ramificações que venham contemplar especificidades de grupos de mulheres que diferem de acordo a classe social, a cor da pele, nível educacional e outros aspectos particulares de cada uma.

Desde seu início, o movimento feminista foi polarizado. Pensadoras reformistas escolheram enfatizar a igualdade de gênero. Pensadoras revolucionárias não queriam apenas alterar o sistema existente para que mulheres tivessem mais direitos. Queríamos transformar aquele sistema para acabar com o patriarcado. Como a mídia de massa patriarcal não estava interessada na visão mais revolucionária, nunca recebeu atenção da imprensa dominante. A noção de “libertação da mulher” que pegou – e ainda está no imaginário do público – era aquela que representava mulheres querendo o que os homens tinham. E essa era a ideia mais fácil de realizar. Mudanças na economia do país, depressão econômica, desemprego etc. criaram um clima favorável para que cidadãos de nossa nação aceitassem a noção de igualdade de gênero no mercado de trabalho. (Hooks, 2018, p.15)

Como se pode notar hooks traz uma divergência de ideias dentro do próprio movimento, isso pode ser explicado pelo objetivo de conquista de cada corrente, de acordo aos seus anseios, motivação que levaram as mulheres questionar e lutar por condições melhores. Esse fator foi relevante até para o enfraquecimento do movimento feminista, à medida que determinado grupo alcançou suas conquistas, abandonando assim a luta. Hooks (2018, p.17) diz que a “maioria das mulheres, em especial as mulheres brancas privilegiadas, deixou até mesmo de considerar noções do feminismo revolucionário, quando começou a alcançar poder econômico dentro da estrutura social existente”.

Sendo assim, a autora traz o conceito de sororidade como um aspecto importante para unidade e continuidade do movimento feminista. A sororidade parte do pressuposto da igualdade e do compromisso com a causa feminina, levando em consideração as diferenças constatadas internamente no movimento. Essa união é de suma importância para a consolidação, já que, como foi dito, há existência de classe dentro do feminismo que se aproxima conforme suas origens, seus ideais e pautas de lutas.

A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado. É importante destacar que a sororidade jamais teria sido possível para além dos limites de raça e classe se mulheres individuais não estivessem dispostas a abrir mão de seu poder de dominação e exploração de grupos subordinados de mulheres. (Hooks, 2018, p. 28)

A divergência em alguns pontos específicos, segundo hooks não pode ser um impedimento para o fortalecimento do movimento feminista. Portanto, uma segregação das bases do feminismo só favorece e facilita a manutenção do sistema patriarcal de submissão da mulher. Assim posto, abrir mão de determinadas convicções em prol de uma causa maior é o cerne para o estabelecimento de um novo cenário mais amplo e consolidação das ideias feministas.

Essa cisão de ideais trouxe a necessidades da criação de novos campos de teorias dentro dos femininos que contemplasse as expectativas de cada grupo. A partir da divisão de classe dentro movimento de acordo a origem e outros aspectos já discutidos, foram surgindo ramificações dentro da teoria feministas, entre elas, o feminismo negro, o qual bell hooks é uma forte expoente.

Inserir classe na pauta feminista abriu um espaço em que interseções entre classe e raça ficaram aparentes. Dentro do sistema social de raça, sexo e classe institucionalizados, mulheres negras estavam claramente na base da pirâmide econômica. Inicialmente, nos movimentos feministas, mulheres brancas com alto nível de educação e origem na classe trabalhadora eram mais visíveis do que mulheres negras de todas as classes. Elas eram minoria dentro do movimento, mas a voz da experiência era a delas. Elas conheciam melhor do que suas companheiras com privilégio de classe, de qualquer raça, os custos da resistência à dominação de raça, classe e gênero. (Hooks, 2018, p. 51)

Fica evidente diante do exposto, que a divisão de classe trouxe à tona algumas diferenças no que se refere o papel exercido e desenho estrutural do movimento feminista liderado por mulheres brancas, da classe dominante e com alto grau de instrução. Por outro lado, o papel da mulher negra, trabalhadora e de classe mais baixa era de fundamental importância dentro do movimento, mesmo sendo a minoria.

Contudo, essa divisão de certa forma foi prejudicial para o feminismo de forma geral, já que, essa discordância serviu de artifício para invalidação da luta feminina, sobretudo, no que compete as classes mais baixas, trabalhadora e composta em sua maioria por mulheres negras.

O patriarcado convencional reforçou a ideia de que as preocupações das mulheres de grupos com privilégio de classe eram as únicas dignas de atenção. A reforma feminista teve como objetivo obter igualdade social para mulheres dentro da estrutura existente. Mulheres privilegiadas queriam igualdade em relação aos homens de sua classe. Apesar do sexismo dentro de sua classe, elas não teriam desejado obter o que tinham os homens da classe trabalhadora. Os esforços feministas para garantir às mulheres igualdade social em relação aos homens de sua classe nitidamente coincidiam com os receios patriarcais de supremacia branca e capitalista de

que os poderes brancos pudessem diminuir, se pessoas não brancas obtivessem o mesmo acesso ao poder econômico e ao privilégio. Apoiando o que efetivamente se tornou o poder branco, o feminismo reformista possibilitou que o patriarcado de supremacia branca convencional reforçasse seu poder, enquanto simultaneamente minava as políticas radicais do feminismo. (Hooks, 2018, p. 52)

Em linhas gerais, podemos entender que o surgimento de um feminismo negro veio da necessidade de contemplar aspectos suprimidos pelo movimento de cunho tradicional, liderado por mulheres brancas e de classe social elevada, que colocou em segundo plano, pautas tão importantes como o racismo e as especificidades das pautas que envolvem a mulher negra de classe baixa e proletária.

Naquele tempo, mulheres brancas que não queriam encarar a realidade do racismo e da diferença racial nos acusaram de ser traidoras por termos introduzido a questão de raça. Equivocadamente, viram-nos desviando o foco de gênero. Na realidade, exigíamos um olhar objetivo para o status das mulheres e que a compreensão realista servisse como fundamentação para uma política realmente feminista. Nossa intenção não era diminuir a visão de sororidade. Procurávamos estabelecer políticas concretas de solidariedade que possibilitariam uma sororidade genuína. Sabíamos que não poderia haver verdadeira sororidade entre mulheres brancas e mulheres não brancas se as brancas não fossem capazes de abrir mão da supremacia branca, se o movimento feminista não fosse fundamentalmente antirracista. (Hooks, 2018, p. 69)

Bell hooks como uma das pioneiras entendeu a importância de não dissociar a luta feminista da luta antirracista. Essa associação teve resistência dentro do próprio movimento feminista que não abria mão da supremacia branca, buscando uma igualdade social e enviesada, demonstrando parcialidade e a invisibilização da mulher negra e pobre dentro do contexto, ratificando determinados resquícios do patriarcalismo.

Por fim, o pensamento de bell hooks se torna um arcabouço teórico pertinente para essa pesquisa. Diante desse pequeno delineamento resumido da sua concepção de feminismo, podemos trazer elementos que vão desde o conceito, a importância da união feminina ao surgimento de um feminismo negro. Todo esse embasamento será relacionado com as ideias de Paulina Chiziane e seu posicionamento enquanto uma escritora africana e negra, buscando entender de que forma os pensamentos de hooks se aproximam ou são dissonantes da contadora de histórias.



#### 4.4 PATRÍCIA HILL COLLINS

Para finalizar nossos estudos sobre as teóricas do feminismo, vamos falar nesse tópico sobre Patrícia Hill Collins. Assim com bell hooks, é uma teórica do feminismo negro, pertencente a segunda onda do feminismo. De origem de uma classe trabalhadora, Collins formou-se em sociologia e estudou em Harvard. É uma das mais influentes pensadoras do feminismo negro americano.

Entre os conceitos mais difundidos por Patrícia Hill Collins está o de *Interseccionalidade*, com a publicação de uma obra com o mesmo nome, a qual trata sobre as relações que formam a sociedade através do poder, da raça, da sexualidade, entre outros.

Seu livro de maior reconhecimento chama-se *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, publicado pela primeira vez em 1990. Esta obra serviu de base para esta pesquisa, trazendo um recorte de um livro denso e extenso, mas extremamente necessário para a compreensão do feminismo negro e suas implicações para a luta da mulher negra na luta contra o patriarcalismo.

Na nossa abordagem sobre o pensamento de Patrícia Hill Collins, escolhemos tratar sobre a questão da mulher negra, sua relação com o trabalho com a família e o enquadramento social esperado por uma sociedade machista, cujo feminismo negro tem a intenção derrubar as barreiras que colocadas em segundo plano, situação agravada pela questão racial.

Ao longo deste trabalho já foi afirmado algumas vezes sobre o papel ocupado pela mulher no contexto social de acordo ao pensamento patriarcal. Neste cenário, a mulher é submissa ao homem e deverá cumprir funções que envolvem a preservação de uma estrutura familiar tradicional. Dona do lar, a mulher é obrigada a cumprir ritos que envolve o cuidar de marido, filhos, tarefas domésticas, entre outras responsabilidades que propiciam a manutenção da supremacia masculina.

Diante deste contexto, a sonegação da visibilidade da mulher é a tônica do pensamento patriarcal. Sendo que, a mulher negra sofre um processo mais severo, pois fatores como o racismo potencializa essa marginalização feminina, esse fato pode ser observado dentro do próprio movimento feminista, como vimos no subtópico que trata sobre bell hooks.

Um tema menos desenvolvido, mas igualmente importante, diz respeito à maneira como o trabalho doméstico não remunerado das mulheres negras é simultaneamente limitador e empoderador. Em particular, pesquisas sobre o trabalho não remunerado das mulheres negras estadunidenses em suas famílias estendidas continuam menos desenvolvidas no pensamento feminista negro que pesquisas sobre o trabalho remunerado. (Collins, 2019, p. 122)

Segundo Collins, as relações de trabalho que se referem as mulheres negras estão em fase inicial de desenvolvimento, sobretudo, do ponto de vista do trabalho doméstico e não remunerado. O trabalho doméstico é um pilar para o patriarcalismo a partir do momento que o mesmo é a exemplificação da submissão feminina os costumes e tradições familiares.

De acordo a essa configuração tradicional, a família é formada por um casal heterossexual, pai, mãe e filhos. As funções bem definidas e engessadas. Enquanto o pai é o provedor do lar, a mãe é responsável por cuidar das famílias, realizando as tarefas domésticas e garantindo a criação dos filhos. (Collins, 2019, p. 123)

Além das tarefas domésticas, a mulheres negras também estavam atuando no campo, trabalhando em plantações. Essa dupla jornada é uma forma de evitar a emancipação feminina, fatos que ainda estão presentes na sociedade atualmente, mesmo com os avanços e conquistas das mulheres nos últimos dois séculos.

Para exemplificar as facetas do patriarcalismo através do trabalho, Collins afirma que na jornada dupla da mulher negra, mesmo após a emancipação da população negra, quem tinha direito de receber a remuneração pelo trabalho desenvolvido era o marido.

Durante ao menos 75 anos após a emancipação, a grande maioria das famílias negras ainda permanecia no Sul. As trabalhadoras negras foram confinadas a duas ocupações principais. A maioria trabalhava no campo, e o chefe da unidade familiar estendida (um homem) recebia todo o salário ganho pelo grupo. Era um trabalho duro, exaustivo, que pouco diferia daquele das afro-americanas escravizadas. (Collins, 2019, p. 123)

Ainda falando sobre as relações trabalhistas e a mulher negra, a falta de oportunidades para o ingresso no mercado de trabalho em virtude de toda uma estrutura que envolvem a falta de oportunidade de estudos, o racismo e patriarcalismo, conduziam a mulheres a um destino fatal, o trabalho doméstico. Considerando o que preconiza o patriarcalismo, a mulher está destinada ao exercício das tarefas do lar, então, nada mais oportunista do que preparar, desde muito jovem,

as meninas para assumirem essas funções. Segundo Collins (2019, p. 135) “o trabalho doméstico era a outra ocupação básica dentre as possibilidades de trabalho assalariado para as mulheres negras. Entendendo que esse tipo de trabalho era inevitável, as famílias tentavam preparar as jovens negras”.

As relações entre trabalhadoras e empregadores não diferiam em muita coisa do vivenciado em ambiente familiar. Sendo que, adicionado a remuneração precária obtida pelas mulheres, em sua maioria negra, deteriorava mais esta relação elevando em outro grau o nível de subserviência entre patrão e empregadas domésticas. “A deferência era importante, e as mulheres submissas ou que representavam bem o papel de serviçais obedientes eram mais valorizadas por seus empregadores, independentemente da qualidade de seu trabalho”. (Collins, 2019, p. 138).

Collins em sua problematização em torno do trabalho exercido pela mulher negra e sua consequente precarização aborda a transformação das conexões entre a submissão feminina e atuação profissional da mesma.

Duas mudanças importantes impactaram o trabalho remunerado das mulheres negras estadunidenses. A primeira foi terem passado do serviço doméstico para o trabalho industrial e administrativo. A segunda foi a integração das mulheres negras à divisão internacional do trabalho em serviços de baixa remuneração, que não geram renda suficiente para o sustento de uma família. (Collins, 2019, p. 123)

No cenário americano, de acordo a Collins, em termos práticos o que se percebeu que a inserção da mulher no mercado trabalho nas condições ofertadas não modificou e nem mudou a sua participação de forma efetiva. A mulher negra passou a ocupar empregos de baixa remuneração e pouco poder decisório, o qual se manteve nas mãos de uma minoria masculina.

Sendo assim, as semelhanças entre o trabalho exercido pelas mulheres em contexto familiar são perceptíveis. Considerando que enquanto trabalhadoras do lar não tinham remuneração e dependia de uma figura masculina provedora de seu sustento, o fato da mulher trabalhando com salários baixos e em funções de subalternidade, negando espaços, principalmente as mulheres negras, principal tema de estudo de Patrícia Hill Collins.

O trabalho realizado por mulheres negras pobres se assemelha às tarefas há muito associadas ao serviço doméstico. No passado, o serviço doméstico era confinado às residências particulares. Hoje, ao contrário, os trabalhos ligados a cozinha, limpeza, enfermagem e cuidado de crianças viraram rotina e foram

descentralizados em uma série de restaurantes de *fast-food*, serviços de limpeza, creches e outros do setor de serviços. As mulheres negras exercem trabalho semelhante, mas em ambiente diferente. (Collins, 2019, p. 149)

A modificação das relações trabalhistas e participação da mulher negra no mercado de trabalho, como estruturado atualmente, é um instrumento de dominação e manutenção de um status social no que se refere a mulher e, sobretudo, a população negra que continua invisibilizada por um processo histórico e proposital que perdura durante ao longo do tempo.

O pensamento de Patrícia Hill Collins destacado nesse pequeno tópico buscou trazer uma abordagem diferente do feminismo de Simone de Beauvoir e bell hooks. Patrícia Hill Collins e bell hooks juntamente com Angela Y. Davis são as teóricas mais reconhecidas do feminismo negro dentro dos Estados Unidos. Dentro da nossa proposta de pesquisa, optamos por trazer as duas primeiras em duas perspectivas distintas.

Vale ressaltar, que pela limitação e o objetivo deste trabalho, priorizamos trazer uma abordagem no que se refere as relações de trabalho, as condições oferecidas a mulher negra e o seu processo de marginalização que ganhou novas formatações ao decorrer do tempo, que supostamente caracterizavam avanços para população feminina.

Com isso, entendemos que a configuração atual permite a manutenção do patriarcalismo e desta estrutura vigente de submissão da mulher na sociedade atual do século XXI. Portanto, é necessário que campos teóricos como o feminismo negro é salutar na constante luta pela mulher, de forma holísticas, não perdendo de vistas as conquistas que iniciaram com o direito ao voto feminino, lá na primeira onda. Contudo, a luta da mulher foi redimensionada diante da luta pela igualdade e o rompimento com o pensamento patriarcal ainda vigente na sociedade.

#### 4.5 ANGELA DAVIS

Angela Yvonne Davis nascida em 1944 na cidade de Birmingham, Alabama (EUA), cresceu em ambiente de segregação racial. Desde muito jovem ao ingressar na universidade se engajou na luta pela igualdade racial, participando de grupos como os Panteras Negras. Foi presa em 1970, sendo absorvida somente em 1972, após uma grande campanha pela sua libertação.

Ativista atuante, inserida na segunda do feminismo, possui um legado no que se refere ao feminismo negro, versando por diversos aspectos que envolvem a Interseccionalidade e luta antirracista, principalmente no que concerne a mulher, mas sem deixar de lado outros temas relevantes ao povo negro, o processo de decolonização e as relações de raça, gênero e opressão.

Para este subtópico traremos como abordagem teórica dois capítulos de uma aclamada obra da filósofa, *Mulheres, Raça e Classe* (1981). Neste livro, Angela Davis traz importantes discussões sobre o processo de escravidão de mulheres negras nos Estados Unidos demonstrando o entrelaçamento entre raça, classe e gênero e de que forma este torna-se instrumento de opressão.

Os capítulos escolhidos como base teórica foram os seguintes *O significado de emancipação para as mulheres negras* (capítulo 5) e *Educação e libertação: a perspectiva das mulheres negras* (capítulo 6). Nestes capítulos podemos perceber a abordagem da escritora de um processo de manutenção de escravagismo após a libertação através de novos mecanismos criando pela elite branca e como a negação a educação formal corrobora para solidificação desse processo e de que forma esse contexto pode se tornar mais cruel quando se é uma mulher negra inserida nesse cenário.

Davis realiza uma viagem histórica sobre a situação da mulher negra após quatro séculos de abolição do sistema escravagista nos EUA. Ela explica que depois de passado um longo período, a mulher negra ainda não conseguiu romper barreiras de acesso para novos espaços, sendo-lhe reservados atividades específicas, principalmente de modalidades rurais. De modo que, as poucas que burlavam o sistema restavam-lhe tarefas de cunho domésticos, ou seja, atuando como serviçais da elite branca dominante. Utilizando dados do censo de 1890, a escritora faz um panorama da situação feminina e atuação laboral no período, conforme veremos a seguir.

De acordo com o censo de 1890, havia 2,7 milhões de meninas e mulheres negras com idade acima dos dez anos. Mais de 1 milhão delas eram trabalhadoras assalariadas: 38,7% na agricultura, 30,8% nos serviços domésticos, 15,6% em lavanderias e ínfimos 2,8% em manufaturas. As poucas que encontraram emprego na indústria realizavam os trabalhos mais sujos e com os menores salários. Considerando que suas mães escravas também haviam trabalhado nas usinas de algodão do Sul, nas refinarias de açúcar e até mesmo nas minas, elas não haviam conseguido um progresso significativo. (Davis, 1981, p. 102)

Percebe-se que a estrutura escravagista é muito presente ao analisarmos os dados, demonstrando uma ideia de manutenção de poder e negação e inferiorização da mulher ao reserva-lhe determinados postos de trabalhos, com salários menores e condições insalubres e de submissão.

Angela Davis aborda a situação insustentável promovida pelos donos de terras que através de arrendamentos impagáveis mantinha um processo de escravização da população negra.

Assim como acontecia na época da escravidão, as mulheres negras que trabalhavam na agricultura – como meeiras, arrendatárias ou assalariadas não eram menos oprimidas do que os homens ao lado de quem labutavam o dia todo. Em geral, elas eram obrigadas a assinar “contratos” com proprietários de terras que desejavam reproduzir as condições de trabalho do período anterior à Guerra Civil. Com frequência, a data de expiração do contrato era mera formalidade, uma vez que os proprietários podiam alegar que os trabalhadores lhes deviam mais do que o equivalente ao período de trabalho prescrito no contrato. Como resultado da emancipação, uma grande quantidade de pessoas negras se viu em um estado indefinido de servidão por dívida. As pessoas que trabalhavam como meeiras, que supostamente eram donas do produto de seu trabalho, não estavam em melhor situação do que quem trabalhava para quitar dívidas. Aquelas que “arrendaram” a terra imediatamente após a emancipação raramente possuíam dinheiro para saldar os pagamentos do aluguel ou para comprar o que precisavam antes da colheita da primeira safra. Exigindo até 30% de participação, proprietários de terras e comerciantes detinham parte da safra como garantia. (Davis, 1981, p. 103)

Diante do exposto, percebe-se que a escravidão ganhou novos contornos por quem detinha o poder, com mecanismo tão cruéis diante de uma estrutura racista, estrutura esta que nega espaços de igualdade e possibilidade de ascensão social a população negra e que age de forma mais pungente diante da mulher, escarando rótulo patriarcal e de machismo presente no período.

Como dito anteriormente, a condição feminina era degradante, quando não estava destinada a trabalhar no campo, a outra ocupação possível para as mulheres era os serviços domésticos, o que não mudava muito o cenário de humilhação e submissão.

Mesmo em liberdade, os serviços domésticos feito pelas mulheres negras eram análogos ao do sistema escravagista, com carga horário desumana, não possuía nenhum direito e era tratada como um ser inferior perante a família branca, que na sua concepção estavam-lhe fazendo favores ao deixar ingressar em um ambiente civilizado e branco. Sendo de vítima dos mais diversos abusos de cunho, psicológicos,

físicos e sexuais pela oportunidade de ter um emprego e levar o mínimo de sustento para a sua família.

Desde a Reconstrução até o presente, as mulheres negras empregadas em funções domésticas consideraram o abuso sexual cometido pelo “homem da casa” como um dos maiores riscos de sua profissão. Por inúmeras vezes, foram vítimas de extorsão no trabalho, sendo obrigadas a escolher entre a submissão sexual e a pobreza absoluta para si mesmas e para sua família. (Davis, 1981, p. 106)

Neste cenário de invisibilização e de racismo latente incorporado por questões que denotam a mulher, sobretudo de origem negra, o processo de emancipação feminina torna-se ainda mais difícil na conjuntura posta. A voz negada à população negra que era obrigada a se submeterem às situações desumanas perante uma estrutura cristalizadas, é uma luta em que Angela Davis fez um recorte no sentido de entender as posições da sociedade vigente.

Outro fator necessário abordado por Davis é o processo de educação e de que forma ele pode contribuir para a emancipação da mulher negra. A falta de conhecimento é mais um mecanismo de marginalização e de manutenção da estrutura de cunho machista que divide a sociedade em classe estabelecendo critérios de acordo a raça, gênero e origem social.

Com frequência, os poderes mistificadores do racismo emanam de sua lógica irracional e confusa. De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação. (Davis, 1981, p. 116-117).

O direito negado à população negra baseado em fatores meramente ideológicos é um processo de continuidade do racismo de submissão ao povo branco. Davis evidencia que a vontade de estudar foi anseio da população negra desde o século XVIII, porém foi-lhe negada a chance de acesso ao conhecimento letrado por quem dominava o sistema. Neste sentido, ela traz como exemplo uma ex-escravizada que fundou uma escola voltada para a população pobre, atendendo tanto negros e brancos, um nítido movimento de resistência e busca pela emancipação através da difusão de conhecimento.

Foi também no ano de 1793 que uma ex-escrava que havia comprado a própria liberdade abriu uma escola na cidade de Nova York, conhecida como Escola Katy Ferguson para Pobres. Seus alunos, que ela buscava em abrigos, vinham tanto da população negra quanto da branca (28 e 20, respectivamente) e possivelmente eram tanto meninos como meninas. (Davis, 1981, p.117).

Angela Davis traz outros exemplos de mulheres que através da educação furaram a bolha imposta pela elite branca e machista. Como uma professora que pleiteou a possibilidade de meninas negras frequentarem a escola, acabando sendo presa em represália a sua iniciativa.

Neste contexto, podemos entender que um processo de sororidade entre as mulheres brancas a favor de meninas e mulheres negras, até porque a elite era masculina e essas personagens também sofriam entraves impostas pelo sistema patriarcal dominante do período. “A sororidade entre as mulheres negras e brancas era de fato possível e, desde que erguida sobre uma base firme – como no caso dessa incrível mulher e suas amigas e alunas –, poderia levar ao nascimento de realizações transformadoras” (Davis, 1981, p.119).

O acesso à educação pela população negra despertava uma consciência de luta contra a elite branca em busca de espaço no contexto social. Ao acessar o campo do conhecimento o sentimento a favor da libertação tornava-se evidente e a união coletiva era consequência deste processo.

Um movimento contra o analfabetismo tomou corpo, movimento este liderado por mulheres brancas e negras com o objetivo de promover o conhecimento a uma faixa da população que por circunstâncias escusas teve os direitos de acesso à escola negado. A união foi a tônica dessa grande campanha que teve grande êxito na região sul dos EUA.

Com a ajuda de suas aliadas brancas, as mulheres negras tiveram um papel indispensável na criação dessa nova fortaleza. A história da luta das mulheres por educação nos Estados Unidos alcançou o auge quando as mulheres negras e brancas comandaram juntas, depois da Guerra Civil, a batalha contra o analfabetismo no Sul. A união e a solidariedade entre elas ratificaram e eternizaram uma das promessas mais férteis de nossa história. (Davis, 1981, p.123).

A proposta de construção deste subtópico foi o entendimento de forma bem sucinta a respeito do feminismo e as relações de raça, gênero e luta de classe presentes na obra de Angela Davis. A escrita da ativista nos remete a luta histórica da



população negra por igualdade e as adversidades promovidas pelo racismo existente até atualidade, mas que tem sua gênese com a escravidão e a diáspora africana. Neste contexto, o recorte no que tange a mulher de submissão ao homem ganha contornos mais contundentes em virtude da sua cor da pele.

## 5 CAPÍTULO 3: EM VOLTA DA FOGUEIRA – FEMININOS COM PAULINA CHIZIANE

— “As mulheres, de mãos dadas, podem mudar o mundo, não é, Rami?”

Saly, Niketche: Uma história de poligamia

A construção desse capítulo partiu da premissa do entender a visão do feminino de Paulina Chiziane. Para tal tarefa, nos aprofundamos nas falas da escritora através de entrevistas, textos escritos, opiniões e outros artefatos que possibilitaram delinear o pensamento dela. Como vimos no capítulo anterior - o descrito e o escrito são campo interrelacionados dentro da perspectiva de Paulina Chiziane, partindo do pressuposto que a escrita dela tem como ponto de parte o descrito que se configura a partir da sua realidade vivida no seu cotidiano, a história vida da cultura moçambicana transcendendo e saindo do campo da oralidade e entrando no mundo do letramento.

Não perdendo de vista a necessidade de relacionar as ideias de Chiziane com a teoria estudada e buscar traçar paralelos que evidenciem de qual forma essas ideias estão presentes nas obras da escritora. Nessa pesquisa focaremos no livro *Balada de amor ao vento*, no entanto, faremos referências a *Niketche: Uma história de poligamia*.

Antes de adentrarmos de fato nas análises e descrições das entrevistas, faremos uma abordagem teórica sobre a entrevista como elemento biográfico. Entendemos que ao estudarmos e ao utilizamos a entrevista como elemento metodológico da nossa pesquisa bibliográfica, estamos trazendo abordagens e aspectos biográficos da escritora, que contribuíram de forma significativa para sua formação enquanto mulher. Para esse fim, usaremos como embasamento o livro “O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea” da escritora Leonor Arfuch, especificamente o capítulo 4: *Devires biográficos: a entrevista midiática*.

Neste livro a socióloga argentina traz uma abordagem sobre aspectos da construção biográficas e seus caminhos. Baseada na historicidade de vida e na diversidade do gênero linguístico, o livro traça uma perspectiva que contempla a ideia de relatos e passeiam por diversos campos na construção da narrativa biográfica e suas modulações, estabelecendo conexões com diferentes vieses do campo das ciências sociais.

## 5.1 ASPECTOS BIOGRÁFICOS PRESENTES NAS ENTREVISTAS

Para o alcance dos objetivos definidos para esta pesquisa, tornou-se necessário a definição do percurso metodológico a ser seguido. Entendendo que se trata de uma pesquisa bibliográfica, a imersão na literatura produzida correlata sobre o tema principal foi fundamental para o alcance de base teórica para fundamentação deste trabalho.

Neste contexto, a entrevista se tornou um importante artifício para o desenvolvimento da presente dissertação. Ao utilizarmos a entrevista em diversos formatos, em períodos e circunstâncias diferenciadas nos possibilitou um levantamento dos posicionamentos de Paulina Chiziane, o nosso tema principal e estabelecer relações com a teoria estudada, bem como, a sua produção literária.

Ao trazer Leonor Arfuch e seu estudo sobre a entrevista como aspecto biográficos, pressupomos que entender que tipo textual de cunho jornalístico traz elementos presentes no tratamento das informações extraídas das falas da escritora, sejam elas obtidas através da escrita ou por meio de audiovisual.

Para início de conversa, Leonor Arfuch entende que a origem da entrevista tem um cunho capitalista, para atender as demandas dos detentores do dinheiro. Considerando que a entrevista está voltada para o atendimento de uma necessidade mercadológica, com intuito de disseminar informações, definir tendências sociais, de comportamentos de acordo a paradigmas difundidos de forma intencional e com propósitos bem definidos.

A entrevista está, assim, indissoluvelmente ligada a consolidação do capitalismo, da lógica do mercado e da legitimação do espaço público, por meio de suas palavras autorizadas, em sua dupla vertente do social e do político. É peça-chave da visibilidade democrática assim como da *uniformidade*, essa tendência constante a modelização das condutas, um dos fundamentos da ordem social. Mas esse desdobramento do público, que abarca toda uma gama de posições sociais, é também, como não poderia deixar de ser, do privado, nas múltiplas tonalidades que a interlocução pode oferecer. Assim, tanto no retrato dos “grandes nomes” quanto em outras atribuições coextensivas, que foram se ampliando através das décadas (a consulta política, a construção da notícia de atualidade, o fato “pela boca dos protagonistas”, o testemunho, os bastidores, as regras da arte, as histórias de vida de gente comum etc.), se expressará sempre, em maior ou menor medida, a marca da subjetividade, essa notação diferencial da *pessoa* que habilita o discurso da própria experiência. (Arfuch, 2010, p. 153)

Sendo assim, a popularização da entrevista teve um viés de manutenção e reprodução de tendências. Portanto, percebe-se que a entrevista como elemento constitutivo de biografias aconteceu de forma natural, a partir do momento que se passou a difundir a história de vida dos entrevistados, demonstrando, mesmo que de forma não intencional, traços que se configuram como biográficos.

Como gênero biográfico, mesmo não sendo considerada habitualmente entre os “canônicos”, que apresentam vidas diversamente exemplificadoras, por excelência ou defeito, a entrevista é também de *educação*, aspecto modélico por antonomásia. O “retrato” que a entrevista brinda irá, então, para além de si mesmo, dos detalhes admirativos e identificatórios, em direção a uma conclusão suscetível de ser apropriada em termos de aprendizagem. Falando da vida ou *mostrando-se* viver, o entrevistado, no jogo dialético com seu entrevistador, contribuirá sempre, mesmo sem se propor, para o acervo comum. (Arfuch, 2010, p. 153)

Ou seja, a entrevista como gênero biográfico se consolidou através dos diálogos estabelecidos entre entrevistador e entrevistados. E considerando que seu objetivo primordial não a constituição de biografias, o gênero textual acabou sendo incorporado como um modelo que contempla a produção e reprodução de produtos de cunhos biográficos a partir da fala e da história de vida contada através da entrevista e as interações ocorridas entre as partes envolvidas no processo.

Não podemos perder de vista, que a entrevista não é essencialmente um gênero biográficos, mas suas diversas camadas proporcionadas pelo dinamismo que o gênero propõe, possibilita o caminhar pela biografia de forma híbrida, já como fora afirmada anteriormente, seu objetivo principal não é esse, contudo, relatos que envolvem aspectos biográficos são fundamentais para a sua execução.

O dinamismo é a essência da entrevista, a imprevisibilidade e a diversidade de possibilidades que envolvem o gênero. A pluralidade de fatos que estão associadas a entrevista parte pelo quantitativo de participantes e as inúmeras oportunidades de acordo aos atores que estão inseridos no processo, demonstrando assim seu caráter biográfico, conforme afirma Arfuch ao tratar a entrevista como um gênero predominante por conta da sua versatilidade.

E é precisamente tal ubiquidade, o fato de apresentar um leque inesgotável de identidades e posições de sujeito — e, extensivamente, de vidas possíveis —, e mais ainda o fato de que essas vidas oferecidas à leitura no espaço público o sejam em função de seu sucesso, autoridade, celebridade, *virtude*, o que torna a entrevista um terreno de constante afirmação do valor biográfico. (Arfuch, 2010, p. 155)

Outro aspecto relevante presente na entrevista que contribui para a sua consolidação como gênero biográfico é a oralidade. A oralidade possibilita a construção de relatos de vidas, rememoração e resgate cultural que coadunam com as biografias trazidas pelos entrevistados.

Em relação a oralidade podemos realizar um comparativo com sua presença na tradição africana e mais especificamente na realidade cultural de Moçambique, no campus de estudos através da escritora Paulina Chiziane. Em volta da fogueira e através das histórias contadas pelos mais velhos das tribos, a história cultural do país, era passado no decorrer das gerações, demonstrando assim, um verdadeiro elementos presentes nas entrevistas e que se aproxima da condição de biografias em outra dimensão.

O que a entrevista fornece, então, para a construção, mesmo fragmentária e anedótica, de um relato de vida? Em primeiro lugar, ela *encena a oralidade da narração*, essa marca ancestral das antigas histórias, que encontra assim uma réplica na era midiática. Em segundo, torna visível a *atribuição* da palavra, gerando um efeito paradoxal de espontaneidade e autenticidade. Paradoxal, na medida em que não somente se trata, na maioria dos casos, de uma interlocução cuidadosamente preparada pelo entrevistador, mas também pelo próprio entrevistado. (Arfuch, 2010, p. 167)

Podemos inferir que a entrevista representa uma ressignificação das tradições orais, trazendo elementos da atualidade, sobretudo, a exposição que vivenciamos com as mídias sociais e a popularização da internet e a difusão da televisão em momento anterior.

Vale ressaltar, que o advento da entrevista como traço da oralidade presente na ancestralidade não representa uma evolução ou melhoria no que se refere as tradições orais. A entrevista é uma adequação a sociedade atual com forte apelo midiático e como fora afirmada por Arfuch como o instrumento de consolidação do capitalismo.

Em termos práticos, ao trazer a entrevista como elemento metodológico dessa pesquisa, buscamos entender esse traço de oralidade presente na fala de Paulina Chiziane. Perceber o aspecto biográfico da escritora e de que forma isso reflete nas suas produções artísticas, não podemos restringir a escrita literária de Chiziane, já que, a mesma mostra-se de uma grande versatilidade, é de suma importância para entendemos a concepção de mulher imaginada pela escritora e a apresentada na estrutura social moçambicana.

Embora a entrevista constitua um dos registros da “vida ao vivo” e, portanto, sua dinâmica pressuponha a interrupção súbita, a lembrança, a faísca inesperada, as idas e voltas temporais e espaciais, frequentemente — e principalmente quando se trata de articular “vida e obra” — há uma insistência, talvez por certo didatismo, em respeitar a estrutura narrativa tradicional (começar pela infância, ordenar uma cronologia, deixar claro o “antes” e o “depois”), que no caso das “conversas”, habitualmente produzidas para sua difusão na forma de livro, é uma tendência muito marcada. (Arfuch, 2010, p. 167)

Ou seja, a vida e obra se entrelaçam na condução da entrevista, trazendo elementos contínuos ou não, mas que são fundamentais para o entendimento da narrativa que perpassa por aspectos biográficos e passeia por vieses que propõe o conhecimento da história de vida, dos anseios, formação humana, convívio social de forma diversificadas de outros gêneros textuais de cunhos biográficos ou não.

## 5.2 UM BATE-PAPO COM PAULINA CHIZIANE

Iniciaremos este subtópico com temas tratados por Paulina Chiziane durante a análise das entrevistas. Nesta abordagem, falaremos sobre assuntos que julgamos importantes para o entendimento da escritora sobre diversos conteúdos presentes no seu cotidiano e que diretamente influenciaram na sua concepção de feminino, numa tentativa de descrever a si mesma como uma mulher que está engajada e inserida em um cenário com especificidades e que objetiva promover reflexões sobre determinados temas.

### 5.2.1 Liberdade na escrita

Aqui falaremos de um aspecto essencial e que parece ser inegociável para Paulina Chiziane, a liberdade de escrita. A escritora considera o livre arbítrio para a escrever um fator crucial, pois possibilita fugir de padrões, a recusa de rótulos que venha colocar sua autonomia de escrita em xeque. Para tal, selecionamos falas da autora nos vídeos utilizados como base para o capítulo que tratam do assunto.

O primeiro trecho escolhido versa sobre o enquadramento da escritora como uma romancista, sendo que ela foi a primeira mulher a publicar um livro neste formato em Moçambique, já que produções literárias anteriores de escritoras como Noêmia de Souza e Lília Momplé são de outros gêneros, poemas e contos, respectivamente.

Entrevistador: Recusa também com insistência o rótulo de romancista, disse sobretudo que é uma boa ouvinte e que a partir das histórias que ouve, torna-se uma longa contadora de histórias. Por que recusa deste status de romancista?

Paulina Chiziane: eu acho que o mundo está habituado por rótulos em todas as coisas, nós queremos liberdade, mas as pessoas nos rotulam, e a partir do momento em que a pessoa é rotulada de alguma coisa, tem que pertencer a esse gueto. Romance é algo europeu, pelo menos veio com os europeus para o nosso país, faz parte da academia europeia, eu sou africana, contato com romance sim, agora se eu aceito ser romancista, eu tenho que cumprir com as normas do romance e eu não quero, eu quero escrever em liberdade, aquilo que me der na cabeça, porque se eu me apresento ao mundo como romancista, as pessoas vão querer cobrar de mim aquilo que são as regras de um bom romance e eu estou a fugir das regras, é só isso. (Tdmarcus2009, 2013, Minuto 4:14)

Percebe-se que essa recusa de rótulos tem cunho político e de autoafirmação, um posicionamento em busca de seu espaço de acordo ao seu pensamento. Esse é um processo de não aceitação do que terceiros quiserem definir ou impor para a escritora no seu fazer literário. Isso fica bem evidente, no próximo excerto, o qual a paulina Chiziane fala sobre a sua paixão pela escrita e como a utilização da língua portuguesa, que não é sua língua materna, serve como um elemento de reflexão e instrumento de luta pela liberdade.

A luta pela liberdade se faz de várias maneiras e as palavras também podem ser usadas como armas para essa liberdade. Acho que é isso que tenho tentado fazer ao longo deste do meu percurso, usar palavras em português para negociar e dizer: “Ei, eu estou aqui, eu sou gente, eu sou mulher, eu tenho direito de existir”. Então, infelizmente nós africanos, começamos a escrever porque temos o prazer de fazê-lo e com o andar do tempo acabamos sendo uma espécie de mensageiros. Eu comecei brincando, mas a partir de uma certa altura, comecei a sentir a necessidade de resgatar, dialogar, tentar convencer, provocar um debate em relação a assuntos que dizem respeito ao meu mundo, a minha a sociedade e muitas vezes até, tentando despertar a atenção de mundos, para assim, comparando as vezes, ver se faço umas comparações são minhas entre a vida de Europa e a vida da África, entre a vida de um preto e um branco, apenas para mostrar que temos coisas muito comuns, somos humanos e às vezes aquilo que se dizia ser civilizado, moderno, não passa de simples preconceito. (município de Oeiras, 2022, minuto 38:40).

Indo ao encontro do trecho acima, Paulina também destaca sobre o prazer de escrever e o lazer com o objetivo de resgatar tradições anteriores a colonização, as quais as mulheres tinham o papel de educar a família. Sendo assim, respondeu o seguinte questionamento sobre a sua função como produtora de informação e de

conhecimento, enfatizando a dificuldade de ser mulher e africana ao se aventurar pelo mundo literário.

Entrevistador: a mulher tinha tradição de educar antes da colonização, seu trabalho busca resgatar um pouco essa presença da mulher também como produtora de informação? Tem essa característica?

Paulina Chiziane: ser escritora e ser africano é um bocado complicado, porque a escrita tem que ser em primeiro lugar, um lugar de prazer, um lugar de lazer, mas quando se é africano e se reconhece que outras literaturas podem ofuscar e fazer desaparecer aquilo que são os valores da nossa própria terra, nós africanos nos tornamos militantes, eu escrevo porque gosto, mas depois eu pergunto, por que que eu escrevo? Escrevo apenas pro meu prazer, por que não usar esse gosto e este prazer para preservar alguma coisa que pode desaparecer? (Tv Brasil, 2012, minuto 10:55)

Paulina não abre mão da sua liberdade, ela entende o que a arte lhe proporciona, o prazer na escrita sobressai qualquer obrigação e responsabilidade que possa carregar diante da bandeira que propôs defender em suas obras. A autora entende que a sua mensagem será difundida e que a arte é expressão da essência da humanidade, portanto, a liberdade é crucial nesse processo. Isso fica evidente, na diversidade artísticas de Paulina Chiziane, sendo que, se aventurou no mundo musical, demonstrando sua versatilidade.

As minhas histórias são longas, não vou contar todas, mas começaria por dizer que a arte é a essência da humanidade, o resto são diferentes expressões da mesma arte. Então eu sou escritora, estou agora a fazer música. Se eu entender que devo fazer cerâmica, porque se a arte é a essência, se eu colocar a energia num barro, vou fazer um trabalho fantástico. Portanto, arte é aquilo que vem de dentro de nós, é expressão da nossa alma, eu não tenho dificuldade de sair de uma arte para outra, o que diferentes expressões da arte. (Mozpod - os muito maus, 2023, Minuto 5:25).

Paulina reafirma a sua paixão pela escrita, e mesmo em meio aos conflitos ocasionados pela guerra civil no pós-independência, foi o amor pelo que faz que a motivou a continuar a escrever. A instabilidade vivenciada no período e o ambiente caótico estabelecido, e outros obstáculos não foram impedimentos para a finalização de *Balada de amor ao vento*, seu primeiro livro publicado, mas não o primeiro escrito, já que, *O sétimo juramento* fora escrito antes e não publicado por questões editoriais.

Entrevistador: Como é que escrever sobre o cotidiano das pessoas tendo como cenário essa experiência que você viveu? (Guerra civil)



Paulina Chiziane: eu diria que escrever é uma paixão, e por qualquer paixão, a gente faz qualquer sacrifício, estou-me a recordar agora da minha escrita, porque eu comecei a escrever em plena guerra civil, durante a noite, às vezes, os rebeldes metralhavam e lançavam bombas a distância, é verdade, mas mesmo embaixo dos estrondos eu dizia, eu tenho que escrever, não posso morrer sem acabar o meu texto. (Tv Brasil, 2012, minuto 2:29).

A falta de preocupação de qual forma será a receptividade da crítica especializada em relação as suas obras é um fator imprescindível para a liberdade que Paulina tanto preza. A autora entende que tratar de temas delicados e passar seu ponto de vista é fundamental para seu processo de escrita. Temas que envolvem o questionamento de paradigmas sociais, políticos e religiosos. A escritora relata que não é portadora da verdade, mas que não abre mão de escrever sobre o que tem vontade, mesmo que toque em assuntos sensíveis e/ou polêmicos por mexer em estruturas cristalizadas historicamente.

A seguir englobamos alguns trechos das entrevistas que ela fala sobre o assunto.

Sinto na medida em que, onde quer que eu vá, em qualquer espaço no mundo, eu afirmo-me, primeiro como moçambicana, segundo como africana e terceiro como um ser humano. Eu tenho essa liberdade e não tenho aquelas restrições, ah, não posso dizer isso não a minha igreja vai me levar a mal, não, sou livre e é por isso mesmo que conseguir chegar tão longe, porque a liberdade é o dom mais precioso de todos os seres humanos, então eu não quero ficar presa a nada. (Mozpod - os muito maus, 2023, Minuto 59:34).

Eu não estou a dizer verdades em nenhum dos meus livros, os meus livros até hoje, eu acho que tem uma função única de criar um espaço de reflexão. (Angola debate, 2022, Minuto 26:38).

A sociedade não me compreende, também não quero que ninguém me compreenda, eu quero simplesmente expressar o meu sentimento e quem quiser ouvir, um dia ouvirá. (Angola debate, 2022, Minuto 26:16).

E para finalizar, trazemos uma relação que a escrita de Chiziane com a política e de que forma as duas estão entrelaçadas, mesmo assim a autora diz que o politicamente aceitável socialmente impediria que a ela tratasse de temas sensíveis, como relatado acima.

Entrevistador: Escrita não vive sem a política?

Paulina Chiziane: Não sei, eu já expliquei. Eu gosto de estar no meu mundo. Se eu fosse da política, não teria escrito *Ngoma Yethu*<sup>3</sup>, porque não é politicamente correto provocar uma reflexão a volta dessas coisas bem estabelecidas. (Angola debate, 2022, Minuto 23:15).

### 5.2.2 Reconhecimento no cenário literário

A proposta deste tópico é tratarmos sobre a trajetória de Paulina Chiziane até o reconhecimento como escritora, a ocupação de espaço e sua consolidação no universo literário. A autora atingiu um patamar satisfatório e superou a desconfiança com a publicação de *Niketché: Uma História de Poligamia* (2002), este reconhecimento foi ratificado com o Prêmio Camões, recebido por Chiziane em 2021. Chegamos, pois, ao escrito a partir do momento que a construção da escritora perpassa pela concepção do descrito, como já fora dito, iniciando com a oralidade presente desde a infância na vida de Paulina Chiziane e se consolidando através da sua formação e luta para se tornar uma escritora, enfrentando entraves impostos pela conjuntura social vigente.

Sendo assim, no decorrer desta seção, abordaremos falas da escritora sobre o que pensa a respeito do prêmio, do reconhecimento dentro e fora de Moçambique e de qual forma ela lida com a responsabilidade que representa uma vertente, analisando como a expansão e alcance exponencial dos seus livros modificou a sua rotina de vida. O primeiro excerto trata sobre a obra de estreia *Balada de amor ao vento* e sua receptividade.

Entrevistador: há 32 anos quando escreveu *Balada de amor ao vento* como é que a crítica recebeu?

Paulina Chiziane: complicado, não foi fácil de forma nenhuma. Algumas pessoas ditas eruditas diziam “Mas a Paulina escreve? O que é que ela escreve? Deve ser poemas de amor ou então cantigas de embalar. Romance? De onde copiou?” Portanto, alguns círculos diziam isso, mas ao mesmo tempo o meu povo comum, povo iletrado, eu lembro-me de coisas bonitas que aconteceram, uma vizinha minha, veio à minha casa, ofereceu-me um bolo e disse “olha, eu não sei nem ler e nem escrever, eu só sei dizer que há um livro importante que é a bíblia, mas agora tu escreveste um livro. Afinal uma mulher pode escrever um livro para além da bíblia, vi e ouvi “na rádio”, estou tão feliz e por isso vim te oferecer este bolo”. (Angola debate, 2022, Minuto 4:40).

---

<sup>3</sup> O livro *Ngoma Yethu - O Curandeiro e o Novo Testamento* lançado em 2015 por Paulina Chiziane em parceria com Mariana Martins gerou polémica pela abordagem entre o cristianismo e o curandeirismo de origem africana, estabelecendo relações paritárias sobre as duas perspectivas religiosas.

A respeito do trecho acima, a desconfiança foi a tônica que permeou a introdução de Paulina Chiziane no cenário literário, sobretudo, oriunda da crítica especializada. A dúvida sobre a capacidade de escrita da autora é um fato marcante, cujo objetivo foi diminuir e desvalorizar o trabalho desenvolvido por ela. Por outro lado, como aspecto positivo, temos o reconhecimento popular alcançado de forma natural e orgânica, mesmo em um país que ainda se encontra em processo de letramento e aquisição da cultura da leitura e da escrita.

No próximo trecho Paulina fala sobre a diferença do tratamento recebido por ela quando visita outros países e em seu país natal. Segundo a escritora, quando visita outras nações como Brasil e Portugal, por exemplo, é ovacionada e a dimensão do seu trabalho literário possui uma proporção maior do que em Moçambique. Uma hipótese sobre esse acontecimento é que países com hábitos mais consolidados de leitura sejam mais receptivos, ao contrário de Moçambique que ainda é país rural e em fase de aquisição da escrita, como foi dito no parágrafo anterior.

Entrevistador: Como é ser artista em Moçambique? Uma pessoa do seu calibre, como é esta vida de artista? Assim, escritora, tudo como tem sido pra si? É feliz?

Paulina Chiziane: eu posso começar por dizer o seguinte, quando vou para o Brasil é uma celebração, é uma festa imensa. Quando vou para outros países africanos nem tanto. Quando vou para Portugal é uma celebração, mas quando chego a Moçambique é um gelo, acho que deu para perceber o que eu quero pretendo dizer com isso, muito gelo a minha volta. (Mozpod - os muito maus, 2023, Minuto 41:11).

A partir deste momento, teremos o prêmio Camões como foco de análise, reunindo um compilado de falas da escritora sobre o fato ocorrido em 2021. Entre as palavras, podemos destacar a importância do prêmio, o fato de ser a primeira mulher negra e africana a ganhar uma premiação de tamanha proporção e o legado para as próximas gerações de escritores.

Entrevistador: Mas sabe que é a primeira escritora de Língua portuguesa nascida em África a vencer este prêmio?

Paulina Chiziane: Vamos ser claros e pôr os pontos nos "is". A primeira pessoa de raça negra, porque a primeira africana, há africanos de todas as raças, a gente sabe disso. Então a primeira pessoa de raça de negra, a primeira pessoa bantu e ainda por cima mulher. É por isso que pra mim este prêmio é muito importante para os povos africanos. Eu acho que um motor que levanta a nossa autoestima, sobretudo, das mulheres. (Angola debate, 2022, Minuto 15).

Entrevistador: O que mudou na sua vida depois de ganhar o Prêmio Camões de Literatura?

Paulina Chiziane: muita coisa, uma das coisas, eu comecei sentir-me demasiado pequena. Eu comecei a compreender a minha verdade fragilidade, a minha verdadeira posição ou o meu verdadeiro espaço na vida, eu vou explicar porque. Antes eu sentia o prazer de sair e a rua e fazer assim grandes conversas, conversas muito largas com amigos em qualquer canto. Mas, de repente veio o prêmio, que é bom e o mundo inteiro telefona, convida, fala e eu sinto que não posso responder a todas as pessoas e não posso viajar para todo mundo e nem tenho braços para abraçar todas as pessoas. (Angola debate, 2022, Minuto 13:15).

O prêmio atribuído a escritora aconteceu em um momento sensível, em virtude da pandemia do Coronavírus, sendo que, ele só foi entregue em 2023. Mas a representatividade do prêmio ocasionou uma ruptura e, consequentemente, a difusão e o reconhecimento de Paulina Chiziane, modificando sua vida e dando holofotes sobre a obra da escritora.

Finalizaremos este tópico, com dois trechos não menos importantes do que já fora dito até aqui. O primeiro fala sobre a consolidação da obra de Chiziane, ela fala sobre a notoriedade dos seus livros, que no momento estavam sendo adaptados para outras linguagens artísticas. Já o segundo retrata um pouco sobre a vida de escritor de forma financeira e se ele pode sobreviver somente com a vendagem dos livros.

Paulina Chiziane: Mas precisamos de nos valorizar, temos coisas únicas, muito únicas. Hoje os meus livros já são teatro, já são telenovelas, já são pinturas, já são as esculturas. Quer dizer, produzir uma série de coisas. Então, estão a acontecer coisas pelo mundo. (Mozpod - os muito maus, 2023, Minuto 44:45).

Entrevistador: Pode-se viver sendo escritora?

Paulina Chiziane: nunca, nunca, nunca, isso não é possível, não conheço casos do mundo, conheço escritores sim, escritoras e escritores que vão fazendo artigos para os jornais para irem ganhando mais alguma coisa para o rendimento familiar. Há pouquíssimos casos de pessoas que vivem mesmo de arte, da escrita (Mozpod - os muito maus, 2023, Minuto 49:34).

O que se percebe é que Paulina Chiziane possui uma consciência muito grande da sua importância dentro de um cenário literário que vem se construindo dentro de Moçambique, o qual a escrita da feminina ocupa posição de destaque neste processo. Os posicionamentos da escritora são maduros e seguros, de uma figura singular que tem a arte como paixão e mesmo que não possa se dedicar totalmente a ela, sabe que pode trazer reflexões através das suas histórias.

### 5.2.3 As tradições moçambicanas

Agora trataremos sobre algumas tradições moçambicanas relatada por Paulina Chiziane. Entre os diversos costumes, falaremos sobre a poligamia, a oralidade, o *lobolo*. São temas que recorrentemente estão presentes na escrita da autora, são habituais em seus livros, com intuito de contar um pouco da cultura moçambicana, sua diversidade, questionando alguns paradigmas, sobretudo, no que se refere a atuação social feminina no país.

Primeiramente, separamos um trecho o qual a escritora fala um pouco sobre a sua relação com a língua. Sabemos que apesar do português ser a língua oficial de Moçambique, existem muitas outras línguas faladas no país e que geralmente essas línguas são a primeira a ser aprendida pelos moçambicanos no ambiente familiar.

Paulina Chiziane: eu falo *chope*, que é uma língua bem pequena no meio em que se fala o *shangane*, que é uma grande língua. O shangane é um grande estado, que começa em Moçambique e termina na África do Sul. Então, houve uma divisão, aquelas divisões lá da Conferência de Berlim, chegaram com uma faca a cortar os povos e cada um foi para seu lado. Então, conheço pessoas que falam shangane na África do Sul e publicam grandes obras em shangane e depois traduziram para português. Portanto, usando a língua materna também se pode alcançar o mundo, porque afinal os tradutores servem para isso. Agora, há um preconceito que nos foi criado. que nos foi imposto, esse é um problema real. Nós que ficamos do lado português, depois daqueles cortes, convenceram-nos que sem a língua portuguesa, nós não podíamos conhecer outros mundos. (Município de Oeiras, 2022, minuto 6).

A autora faz uma relação com a imposição da língua portuguesa através de uma atitude preconceituosa, centrada no colonialismo, remetendo a divisão do continente africano no final do século XIX, através do Tratado de Berlim<sup>4</sup>. A seguir, ela explica um pouco sua conexão com o português, externando que o acesso à língua através da educação formal e religiosa tornou-se obrigatório, sendo que, ela optou pela não utilização da sua língua materna para escrita, por questões comerciais e difusão das suas obras.

Paulina Chiziane: qualquer língua pode nos levar a qualquer lugar. E se eu não usei a minha língua para escrever, foi porque cresci e estudei num regime

<sup>4</sup> A Conferência de Berlim foi um encontro entre as potências europeias ocorrida entre 1884 e 1885, cujo objetivo foi o estabelecimento de regras para divisão e ocupação do continente africano com intuito de evitar conflitos entre os países europeus e iniciar o processo de colonização e exploração das riquezas contidas em África.

que não queria que os moçambicanos falassem as suas próprias línguas (Município de Oeiras, 2022, minuto 7:25).

Outro aspecto muito importante dentro do cenário cultural de Moçambique é a presença da oralidade como um elemento tradicional, passado através das gerações. A roda em volta da fogueira ganha destaque como um traço fundamental no processo. Paulina Chiziane diz que suas primeiras memórias lhe remete as histórias contada por sua avó neste ambiente.

Ao viajar pelo país com o intuito de aprender sobre os costumes de acordo a cada região, Paulina Chiziane que a oralidade se apresenta como uma espécie de fio condutor que colabora consideravelmente na produção de conhecimento. Vamos a um trecho que a escritora recorda da sua avó.

Entrevistador: A história da roda, da fogueira e da sua avó, conta um pouco pra nós...

Paulina Chiziane: as histórias a volta da fogueira são um momento mágico, isto é, a mesma história é contada mil vezes para o mesmo auditório e é sempre uma coisa nova. Em cada história acrescenta-se um novo elemento, enfim, e lá vai andando a roda. Eu lembro-me de algumas das histórias que a avó contava, porque é assim, as histórias têm seus personagens, normalmente crianças, há as crianças obedientes e as crianças desobedientes, os obedientes no fim ganhavam prêmio e os desobedientes não ganhavam nada ou ganhavam um castigo. Então, o nosso prêmio qual era, do bom comportamento durante o dia ou durante a semana, o bom comportamento era entrar na história da avó com um bom personagem, que depois ganhava o prêmio. O prêmio do mau comportamento era entrar na história, ser o mau da história e no fim ganhar o castigo. (Tv Brasil, 2012, minuto 4:19).

Outro tema bastante presente nos livros de Paulina Chiziane é o patriarcalismo, a escritora é do sul de Moçambique, uma região com forte dominação do sistema patriarcal, a mulher é submissa ao esposo e educada para ser dona de lar e não ocupar posição social de destaque. No seguinte excerto, vemos um pouco a escritora falar sobre a sua origem, a relação com o machismo e patriarcalismo presente na região de seu nascimento.

Paulina Chiziane: eu sou do Sul de Moçambique, da região de gaza, uma região patriarcal por excelência, os homens partem para trabalhar na África do Sul desde muito cedo e só regressam a casa de vez em quando, ora quem toma conta e socializa as crianças e educa são as mulheres, mas a educação que essas mulheres dão é uma educação masculina, é interessante. Portanto, a nível do país, eu venho de uma sociedade mais machista do país, e quem nos educa para o machismo são as mulheres, portanto, perante esse espanto, eu questiono em alguns dos meus livros o porquê de ser mulher e

ser machista, assim como há homens como o caso que eu me referi há bocado, que se tornam feministas. (Tdmarcus2009, 2013, Minuto 3:18)

Para exemplificar a questão do patriarcalismo tão presente no território moçambicano, Paulina fala sobre o *lobolo* realizando um paralelo com o direito ao funeral, tudo enraizado de forma que a mulher esteja sempre em segundo plano. São costumes cristalizados e normalizado pelo papel central ocupado pela figura masculina.

Paulina Chiziane: O que acontece no sul de Moçambique ou melhor a partir do Sul do Rio Zambeze para todo o sul da África austral até a região no Cabo de Boa Esperança, Pretoria. Portanto, há um patriarcado que começa naquela região e vai se estendendo para o sul, e as coisas são complicadas. Por exemplo, em Manica na terra dos muito próximo ali na fronteira com o Zimbabwe, uma mulher que casa-se e não se cumpre o ritual de lobolo. Lobolo é o dote que se dá a família da noiva e quando isso não acontece, ela não tem direito ao funeral, a um funeral na companhia da família paterna. Portanto, a família do marido que cuide dela por aí ou obrigam a família do marido a pagar o dote para poder se fazer o funeral. (Município de Oeiras, 2022, minuto 21).

Um contraponto trazido na fala da escritora é sobre os costumes religiosos que colaboram de forma substancial para a manutenção do sistema patriarcal. A crítica seguinte proferida por Chiziane se refere ao cristianismo demonstrando sua incompreensão em relação a alguns dogmas da religião, não concordando e traçando questionamentos a respeito da supremacia masculina dentro do contexto religioso também.

Entrevistador: Mas foi educada numa missão católica...

Paulina Chiziane: Claro que eu fui e tenho muitas razões para não me sentir bem. Em termos culturais, quando alguém vai igreja, mal entra, diz “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito santo”. Nasceu do ventre de uma mulher, mas quando vai pra ser santificado, é batizado é em nome do pai e ele filho e do espírito santo. E mãe pra onde é que fica? Portanto, este processo de logo a nascença, na primeira infância, afastar o filho do seio materno em nome de uma divindade, é algo que não me entra... (Angola debate, 2022, Minuto 24:15).

A poligamia é outra tradição presente na obra de Paulina Chiziane, é um tema abordado com certa frequência em mais de um livro e possuindo maior destaque em *Niketchê: Uma História de Poligamia*. No seguinte trecho, ela fala sobre a necessidade de se falar sobre a poligamia e como seus posicionamentos sofrem distorção.

Paulina Chiziane: é uma questão complexa, porque as pessoas têm um hábito de provar comida crua, falar da poligamia não é defendê-la pode-se criticar, pode-se denunciar. Então, não é comum esta sociedade moçambicana ver uma negra intelectual, se eu fosse branca chamar-me-iam antropóloga. E porque eu escrevi sobre esses assuntos, começam a me colocar nomes, colocando a sua ignorância sobre a minha personalidade. Falam de que? O que é poligamia? Começemos por aí. É um sistema milenar da construção de várias sociedades, desde os tempos mais antigos. Poligamia tem várias formas, dependendo da cultura, nós temos uma poligamia matriarcal ou poligamia, baseada no matriarcado, temos uma poligamia patriarcal, baseada no patriarcado. Para além de vários aspectos que é poligamia tem. Então, o que eu posso estudar, o que eu posso recomendar a minha gente, estudem e deixem de chamar nomes a quem trabalha, é ignorância, eu falo da poligamia sim, porque é uma questão cultural e falar da poligamia é defendê-la desde quando? Que tem coisas boas tem, que tem coisas más também tem. Mas, as pessoas estão interessadas em puxar-me para o chão, porque lugar de mulher preta, velha é na cozinha suja e pobre. Eu sou intelectual. (Mozpod - os muito maus, 2023, Minuto 24:04).

Por fim, uma mensagem da escritora para as novas gerações e a importância de se manterem firmes no propósito. Ela entende que a luta de cada época é a missão de cada um, que não podem desistir diante das dificuldades e que sedimentar um cenário melhor para as gerações vindouras deverá ser o objetivo de cada um.

Entrevistador: qual é a mensagem que a senhora deixaria para os jovens?

Paulina Chiziane: eu diria o seguinte: cada tempo tem a sua lei e cada geração tem o seu desafio. Tem dificuldade hoje, luta e vence. Quando eu era nova, o nosso desafio era o sistema colonial, lutamos e vencemos, luta. (Mozpod - os muito maus, 2023, Minuto 60:58).

### 5.3 A MULHER E O FEMININO

Por mais que passeie por diversos temas que envolvem a história, a tradição e os costumes de Moçambique, não perdendo de vista as mudanças impostas pelo colonialismo, o feminino é o principal tema de escrita de Paulina Chiziane. Neste tópico, falaremos o que direcionou Chiziane para esse viés literário de questionamentos da situação da mulher na sociedade moçambicana, buscando entender a sua concepção de feminino.

Antes de tudo, o entendimento do feminino de Paulina Chiziane parte do pressuposto das vivências das mulheres, do cotidiano, dos seus sonhos, aflições, ou seja, da sua construção enquanto mulher. É a através de uma perspectiva de relatar um universo próprio, um universo da mulher que pode se construir o conceito de feminino.



Sendo assim, o feminino é a gênese da formação das mulheres na percepção de Chiziane. Pois ela acredita que, principalmente ao elaborar seu objeto de escrita evidenciando as relações femininas, está tratando da sua condição de vida, trazendo aspectos diferenciados e não experimentado pelas mãos masculinas.

O primeiro trecho destacado vem da entrevista *A páginas tantas*, logo na abertura do programa, quando o apresentador Marco Carvalho faz uma breve introdução, destacando sobre a importância de Paulina Chiziane no que se refere a literatura:

Se a literatura escrita por mão feminina já remete à mundos diferentes. A aventura das letras pela mão de uma mulher africana que conhece como poucos a riqueza e a diversidade do seu país é garantia certa de um universo mágico onde se cruzam os caminhos da tradição e os desafios como os que se confrontam uma nação ainda (Tdmarcus2009, 2013, Minuto 0)

O apresentador busca trazer uma contextualização da literatura produzida por mãos femininas, destacando a particularidade de uma mão feminina africana, que conta a história rica de seu país, relacionando aspectos históricos com o questionamento dos paradigmas sociais vigentes e a jovialidade de uma nação que saiu de processos recentes de colonização, bem como de uma guerra civil que modificaram significativamente a conjuntura local.

Após a introdução realizada sobre Paulina Chiziane, a primeira pergunta feita pelo apresentador traz uma abordagem muito presente no discurso da escritora, falando sobre a recusa do rótulo de feminista, questionando sobre a diferença entre o feminismo e o feminino:

Entrevistador: ser feminina e ser feminista na escrita são coisas iguais ou são coisas diferentes?

Paulina Chiziane: uma coisa é ser feminina, outra coisa que ser feminista, olha que os homens podem ser feministas. E acho que Jesus Cristo foi um dos primeiros feministas do mundo, quando numa ocasião ele disse às pessoas que queriam apedrejar uma mulher “aquele que não cometeu nenhum pecado que atire a primeira pedra”. Então, é um homem que é feminista, agora eu sou feminina, sou uma mulher, a minha história é igual a história de muitas mulheres, isto é, quando eu cresci, vivi sempre do lado das outras mulheres mais velhas e as minhas amigas, porque não me era permitido o mundo de mistura com o masculino, quando fui para a escola, fui para a escola feminina, quando eu me casei fui para a cozinha, então tudo que eu sei na vida é somente a vida das mulheres eu quando escrevo, escrevo a condição da mulher sim, mas não no feminismo tradicional, europeu, nada disso, e eu conto histórias de mulheres porque sua mulher pronto só isso é a única coisa que eu sei.” (Tdmarcus2009, 2013, Minuto 0:56)

De forma bem explicativa, no que se refere ao seu pensamento sobre o tema, Paulina Chiziane autointitula-se como uma escritora feminina, pelo fato de ser mulher. Ela entende que a sua escrita não segue os padrões tradicionais, de origem externa, não possuindo elementos consistentes que a enquadrem enquanto uma escritora feminista. Segundo a autora que para ser feminista não precisa ser necessariamente mulher, utilizando como exemplo Jesus Cristo como um homem feminista. “Quando eu escrevo sobre mulheres, pra mim há uma diferença entre o feminino e o feminismo. Ora, eu sou mulher, o mundo que eu conheço é o mundo das mulheres. Isso não significa necessariamente o feminismo, as vezes é, as vezes não é.” (Sinpro Minas, 2018, minuto 12:38).

Sendo assim, Paulina afasta quaisquer amarras que possam retirar sua autonomia em relação a sua escrita, prezando por sua liberdade criativa, com o intuito de tratar dos mais diversificados temas que priorize a mulher como elemento central, que possam dialogar sobre assuntos que são tratados como tabus em Moçambique, visando questionar paradigmas locais, provocando reflexões a respeito das tradições locais.

A vivência de Paulina Chiziane enquanto mulher em contexto patriarcal motivou a escritora através das suas histórias, muitas delas colhidas através de suas viagens, nas rodas das conversas. Isso demonstra e consolida a importância da oralidade como elemento central de aprendizagem e manifestação de elementos específicos da cultura de Moçambique, tradições que precisam ser preservadas por ser constitutivo da ideia de nação e aquelas que precisam ser revistas, sobretudo, no que refere a mulher e a posição social feminina.

O colonialismo foi severo em Moçambique, assim como muitos outros países, a luta pela libertação envolveu a participação e engajamento de vários setores da sociedade. E, apesar de ser anulada pelo contexto social patriarcal e machista, a mulher exerceu um papel fundamental pela independência do país.

Paulina Chiziane participou ativamente da luta pela independência de Moçambique, fez parte da FRELIMO e no seguinte trecho transcrito do vídeo “*Paulina Chiziane | Escritora | Pioneirismo Literário e Lutas Sociais | T1 Ep 26*” como veremos a seguir. Neste excerto ela explica como estava organizada a luta armada e de qual forma ela atuou no período.

Primeiro é preciso conhecer a história dos movimentos de libertação para se poder fazer um julgamento. O movimento de libertação tem várias fases, várias etapas e várias arenas. Uma das arenas era o braço armado que estava nas matas, outras arenas eram as lutas clandestinas. Portanto, eu sempre estive em Maputo, sempre trabalhei com um grupo de jovens, acho que meu atrevimento mesmo partiu desta altura, nós fazíamos trabalho clandestino. (Mozpod - os muito maus, 2023, Minuto 54:14)

Esse trabalho clandestino referido pela escritora, entre outros, era a divulgação do movimento a favor da independência de Moçambique, distribuindo panfletos, realizando mobilizações. Estas atividades foram reprimidas com extrema violência pelos portugueses.

Além disso, no processo de independência, a mulher exerceu um papel estratégico, tornou-se a base social moçambicana, oferecendo um suporte para que a luta armada pudesse acontecer. As mulheres cuidavam das lavouras e dos filhos enquanto os maridos estavam envolvidos na guerra, muitos sem a perspectiva de voltar, sendo fundamental no processo que logrou êxito em 1975.

Apesar de exercer uma função fundamental nos bastidores na luta pela independência moçambicana, a mulher não foi reconhecida neste processo, sendo mais uma vez marginalizada, não percebendo uma mudança de status social publicamente. No vídeo *“Café com Letras”*, Paulina Chiziane foi questionada por uma integrante da plateia sobre as mudanças ocorridas na condição feminina após a independência,

Plateia: a condição da mulher africana mudou muito depois da independência?

Paulina Chiziane: Vamos começar do princípio, a condição da mulher africana mudou muito a partir da invasão colonial. Antes da invasão colonial, a África teve mulheres muito valorosas de uma dimensão universal e intemporal. Falo da Cleópatra, a rainha do Egito, nem sei porque que chamam rainha aquela mulher, porque ela governava um território sem fim, que guiava carros de guerra, que dizem na história que até encantou de amor o imperador romano Júlio César, dizem. Muito bem, não sei muito de geografia, mas olhando para Roma e Itália, é um pedacinho de território, olhando para o Egito e para o mundo da Cleópatra, ela governava o mundo imenso. Roma era muito pobre e o Egito era o centro do mundo, o centro da sabedoria. Então quem é que se apaixonou por quem aqui? Júlio César passava, julgo eu, isso é mentira se calhar, mas Júlio César parece que passava fome por isso recebia uma caravana de trigo que vinha do Egito todos os dias ou todas as semanas, não sei muito bem a periodicidade. O alimento do Império Romano vinha do Egito. Então, quem é que se apaixonou por quem? Não será o senhor Júlio César que se atrelou a ela para poder comer? É preciso fazer esse questionamento. E, sobre a governação da Cleópatra, sobre as suas políticas, sobre o seu ser, nada se sabe, só se sabe que ela era bonita, era um objeto sexual que o senhor Júlio César usou, machismo dos historiadores. E é preciso reverter esse quadro, eu gostaria de ver uma Cleópatra muito bem representada e

gostaria de dizer ao senhor Júlio César, desculpa lá, o senhor, qual é o homem que não ia se meter com ela tão poderosa que ela era? (Município de Oeiras, 2022, Minuto 67:59).

A escritora começa a responder o questionamento realizando um breve contexto histórico, no qual ela enfatiza que a mudança da vida da mulher veio a partir do colonialismo e distorções que foram intencionalmente empreendidas, citando como exemplo uma grande figura histórica como Cleópatra que governou um verdadeiro império e sua relação com Roma e Júlio César.

Dando prosseguimento a sua resposta, Chiziane destaca a força da mulher africana e todo processo violento sofrido pelo colonialismo e o processo de escravização, que separou famílias e obrigou homens e mulheres aos trabalhos forçados fora da sua terra natal.

Paulina Chiziane: O mais interessante é que eu posso dizer sobre a mulher africana é, eu não sei se no planeta terra existe mulher mais forte que a mulher africana, ficou sem o marido que foi levado, ficou sem os filhos, quatro ou cinco que foram levados para os navios negreiros, para escravatura ou que foram para o trabalho forçado ou que foram para os sem fim, para nunca mais voltar. E a mulher africana é que segurou o continente todo, estamos aqui prova dessa força, mostre-me no mapa do mundo se há uma mulher que sofreu, que chorou, que recuperou a vida e ainda por cima perdoo. (Município de Oeiras, 2022, Minuto 76:05).

E para finalizar a resposta, a autora sentencia sobre as mudanças sensíveis, mas significativa que ocorreram na condição feminina após a independência de Moçambique, mudanças essas que só se tornaram possíveis por meio da luta diária de cada mulher moçambicana. Ela relata coisas simples do cotidiano e que eram negadas as mulheres, que não podiam dirigir carros, ocupar espaço de destaques com órgãos de chefias, entre outras situações.

Paulina Chiziane: a partir da independência, da independência para cá, a situação melhorou. Porque antes da independência, por causa da tradição da religião, das religiões e do sistema patriarcal salazarista, as mulheres não podiam estudar muito, ficavam em casa fazer crochê. As mulheres não conduziam carro porque era coisa de homem... (Município de Oeiras, 2022, minuto: 77:43).

Já no programa extraclasse, Paulina Chiziane faz uma fala semelhante no que se refere a mudança da situação da mulher em Moçambique, destacando a importância da luta continua e pelo longo caminho ainda a ser percorrido.

A situação (da mulher) melhorou, contudo, há ainda muito trabalho por fazer, porque tudo que aparece pela mão da mulher é recebido com preconceito. “Será que vale?” Mas quando é um homem é logo recebido com duas mãos. Então, as mulheres têm que lutar e lutar muito para serem reconhecidas. É verdade que a situação melhorou um pouco, mas não muito. (Sinpro Minas, 2018, minuto 08:47).

Ainda falando sobre o feminino e a mulher, Paulina destaca também sobre a percepção do surgimento de outras escritoras que escrevem numa perspectiva semelhante à sua, relatando a visão feminina, se desprendendo dos padrões masculinos que condicionaram a escrita, em *A páginas a tantas*, ela fala sobre um livro que estava lendo naquele momento, tratava-se do livro de contos “*Não há amor como o primeiro*”.

Paulina Chiziane: é um livro que estou a ler e estar a me interessar muito porque, eu sinto ali dentro daquele livro uma escrita diferente e vou dizer já que chamou a atenção. Há uma senhora se não é Rô é Lô, há um texto chamado sexo, que eu gostei muito. E eu gostaria de dizer que esta mulher que escreveu esse texto, conseguiu vencer as barreiras, que eu como escritora, não consigo vencer. Portanto, tratou do sexo e tratou da figura da mulher de uma forma mais adulta, porque a maior parte das mulheres quando descrevem uma outra mulher, descrevem-na com os rótulos. Aliás, descreve a mulher com a linguagem dos homens, isto é, há uma tendência das mulheres escritoras descrever a mulher, dizer “os seus seios, os seus lábios, sei lá, o seu corpo”. Mas, esta autora foi buscar a mulher em seu todo, como um ser que se movimenta, que sonha e que pensa. E, ela descreve o sexo sem tabus, coisa que eu não fiz. (Tdmarcus2009, 2013, minuto 30:50).

Para finalizar, trazemos uma fala da escritora sobre as expectativas criadas sobre ela, sobre a responsabilidade e pelo papel exercido por ela, como uma precursora de uma escrita que dê voz a mulher e trate de temas que outrora eram proibidos, por mexer com paradigmas cristalizados na sociedade, nas tradições de origem religiosas, patriarcal, machista e masculina. Este trecho foi retirado do vídeo “*Paulina Chiziane: TV Brasil*”.

Paulina Chiziane: eu sinto que há uma geração nova que olha pra mim como alguém que é o espelho daquilo que eles um dia gostariam de ser e mesmo em termos temáticos, os escritores mais jovens já pesquisam mais a sua própria realidade, a partir de um trabalho que eu faço, a partir do trabalho de outros escritores, como por exemplo, falo agora Ungulani Ba Ka Khosa, do Mia Couto que inspiram a geração nova, a nova geração de escritores e, sobretudo, os assuntos femininos que são aqueles que mais escrevi, já não são tabu, e as pessoas escreve coisas sobre as mulheres e vão escrevendo e vão publicando. (Tv Brasil, 2012, minuto 47:24)

Podemos observar que no decorrer do amadurecimento da escritora e também da ativista política que identificamos nas entrevistas de Chiziane foi um processo natural que está embutido no seu modo de pensar e encarar a vida. Concluimos que ao descrever-se e escrever unifica a voz poética, ativista e porque não dizer, feminista no sentido que suas palavras e ações corroboram com a luta de mulheres ao longo da história que fundamentaram mais do que uma teoria, se configurando um movimento de conquista que negaram espaços outrora negados, como pudemos observar no Capítulo 2 deste trabalho e feminina no sentido que ao se desprender de metodologias e paradigmas, muitos de origem europeia, a escritora não perde a sua essência de mulher, sendo que essa precede qualquer enquadramento em qualquer corrente teórica, filosófica, movimento, principalmente se for de origem branca e europeia.

### **5.3.1 Feminino vs. feminismo na visão de Paulina Chiziane**

O conceito de feminino trazido por Paulina Chiziane demonstra-se bastante consolidado na exposição de suas ideias conforme vemos nos trechos destacados na entrevista. Sendo assim, podemos entender que o feminino é a essência da mulher, e o feminino africano ainda está por ser descoberto ou difundido de forma que toda a sociedade reconheça a mulheres e valorize suas características específicas.

No segundo capítulo fizemos um breve apanhado do movimento feminista, conceituando-o, trazendo particularidades de cada período, ou seja, de cada onda de forma sucinta, delineando de forma geral o entendimento por volta da organização feminina e a luta a favor de uma sociedade mais justa e igualitária.

Paulina Chiziane recusa o rótulo de feminista, sempre se autointitulando como uma escritora feminina. De acordo as reflexões trazidas pela escritora, o feminino precede ao feminismo. Ela compreende que existe a necessidade da compreensão da mulher e do feminino como um processo identitário e de autoafirmação para a conquista de espaço no cenário social.

Para Chiziane é primordial a construção consolidada da figura da mulher, enquanto ser pensante, atuante e com as mesmas capacidades masculina. Para o contexto moçambicano e, conseqüentemente africano, a importação de ideias europeias do feminismo não estão de acordo com a premissa cultural local. Segundo

a escritora, valorizar a mulher africana, trazer para o centro do debate questões referentes a condição feminina é substancial para uma mudança de conjuntura social.

Dito isso, vamos trazer mais alguns trechos de entrevistas de Paulina Chiziane. Nesses recortes destacaremos o entendimento de feminino, o que representa para a mulher esse embasamento teórico, estabelecendo relações com o feminismo, que na visão da escritora são modelos que não coincidem com realidade moçambicana.

Eu escrevo sobre meu mundo, o mundo da mulher, o que ela passa, o que ela sofre. Não propriamente com aquela intenção de produzir um manifesto feminista, eu conto histórias de mulheres. E se isso vai dar ao feminismo, tudo bem, e se vai dar ao feminino também está tudo bem. Mas eu nunca parto para o trabalho assim, com uma bandeira militante. É verdade que todo o meu trabalho o denominador comum é a liberdade das pessoas. (Sinpro Minas, 2018, minuto 13:12)

Podemos entender que a ideia do feminino é o mundo da mulher, trazer histórias silenciadas historicamente pela predominância masculina. Percebe-se também que Chiziane admite aproximações entre o feminino e o feminismo. No entanto, ela faz questão de ressaltar que não objetiva associar seu trabalho de forma intencional ao movimento feminista.

O resgate do feminino perpassa pelo encontro da história da África, com valorização de aspectos culturais, com um protagonismo da mulher, figura tão importante e desvalorizada historicamente. Paulina Chiziane entende que a literatura pode ser um artifício para o resgate das memórias femininas, contribuindo para o processo de empoderamento da mulher.

O mundo das mulheres têm sido um mundo que está fechado num baú lacrado. Fala-se da mulher para falar do prazer, mas não se fala do verdadeiro mundo das mulheres, que é o sonho delas, o que elas querem construir, o que elas querem fazer das suas vidas, os seus sonhos, as suas realizações, pouco ou nada se diz sobre este mundo. É porque sua mulher mesmo, porque eu conheço o meu mundo e as suas limitações. De vez em quando, uso a literatura como esse espaço para negociação da nossa identidade. (Paulina Chiziane, 2023, minuto 1:43)

Sendo assim, recontar a história da mulher é um processo que traz o feminino como pauta principal, em busca da liberdade, da identidade e autonomia. Portanto, antes de pensar em qualquer corrente teórica feminista de origem exógena, se faz necessário uma reflexão interna que vise um posicionamento social da mulher.

Eu sendo africana, dentro da minha cultura, eu tenho que fazer uma luta pela valorização para promoção e pelo empoderamento. Eu acredito que, deixa-me falar só de Moçambique. Em Moçambique, nós precisamos de fazer um trabalho profundo de resgate do feminino, nós não conhecemos o nosso feminino. É por isso que, às vezes, eu digo bem, não me fale de feminismo porque eu para chegar ao feminismo, eu preciso de conhecer o feminino e ainda não conhecemos precisamos de estudá-lo precisamos de resgatá-lo. (Vogue Portugal, 2024, minuto 16:30)

Mais do que é um resgate, a consolidação do feminino moçambicano na visão de Paulina Chiziane transcende o movimento feminista. O feminino representa a liberdade da mulher, seu pensamento, livre arbítrios, longe de moldes e modelos, principalmente de origem externa.

Eu pensava que sabia alguma coisa sobre o ser mulher, mas à medida que eu escrevo, vou descobrindo que de verdade o mundo da mulher é um baú lacrado, mulher africana, o que é a mulher africana? O que é o feminino africano? Que história é que a mulher africana tem para contar? Só para dar um pequeno exemplo, nós africanas muitas vezes vamos buscar o feminismo europeu, o feminismo americano, porque nem sequer conhecemos a história do feminino do nosso continente. (Paulina Chiziane, 2023, minuto 2:48)

Nessa linha de pensamento, duas figuras históricas são recorrentemente são citadas por Paulina Chiziane em suas falas, Cleópatra e Rainha de Sabá. Para ela, essas duas personagens africanas são exemplos do verdadeiro feminino africano, da capacidade de liderar e governar grandes impérios, mas que tiveram seus feitos deturpados diante de um processo masculino de inferiorização da mulher.

Não pode haver um feminismo padrão e, por exemplo, nós temos aqui na Europa uma grande figura de feminismo que é Simone de Beauvoir, eu respeito, eu adoro os livros dela e adoro o pensamento dela, mas é a África a situação é outra, nós temos outros modelos e outras fontes de partida. E nós como africanas, o mundo olha para nós como as mulheres mais inferiores do planeta eu digo que não, não é verdade porque nós historicamente tivemos mulheres de dimensão universal de dimensão intemporal, coisa que Europa não teve estou a falar agora da Cleópatra com o Egito estou a falar agora da Rainha de Sabá com aquele grande império etíope. (Vogue Portugal, 2024, minuto 19:08)

É notório que durante todas as falas de Chiziane, que o resgate das características de Moçambique é prioritário. Recusar o rótulo de feminista é uma imposição diante de um cenário de aceitação mais amplo, trazido pelo colonialismo e por tradições locais, como o patriarcalismo.

Essa barreira bem definida por Paulina Chiziane é um chamamento por temáticas que ela acha mais relevantes e que deverão está no centro, a mulher. O



feminismo é uma pauta importante e não deve ser invalidado no processo, contudo esse encaixe fica em segundo plano diante de conjunturas mais relevantes, como veremos a seguir.

A Europa tem os seus modelos e tem o seu feminismo. A África tem os seus modelos e tem que desenvolver o seu feminismo e outras partes do mundo também tem que ter os seus modelos e desenvolver os seus modelos de feminismo. Resumindo, a libertação da mulher é um processo e cada dia que passa, a gente vai despertando a consciência um dos outros começamos a olhar para nossa história e tentar produzir algum pensamento. (Vogue Portugal, 2024, minuto 27:03)

Por fim, o feminino é, sobretudo, uma reparação histórica da mulher e do importante papel exercido por ela na construção da sociedade moçambicana. A mulher teve participação relevante, mas que, por motivos, já citados foram desconsiderados. A África sofreu um processo violento através da colonização europeia e a mulher tornou-se a base da sociedade, conforme afirma escritora.

É preciso estudar o feminino africano para poder se chegar ao feminismo, é um trabalho que merece ser feito. De certa maneira, vou fazendo o que posso, não sei se chego lá. É preciso reconhecer que a construção da sociedade africana é completamente da construção diferente da construção da sociedade europeia. África teve invasão colonial, os homens foram escravizados, levados para escravatura, os homens foram deportados nos tempos das plantações, quem é que ficou na construção da sociedade de toda África? Foi a mulher. (Paulina Chiziane, 2023, minuto 4:26)

Diante de tudo isso, podemos considerar que a liberdade é o fator primordial para a escrita de Paulina Chiziane. E podemos inferir que está presa a doutrinas teóricas, sobretudo, de origem europeia, é uma afirmação de aceitação de um processo com resquícios colonialismo.

Paulina não é contra o feminismo, no entanto, ela entende que o feminino representa a sua realidade, a realidade da mulher africana e que suas especificidades não são contempladas pelo movimento feminista de origem europeia. Em linhas gerais, suas obras poderão ser consideradas feministas, mas ela compreende que não possui esse objetivo como ponto central da sua literatura. Como vimos, o feminismo é um movimento complexo e diversificados, portanto, falar da mulher sem esse compromisso é essencial na visão de Paulina Chiziane.

## 6 CAPÍTULO 4: MULHERES EM BALADA DE AMOR AO VENTO

A minha questão é sempre a mesma: as nossas liberdades, seja de homem, da mulher, de qualquer ser excluído. O mundo da mulher sempre ficou muito escondido e é preciso começar a falar um pouco mais sobre o que somos. Uma coisa que eu costumo fazer é contar as nossas alegrias, tristezas, os sonhos das outras mulheres, mas acima de tudo, negociando a nossa liberdade e dignidade como seres humanos.

Paulina Chiziane

Neste capítulo realizaremos a análise de quatro personagens do livro *Balada de amor ao vento*. A proposta desta análise é que através da construção das personagens, do desenvolvimento, participação e importância para o decorrer da história possamos identificar elementos sobre o feminino e a visão empreendida pela escritora referente a mulher.

Sendo assim, correlacionaremos com o arcabouço teórico do presente estudo, sobretudo, ao que se refere ao feminismo. Com o intuito de abordar aspectos que versem sobre a construção do feminino retratada na sociedade moçambicana representada através das personagens escolhidas para objeto de análise.

Admitindo como principal objeto de estudo a obra *Balada de amor ao vento*, entendemos que não poderíamos deixar de fora deste capítulo a obra Niketche: *Uma História de Poligamia* em virtude da sua importância para o reconhecimento do universo literário de Paulina Chiziane, bem como para a consolidação dela como estrutura. Portanto, faremos um recorte superficial da obra, abordando perspectivas que vão ao encontro do feminino, sobretudo na personagem Luísa, umas das esposas de Tony e rival de Rami, protagonista da história.

Antes da análise, faz-se necessário a apresentação de forma sucinta sobre as duas obras escolhidas, trazendo um breve resumo sobre a temática, o enredo e o desenvolvimento da história presente nos dois romances de Paulina Chiziane.

### 6.1 NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

*Niketche: uma história de poligamia*, livro lançado por de Paulina Chiziane em 2002, possibilitou uma grande projeção a escritora, consolidando o nome dela no cenário literário de Moçambique com o prêmio José caveirinha em 2003. A história

gira em torno Rami que descobre que seu esposo Tony possui outras esposas espalhadas pelo país.

O livro trata de temas inerentes a cultura moçambicana como a poligamia, o *lobolo*, o patriarcalismo, versando sobre diversos aspectos do multiculturalismo de Moçambique, demonstrando diferenças entre as diferentes regiões do país.

Após vinte anos de casamento, Rami descobre a traição de seu marido, Tony, que possui mais quatro esposas. A poligamia é uma tradição moçambicana, existem ritos para que a mesma possa ser aceita, por exemplo, Rami sendo a primeira esposa, tem o direito de saber e concordar com os outros casamentos.

A partir da descoberta, Rami decide viajar pelo país e conhecer suas rivais e entender o motivo da traição de Tony, já que a mesma considerava possuir um casamento estável, feliz e monogâmico, considerando-se uma esposa exemplar de acordo com os ritos tradicionais de Moçambique.

Rami inicialmente encarava as esposas de Tony como rivais e ameaças ao seu casamento de vinte anos, até aquele momento considerado perfeito. Contudo, através da sua viagem pelo país, pôde entrar em contato com outros elementos culturais moçambicanos desconhecido por ela, um exemplo disso é a diferença de tratamento oferecida a mulher na região norte do país, que possuía uma tradição matrilinear, diferente do Sul, seu local de origem. Isso ficou bem evidente no seguinte trecho da obra.

As vozes das mulheres do norte censuram em uníssono. No sul a sociedade é habitada por mulheres nostálgicas. Dementes. Fantasma. No sul as mulheres são exiladas no seu próprio mundo, condenadas a morrer sem saber o que é amor e vida. No sul as mulheres são tristes, são mais escravas. Caminham de cabeça baixa. Inseguras. Não conhecem a alegria de viver. Não cuidam do corpo, nem fazem massagens ou uma pintura para alegrar o rosto. Somos mais alegres, lá no norte. Vestimos de cor, de fantasia. Pintamo-nos, cuidamo-nos, enfeitamo-nos. Pisamos o chão com segurança. Os homens nos oferecem prendas, aí deles se não nos dão uma prenda. Na hora do casamento o homem vem construir o lar na nossa casa materna e quando o amor acaba, é ele quem parte. No norte as mulheres são mais belas. No norte, ninguém escraviza ninguém, porque tanto homens como mulheres são filhos do mesmo Deus. Mas cuidado, no norte, o homem é Deus também. Não um deus opressor mas um deus amigo, um deus confiante, um deus companheiro. (Chiziane, 2002, p. 175-176)

Durante a viagem, percebeu-se um crescimento da personagem, ao entender e conhecer o verdadeiro marido. Rami compreendeu que as outras esposas foram tão vítimas de Tony quanto ela. A partir dessa virada de chave, Rami se alia as antigas

rivais e inicia um processo silencioso de ruptura com as tradições que a mesma considerava injustas, através dos privilégios delegados aos homens.

Uma passagem que exemplifica essas atitudes disruptivas de Rami foi quando supostamente Tony morrera atropelado. Mesmo a esposa sabendo que não era seu marido o defunto, deixou-se passar pelo ritual fúnebre, que envolvia o saqueamento da sua casa e fazer sexo com o intuito de purificação da viúva. Ao passar por esse processo, Rami demonstrou que não estava de acordo com as tradições e representou bastante a luta contra todas as tradições, foi um verdadeiro ato que coloca em xeque o sistema cultural moçambicano. “Respiro fundo. Vi o morto da ponte. Não tinha nada a ver com o Tony Como é que chegaram à conclusão de que era ele, se nós, as esposas, ainda não procedemos à identificação do corpo?” (Chiziane, 2002, p. 200)

A história do romance perpassa por uma viagem ao mundo feminino representada através de Rami e da relação com suas rivais inicialmente, mas que decorrer do tempo se tornam aliadas contra as atitudes Tony. Rami representa o questionamento do sistema patriarcal e polígamos de forma perspicaz e silenciosa.

No início a descoberta da poligamia foi motivo de abalar seu casamento e o questionamento do seu valor enquanto mulher, se inferiorizando diante da atitude de seu esposo. Rami soube utilizar as brechas oferecidas pelas tradições ao expor seu marido diante de toda a sociedade local, exigindo que ele assumisse as responsabilidades inerentes ao adotar a poligamia.

A união com as suas rivais foi o pontapé para ruir com o sistema e com as atitudes de Tony. Rami ajudou as suas rivais a tornarem-se independentes, a partir do momento que todas eram vítimas de uma tradição que a mesma não entendia e julgava injusto.

Esse processo de libertação das esposas fez com que Tony deixasse de ser o centro das atenções, sendo preterido diversas vezes, por conta de interesses pessoais de cada esposa. Em determinado momento a presença de Tony no ambiente familiar passou ser estorvo e mais uma ação protocolar e burocrática imposta pelo patriarcalismo.

Podemos questionar as atitudes de Rami diante de tal cenário, o qual trocou a luta e o enfrentamento contra as esposas por ajudas, conselhos e outros artifícios por ela. Qual seria o verdadeiro objetivo da protagonista através das suas atitudes? Rami por diversas vezes questionou-se sobre sua aparência, sobre a sua serventia, o papel

cumprido por ela enquanto esposa. Isso representa uma jornada de autoconhecimento e construção de uma identidade própria, um fortalecimento do seu posicionamento e uma imposição como uma mulher que possui desejos, vontades e não irá mais se curvar diante de um sistema que objetive a manutenção de uma lógica de subserviência feminina diante da figura do homem.

Podemos exemplificar esse questionamento quando Rami faz uma análise das atitudes de Tony, recorrendo sobre os princípios do sistema da poligamia no seguinte trecho.

— Ah, meu Tony não podes sofrer assim. Tu és apenas um palco, onde o teatro da vida corre. És uma praça onde desfilam tradições, culturas, princípios, tiranias. A poligamia é um sistema com filosofia de harmonia. Uma mulher parte para o lar, sabendo que não será a única. Levaste-me ao altar e fizeste um falso juramento. Assinaste uma lei contrária aos teus desejos. Entraste neste sistema desconhecendo as normas, traindo-me a mim e a todas as outras. (Chiziane, 2002, p. 331)

Em linhas gerais, entendemos que *Niketche: uma história de poligamia*, traz elementos característicos da sociedade moçambicana de forma crítica ao abordar através de uma ótica feminina traços da tradição de Moçambique. O enredo do livro capitaneado pela protagonista e as outras esposas de Tony expõe a visão do feminino tratada por Paulina Chiziane através da sua literatura com o objetivo de promover uma reflexão a respeito da organização social moçambicana de supremacia masculina.

### **6.1.1 Luísa: uma revolucionária silenciosa**

Neste subtópico trataremos sobre Luísa, uma das esposas de Tony, que usou o sistema da poligamia a seu favor, aproveitando-se de falhas e brechas para sobreviver dentro deste contexto cultural de viés feminino.

Luísa é terceira esposa de Tony, a segunda a ser encontrada por Rami em sua jornada de busca por suas rivais com o objetivo de entender os motivos que levara seu esposo tornar-se um polígamo sem seu conhecimento.

De origem nortenha, Luísa vinha de uma região do país com diferentes costumes culturais do sul. Essa diferença causou um choque de realidade em Rami, pois a sua rival possuía uma visão totalmente diversa de mundo da sua, surpreendendo como ela lidava com a sua situação e como encarava o sistema patriarcal.

O primeiro encontro entre Rami e Luísa não foi nada amistoso, resultando na prisão das duas esposas de Tony após uma briga no meio da rua. Sendo que, as duas só foram soltas por conta do prestígio e da influência do marido que ocupava um cargo alto na polícia moçambicana.

Contudo, mas do que acabar com o casamento de Tony com suas rivais, Rami buscava entender o contexto o qual se tornou o seu casamento após a descoberta dos adultérios do esposo. A intenção de Rami era compreender o sentimento e o pensamento das suas rivais, uma jornada para sua autodescoberta, conforme no diálogo a seguir.

— Luísa, sentes-te esposa legítima do Tony?  
 — Enquanto ele me der assistência, sim. Nós, lá do norte, somos práticas. Não perdemos muito tempo com esses rituais de lobolos, casamentos e confusões. Basta um homem estar comigo uma noite para ser meu marido. E quando essa relação gera um filho o casamento fica consolidado, eterno. Enquanto o Tony me der comida, cama, alimento, sou esposa legítima, sim. (Chiziane, 2002, p. 56-57)

Na conversa entre as rivais podemos notar a diferença entre a visão de Luísa de acordo a sua origem, a qual se autodenomina como uma mulher prática. O casamento com Tony é uma questão de sobrevivência, ele oferece uma estabilidade que a mesma por conveniência não quer abrir mão, se apoiando nesse fato como um elemento de legitimidade do seu matrimônio informal.

O que podemos perceber é que Luísa possui uma leitura de mundo que transcende as tradições moçambicana, sobretudo, as do Sul, local onde se ambienta prioritariamente o livro. Luísa não se curva diante da superioridade masculina imposta pela sociedade, ela deturba o sistema e usa isso a seu favor em luta silenciosa e de ruptura com a realidade ali sustentada.

No decorrer da história com união das esposas de Tony foi capitaneada por Rami, líder legítima e direito por ser a primeira esposa. No entanto, Luísa exercia um papel central dentro da coalizão formada pelas mulheres, com uma influência muito grande, estabelecendo meio que uma liderança informal, moldando as rivais com seus pensamentos e contribuindo significativamente na virada de chave que ocorreu na vida da protagonista.

O que querem as mulheres, à volta de um só homem? Todas tememos a solidão e por isso suportamos o insuportável. Dizem que as mulheres são muitas — as estatísticas e os próprios homens — e os homens poucos. Para

dizer a verdade — parafraseando a Lu, a terceira —, há homens em quantidade suficiente. Homens com poder e dinheiro é que são poucos. Na história da nossa terra, mulher nenhuma morreu virgem por falta de homem. Para todas estas mulheres o Tony é emprego, fonte de rendimento. (Chiziane, 2002, p. 67)

Luísa não romantizava o casamento, não amava Tony, a sua relação tinha um propósito bem definido. Tony representava fonte de renda, sustento e ela nunca escondeu isso diante da sua postura e posicionamento. A personagem enxergava as mazelas impostas pelo patriarcalismo a mulher e ela precisava se adequar ao sistema e usá-lo a seu favor, por isso aceitava o casamento com Tony sem maiores questionamentos.

Antes de tudo é preciso entender a construção de Luísa. A personagem do Norte não possuía amarras ao tradicional moçambicano, a sua sobrevivência era a sua prioridade. Neste contexto, não enxergava Rami como uma rival, ela entendia como uma peça de um sistema injusto e cruel, como uma vítima, esse fator foi ideal para a aproximação das suas e o estabelecimento de uma relação de cumplicidade e respeito.

Esta Luísa é um bocado louca. Não é que ela me telefona e me convida para o aniversário do filho dela? Eu disse que não, mil vezes não. Ir a festa do filho de uma rival não faz sentido. Mas vim. Não sei que feitiço, que magia me arrastou até aqui. Passei por uma loja de brinquedos e comprei um carrinho de prenda para o rapazinho. Mas não me arrependo, estou a divertir-me. Conhecer nova gente e conversar. Mostrar a essas rivais que sou superior a elas e não guardo rancores nem mágoas. Foi uma boa ocasião para conhecer essa Luísa de perto, o mundo que lhe rodeia, as amigas com que se faz rodear, e até mesmo o feitiço com que enlouquece o meu marido. (Chiziane, 2002, p. 77)

O convite para a festa da filha feito por Luísa foi o pontapé inicial para o amadurecimento de Rami enquanto mulher, muito disso pela influência exercida pela rival. Foi a partir dessa festa e entrada de Vito, amante de Luísa e futuramente de Rami, que possibilitou uma mudança da protagonista ao lidar com Tony e todo os problemas trazido por ele com o advento da poligamia da forma como foi feita.

Mesmo relutante, Rami acaba indo para a festa da filha da rival e lá conhece Vito, se encanta por ele e descobre que o mesmo é amante de Luísa. Rami fica incrédula diante da descoberta do adultério da rival, aquela que roubara seu homem e tivera um filho, traia Tony, era inadmissível a sua concepção.

A presença do homem transmite-me a energia de que preciso para viver. Aquelas flores trazem ao meu olfacto o aroma de que preciso para suspirar. O homem traz nos lábios o sorriso que me faz vibrar. Convido o homem para se sentar muito perto de mim. Ele se faz rogado e eu insisto. Obedece-me. — Belo homem, quem és tu que nunca vi? O que fazes aqui? A Luísa fica atrapalhada e diz qualquer coisa ao ouvido do visitante. Faz as apresentações. Gagueja. — És amante da Luísa, não és? — acuso. — És sim. Saiba, meu senhor, que a Luísa é uma mulher comprometida. Ela roubou o meu marido e fizeram dois filhos. Mas qual é o homem que não se deixa roubar por esta bela ladrona, meu senhor? O homem tenta disfarçar, mas atrapalha-se em cada passo e concluo: é mesmo amante dela. Fico com raiva. Esta Luísa, além de traidora, é uma fresca. Mal o marido se ausenta, logo saltai a cerca. Adúltera! De repente fico com vontade de gritar e explodir tudo pelos ares. Penso mais um pouco: explodir tudo porquê? Estou aqui numa festinha de crianças para divertir-me e não para defender interesses conjugais de outro adultério. De resto, esta mulher não tem carimbo de propriedade, não está registada em parte nenhuma, é livre. Bela como é, quente como deve ser, por que não aproveitar a vida? (Chiziane, 2002, p. 77)

Esse choque de realidade possibilitou a Rami enxergar Luísa sob uma nova ótica. Ela se deu conta que Tony não era o centro das atenções e que para sua era uma peça dessa engrenagem chamada de vida. Veremos isso de forma bem evidente nos seguintes trechos.

O primeiro recorte se passa logo após Rami acordar depois de ter passado a noite com Vito com anuência de Luísa. Rami embriagada cede ao desejo e a sua carência afetiva e se entrega aos braços de amante da rival. — Luísa, como é que isto foi acontecer, logo comigo? — Oh, Rami. Aquele homem não é criança nenhuma. És uma mulher carente, mal cuidada, abandonada, vê-se. Ele prestou-te um serviço. Não há nada de errado nisso” (Chiziane, 2002, p. 81).

Vejamos que Luísa não mede palavras para trazer Rami para a sua cruel realidade e para o marido que ela tem. E ao dizer que Vito lhe fez um favor foi tocar em uma ferida que Rami tentava ocultar de si mesma ao enganar-se diante de um fictício casamento perfeito. Luísa traz aspectos da cultura do norte para justificar a sua permissão para que Rami dormisse com seu amante.

— Não sou possessiva. Venho de uma terra onde a solidariedade não tem fronteiras. Venho de um lugar onde se empresta o marido à melhor amiga para fazer um filho, com a mesma facilidade com que se empresta uma colher de pau. Na minha comunidade o marido empresta uma esposa ao melhor amigo e ao ilustre visitante. Na minha aldeia, o amor é solenemente partilhado em comunhão como uma hóstia. O sexo é um copo de água para matar a sede, pão de cada dia, precioso e imprescindível como o ar que respiramos. Se já partilhamos um marido, partilhar um amante é mais fácil ainda. Assim as contas estão pagas, não é, Rami? (Chiziane, 2002, p. 82)



Neste trecho do livro, percebemos que através de Luísa, foi nos permitido conhecer um pouco da cultura matrilinear praticada no norte de Moçambique. Podemos dizer que Luísa sente pena da situação vivida por Rami e todo contexto que envolve seu casamento com Tony. Mais do que uma dívida paga por causa da sua relação com Tony, há um gesto de cuidado, de compaixão e de permitir que Rami viva de forma mais plena sua condição de mulher, que envolvem aspectos mais amplos do que ser submissa a figura masculina.

A mais dura lição dada por Luísa a Rami acontece quando ela desmascara Tony, falando sobre suas intenções, deixando claro mais uma vez que o casamento não passa de conveniência e de luta por uma estabilidade que lhe garanta necessidades básicas para a sua subsistência.

— Oh, grande coisa! Esse Tony por quem batemos o que é que me dá, Rami? Acabei aceitando a humilhação de ser uma terceira mulher, sem registo nem estatuto, para receber migalhas, só migalhas. Homens há muitos, nesta capital. Mas que homens? Ir buscar um camponês, um condutor de *tchova* lá da minha aldeia? Quero uma casa com electricidade, televisão e telefone. Quero filhos com bom nome e com oportunidades que eu não tive. Quero para os meus descendentes um destino diferente do meu. (Chiziane, 2002, p. 83)

Luísa entende o contexto que está inserida e a sua atuação e colocação perante a sociedade. Ela se sujeita a humilhação por falta de oportunidade que lhe se não negadas perante a essa conjuntura social configurada de acordo as premissas do patriarcalismo.

Essa é a situação que permitiu a mudança de postura de Rami perante a seu casamento e, principalmente as atitudes do marido. A partir desse momento podemos ver a protagonista indo em busca de alianças com as suas rivais com o intuito de se estabelecer mediante a poligamia. Podemos então, considerar o papel exercido por Luísa representou o despertar para a realidade. Como somos capazes de perceber no seguinte trecho.

Comecei a frequentar a casa da Lu. A partilhar segredos. O Vito passou a ser a sombra misteriosa perseguindo a sombra do meu ser A lua que brilha na fresta da minha janela. Excelente amante polígamo, distribuindo-nos amor roubado, numa escala justa, tudo por igual. A situação embaraçava-me, por vezes enjoava-me. A minha consciência censurava-me, mas o meu corpo estava lá à hora combinada, absolutamente dependente daqueles encontros secretos como uma viciada em heroína. Por vezes me assalta o medo de ser descoberta. Quando o Tony der por mim, o manto da fidelidade estará roído até ao último fio. A moral é uma moeda. De um lado o pecado, de outro lado

a virtude. Silêncio e segredo unidos, no equilíbrio do mundo. (Chiziane, 2002, p. 89)

A cumplicidade que se criou entre Rami e Luísa, agora chamada de Lu, foi o alicerce para o desenrolar dos acontecimentos seguintes. Além de um marido, as duas agora dividiam um amante, amante este que permitiu a Rami recuperar a vida, já que durante os anos de submissão ao marido e aos filhos tirou toda a sua essência. O dilema moral fez parte da consciência de Rami, mas a ruptura velada com o sistema patriarcal era um grito silencioso diante de uma opressão exercida pela sociedade para como as mulheres.

Através dessa aproximação, Rami tornou-se líder do grupo formado pelas esposas de Tony. Luísa ocupou um espaço estratégico, sendo muitas vezes a mentora intelectual dessas mulheres, como podemos observar na seguinte passagem. “— Temos que trabalhar — diz a Lu —, ainda temos um pedaço de pão porque o Tony ainda está vivo. E quando ele morrer? Do luto até encontrar um novo parceiro vai um longo período de fome. É preciso prevenir o futuro”. (Chiziane, 2002, p. 118).

Luísa mantém uma percepção ampla, possuindo uma leitura muito eficiente da sua realidade. Como já foi dito, Tony era visto por ela como um meio de sobrevivência, mas ela se preocupava com o futuro e em uma possível ausência daquele que se tornou o arrimo de família e assegurava sua subsistência. A terceira esposa buscava independência, não se curvar diante da situação imposta.

Esse é um processo que somente é possível graças a liderança e as atitudes de Rami. Rami financiou cada uma das suas rivais na construção de um negócio com o objetivo de se livrar da dependência financeira de Tony que as escravizava no contexto. Então partindo da venda de roupas, abertura de salão e de venda de bebidas, as esposas de Tony foram se consolidando como mulheres donas de si e condutoras de seus destinos, delegando cada vez mais um papel secundário dentro do grupo ao marido. Um exemplo disso é a reunião ocorrida após o retorno de Tony após a sua falsa morte.

As minhas rivais chegam uma a uma. Vieram ver, para crer, este homem que constrói para destruir. Que semeia a flor para depois matar. Esforçam-se por superar a dor, tiraram o luto e trajaram de flor. Estão todas vestidas de fresco, coloridas com roupas da loja da Lu. As saias rachadas do lado esquerdo e decotes atrevidos refrescam o corpo como janelas. Estão penteadas a rigor, perfumadas e maquilhadas com os produtos da loja da Mauá. Todas cheiram bem. menos eu que estou ardendo de fogo dentro desta roupa preta. Cada uma escolhe um assento no chão, e fazemos uma roda como num

piquenique. O Tony estava sentado no alto, no meio das mulheres que o rodeiam como se ele fosse um bolo de aniversário. Ele estava trémulo, desconcertado. Via-se a angústia do regresso estampada naquele corpo. Por que sofria ele? Por si ou por nós? O que nos dirá ele? (Chiziane, 2002, p. 235)

Essa representação simbólica representa muito do que é a luta como o patriarcalismo e a poligamia. Tony forja a própria para pregar uma lição em rami, esta que se deixa passar por todo ritual fúnebre local, mesmo sabendo que seu marido estava vivo. Em seu retorno, Tony pela primeira vez enfrentou as suas esposas que agora são independentes, vestem-se bem, mostrando imponência diante do marido e ocupando um espaço atuante.

Todo esse processo de fortalecimento feminino tem como premissa a conquista da independência e a delegação de um papel secundário destinado a Tony. A quebra dessa corrente permitiu um desvio da tradição poligâmica. Ao trazer esses aspectos, Paulina Chiziane aborda a capacidade da mulher de ocupar espaços destinados a homem e Luísa é o fio condutor que torna possível que essa situação aconteça.

Vou olhando para a janela. Vejo uma mulher a estacionar uma viatura de boa marca. A mulher tira os óculos de sol e a reconheço: é a Lu, meu Deus, é a Lu. De quem será o carro?  
Ela entra e senta-se. Está elegante, como só ela sabe estar.  
— Lu, ao volante?  
— Queria fazer-te uma surpresa. O meu carro novo. Carro em segunda mão, mas o primeiro da minha vida. (Chiziane, 2002, p. 248)

Lu está à frente do seu tempo, não se curva diante das barreiras impostas ao seu modo de viver. Ela vai conquistando seu espaço a partir do momento que são proporcionadas as oportunidades e Rami é o que permite tornar possível todos os sonhos de Luísa, que aproveita tudo o que lhe é oferecido, inclusive a oportunidade de viver seu amor com Vito.

Os ensinamentos passados por Luísa, em primeira ordem a rami, abrangendo as outras esposas representa uma leitura seca da sociedade moçambicana em uma visão feminina. Quando não poupa Rami sobre a sua vida e da forma que ela foi pisoteada pela poligamia representada na figura de Tony, Lu faz uma dura crítica as tradições moçambicanas.

— Cumpriste as regras de obediência a vida inteira. O que ganhaste tu? Uma coroa de espinhos no trono da viuvez. Foste cordeiro no fogo do sacrifício. Rami: tu eras uma borboleta voando. Um pedaço de mel adocicando a vida.

Nunca fizeste mal a ninguém, Rami, como te podem fazer mal a ti? (Chiziane, 2002, p. 253).

Luísa conquistou a admiração das suas rivais com seus posicionamentos e sua mentoria. A sua forma de encarar a vida é exemplo de uma mulher que sabe o que quer e não se abate diante das dificuldades. Lu luta com as armas que o sistema lhe oferece, assim foi com o casamento com Tony, seu amor proibido vivido com Vito e partilhado com sua rival e melhor amiga. Sendo que, a seu único lema de vida é lutar e não se dar por vencida diante das adversidades.

Começo a admirar esta mulher. A forma prática como resolve os problemas da vida. A sua sinceridade. A frontalidade. Ela não teme as bocas do mundo. É senhora de si e faz tudo o que lhe apetece. Resiste. Luta. Decide. Escolhe. E conquista da vida o seu pedaço de chão. Um chão estéril, mas o seu pedaço de chão. Ela sabe escolher a terra fértil onde germinará flor, perfumada e sem espinhos. E escolhe as mãos delicadas que a irão colher: as que agradam e as que cuidam. (Chiziane, 2002, p. 252).

De fato, a coragem de Luísa impulsionou que as outras esposas de Tony seguissem o mesmo caminho da rival. Incentivada por Rami, Lu resolveu assumir e viver seu amor, tornando público seu relacionamento com Vito. O casamento entre os dois representou uma quebra do sistema patriarcal, Lu já não tinha as amarras que a impedia de gozar da sua liberdade. A conquista da sua independência, sobretudo no quesito financeiro, foi o pontapé para uma ruptura com Tony e possibilitou uma mudança de status perante a sociedade.

Seguindo o exemplo Luísa, as outras esposas de Tony também criaram coragem para conquistar sua libertação. Outros casamentos ocorreram, e uma a uma foi se desvencilhando do casamento polígamo e passaram a viver a sua vida de acordo a sua vontade de acordo aos seus sonhos.

Para Tony, esse abandono sistemático das suas esposas representou um golpe a sua personalidade masculina. Mais do que as perdas das esposas, esse abandono feriu seu ego e sua imagem perante a sociedade patriarcal. Ele sentiu-se inferiorizado diante das atitudes da ex-esposas que quebraram a ordem natural de acordo aos costumes moçambicanos.

Para finalizar, entendemos que cada mulher presente na obra de Paulina Chiziane representa versões de feminino que a autora defende na construção da sua obra literária. Nesse pequeno recorte, trazemos Luísa como foco e sua importância para a construção presente em *Niketché: uma história de poligamia*. Apesar de ser

uma personagem secundária, seu desenvolvimento enquanto mulher independente e que não se curva diante do sistema foi fundamental para a mudança de destino de Rami.

Luísa conseguiu aliar elementos culturais do Norte com sua personalidade e se tornou uma mulher forte e que busca alcançar seus objetivos e sonhos. Ao aceitar o casamento com Tony, mesmo ciente da sua condição humilhação, como entende a própria personagem, foi um ato de coragem e de adequação ao cenário social. Ações como o relacionamento a três com Vito e Rami, demonstra que a personagem entendeu os elementos que envolvem o patriarcalismo e encontrou forma de burlar a realidade posta.

Portanto, ao conceber Luísa, Paulina Chiziane não quis santificar a figura da mulher. Luísa representa a expressão da mulher que possui sonhos, desejos, falhas como todo ser humano, mas que é necessário que conduza a sua vida de acordo com a sua liberdade e não ter seus destinos por tradições que priorizam os homens e as tornas subservientes a uma 'estrutura de cunho masculina.

## 6.2 BALADA DE AMOR AO VENTO

Balada de amor ao vento é o primeiro livro publicado por Paulina Chiziane em 1990, também é um marco histórico para a literatura moçambicana por ser o primeiro romance publicado por uma mulher no país.

Através da história de vida de Sarnau, Paulina Chiziane traz elementos culturais de Moçambique, ao tratar de temas considerados cristalizados como o patriarcalismo, sistema que a mulher é submissa ao homem, a poligamia, a situação feminina diante de um cenário tradicional que a escritora questiona.

O enredo do livro gira em torno de Sarnau e Mwando, sendo que, a primeira é a narradora-personagem e relata sua história de vida desde o dia que se apaixonou pelo segundo. No início da história, Mwando estuda em uma escola da igreja e pretende se tornar padre. Contudo, o envolvimento com Sarnau culmina na sua expulsão do internato, acabando com sua carreira no mundo religioso católico.

O romance entre os dois personagens principais é interrompido pelo casamento de Mwando com Sumbi, de origem católica, imposto pela família do esposo. Esse casamento arranjado não dura muito tempo. Sumbi nega subserviência ao marido e muitas o desafiando perante a comunidade, o que gera desconforto perante toda

aldeia diante do comportamento considerado inadequado. Ela se recusa a seguir os ritos que pregam o patriarcalismo, não se curvando diante das ordens e dos costumes, ela se nega servir simplesmente ao marido e exige igualdade de tratamento, como veremos na seguinte passagem. “No primeiro dia da vida conjugal, a Sumbi não cumpriu com as regras. Simulando dores de cabeça, não pilou nem cozinhou para os sogros. Sentava-se na cadeira como os homens, recusando o seu lugar na esteira ao lado das sogras e das cunhadas”. (Chiziane, 1990, p.61).

Mwando deixa Sarnau grávida e em uma tentativa de suicídio perde o bebê. Sarnau mergulha em um lago com o intuito de se afogar e é salva por um pescador. Paralelo a isso a rainha dos Zúculas procurava uma pretendente para seu filho Nguila, futuro rei. Após a reprovação da primeira pretendente, a rainha viajou por todo território em busca de uma futura esposa para seu filho que contasse com a sua aprovação e depois de alguns testes, Sarnau foi a escolhida, como *lobolo* foi oferecido trinta e seis vacas.

A proposta financeiramente era irrecusável e toda família exerceu uma pressão para que Sarnau a aceitasse. Isso comprova que muito integrantes da família viram a mudança de status financeiro e social com ascensão de Sarnau como a futura rainha.

Mesmo tornando-se rainha, a infelicidade é a tônica vivida por Sarnau, que vive um casamento poligâmico, seu marido é violento, sempre preterindo-a em relação as outras esposas, principalmente Pathi, a quinta esposa e preferida do rei e sua principal inimiga.

A história do romance contada pela perspectiva de Sarnau retrata sua trajetória de vida. As idas e vindas que envolvem seu relacionamento com o Mwando, as suas gravidezes, sendo abandonada duas vezes. A descoberta do adultério por Phati, a fuga, a prostituição, a doença da filha, entre outros elementos que envolvem a narrativa da história até a protagonista se tornar feirante e o retorno definitivo de seu amado após quinze anos.

A paixão despertada por Mwando desde a infância, os entraves que inviabilizou a vivência desse amor, que vão desde a interferência do cristianismo, que chegou ao país através da colonização portuguesa e modificou elementos locais, perpassando pela vida de rainha, infeliz, adultério, prostituição, filho bastardo, que se tornou herdeiro do reino. Além disso, a descoberta do adultério, morte da rival. Todos esses elementos moldaram a história de vida da protagonista, que termina a história

trabalhando na feira e alcança a redenção ao encontrar e poder de fato se reconciliar com seu grande amor.

Temas inerentes a cultura moçambicana são retratados no livro, a poligamia, o lobolo e outros aspectos presentes de forma mais robusta em Niketche: *uma história de poligamia*. Sarnau em sua jornada sofreu com a inconsistência de Mwando, que se mostrou frágil em sua conduta e atitudes em relação ao seu amor.

Mwando no decorrer da história apresentou comportamento egoísta, sempre colocando Sarnau em segundo plano, isso pode ser exemplificado as duas vezes que fugiu ou abandonou a protagonista. Apesar de estar inserido em contexto de patriarcalismo, Mwando não teve personalidade e muitas vezes aceitou as imposições de pessoas externas.

O casamento arranjado de acordo as tradições e a relação com sua esposa superficial são representações da personalidade de Mwando. As atitudes que culminaram com o retorno pela primeira vez após o abandono de Sumbi, refletem o pensamento do personagem e seu sentimento de segurança e disponibilidade de Sarnau, baseado no amor que o tempo não conseguiu tirar do coração da protagonista.

Como veremos no tópico seguinte, Pathi também tem participação direta nas reviravoltas que a vida de Sarnau sofre. A quinta esposa mostra-se um rival implacável na busca pela status de rainha, já que o amor de Nguila já possuía. Ao descobrir o caso extraconjugal de Sarnau e Mwando, que culmina com a fuga do casal, a perseguição do exército real e a segundo abandono, Pathi cava sua sentença de morte e modifica de forma permanentemente a vida da protagonista.

O que se percebe é o crescimento da personagem no ápice e término do livro com o discurso de aceitação novamente de Mwando, mesmo após dois abandonos de seu grande amor. A redenção de Sarnau questiona o sistema posto em Moçambique, no qual a mulher se encontra marginalizada dentro contexto social, ao abandonar a vida superficial com o rei, a protagonista deixou de lado um espaço que muitas mulheres gostariam de ocupar, mas que ela não estava disposta a pagar o preço da rejeição, da infidelidade e do desprezo que seu marido lhe ofertava.

— Não brinco, não. Esse é o meu verdadeiro preço, o preço da minha honra. O meu lobolo foi com trinta e seis vacas novas e virgens. Com as vacas do meu lobolo, os meus dois irmãos casaram seis mulheres. Os irmãos das minhas seis cunhadas usaram O mesmo gado para casarem as suas esposas, e por aí adiante. Só as vacas do meu lobolo fizeram outros vinte e

quatro lobolos. Tiraste-me do lar, abandonaste-me, tive que lutar sozinha para devolver as trinta e seis vacas, pois se não o fizesse, todas seriam recolhidas em cada família, o que significa vinte e quatro divórcios. Fiz o impossível e consegui resolver o problema. Ainda me queres? Paga-me, quero o preço da minha honra. (Chiziane, 1990, p.144).

Esse discurso representa uma libertação para Sarnau a partir do momento que ela avalia todas as situações que teve que passar durante os quinze anos de afastamento de Mwando. Em misto de frieza e racionalidade, ela entende que muitas humilhações e dificuldades que passou foi causada pela atitude de Mwando e que após longos anos de sumiço, retorna e espera que ela o aceite. Ela exige que ele restabeleça a sua honra, de forma financeira, ela sabe que não vai apagar tudo o que passou, mas é um alento para sua consciência, por isso relutância para aceitar o amado de volta.

Contudo, a situação agora é outra, Sarnau se reestabeleceu de forma independente, tem seu comércio e apesar de amar Mwando, ele já não é o ponto central para continuidade da sua vida. Sarnau percebe que neste momento ela é protagonista da relação, a submissão não existe mais e aceitar o retorno do seu grande amor proporciona outras possibilidades de convivência. Contudo, Mwando usou um artifício que venceu todas as argumentações, oferecendo a oportunidade de ser um pai para os filhos.

E eu preciso de um homem, e deste homem que está aqui ao meu lado. Venceu-me. Atacou-me com a arma que extermina todas as fêmeas do mundo. Colocou-se ao lado dos filhos, fez a guerra e venceu. Viverá comigo. Tenho casa, tenho negócio, tenho dinheiro. Hei-de alimentá-lo. Não será fácil para ele arranjar um posto de trabalho nesta terra. Embora vencida, ainda me resta o orgulho, mas orgulho de quê? O orgulho cega--me e destrói-me, preciso de ser feliz, estou vencida e perdida. (Chiziane, 1990, p.149).

Em linhas gerais, *Balada de amor ao vento* apresenta uma mudança histórica para o cenário literário, é um livro que traz uma personagem mulher como protagonista, só esse fator representa uma grande ruptura com o que já vinha sendo produzido em Moçambique. A ideia do feminino de Paulina Chiziane se demonstra na construção de Sarnau e sua luta por sobrevivência e os caminhos que sua vida vai tomando desde que se apaixonou por Mwando.

É uma história de perseverança, resiliência de uma mulher que não se abate diante de todas as desgraças que acontecem em sua, muitas delas causada por um amor. Sarnau teve vários motivos para desistir de viver, mas assumiu as



consequências dos seus atos, pois seguiu seu coração e buscou viver de acordo com aquilo que pensava. Mais do que uma jornada de herói, no caso da heroína, Paulina Chiziane contou a história de uma mulher moçambicana sobre o viés de um olhar feminino, demonstrando aspectos não comuns na literatura produzida no país até aquele presente momento.

### 6.3 CONFLITOS E A LUTA PELA LIBERDADE FEMININA EM BALADA DE AMOR AO VENTO

Este tópico tratará como abordagem principal aspectos referentes ao livro *Balada de amor ao vento*. Analisaremos a construção feminina ocorrida no romance através das falas, condutas e posturas das personagens. Obviamente por Sarnau ser a protagonista da história e narradora ganhará maior destaque, contudo, não deixaremos de trazer outras personagens tão importantes para o desenvolvimento do enredo.

Vale ressaltar, que o conceito de feminino explanado pela autora da obra é fundamental para a análise das personagens, pois acreditamos que a teoria difundida por Paulina Chiziane se refletirá na sua escrita e na sua contação de história. Entendendo que a ideia de feminino está associada também ao feminismo, mesmo que não seja o principal objetivo dele, buscaremos efetuar associações com a teoria estudada.

Sendo assim, traremos como destaque passagens, falas, recortes e situações que exemplifiquem a conduta da mulher de acordo a contextos específicos. O intuito é entender e realizar reflexões como as expressões do feminino podem se expressar na obra estudada. Sendo assim, faremos uma interpretação dos fatos ocorrido de forma linear e cronológica do livro.

A primeira fala escolhida é da protagonista do livro. Antes de começar a contar sua história de vida, Sarnau traz de forma bastante introdutória uma reflexão sobre o amor, sua infância, fazendo uma breve análise sobre a mulher e sua condição diante da sociedade.

Tenho uma filha crescida que ainda estuda embora já tenha estudado muito. Um dia disse-me que a terra é redonda. Por fora é toda verde e lá no fundo tem um centro vermelho. Como o melão. Que a terra é a mãe da natureza e tudo suporta para parir a vida, como a mulher. Os golpes da vida, a mulher suporta no silêncio da terra. Na amargura suave segrega um líquido triste

viscoso como o melão. Quem já viajou no mundo da mulher? Quem ainda não foi, que vá. Basta dar um golpe profundo, profundo, que do centro vermelho explodirá um fogo mesmo igual à erupção de um vulcão. (Chiziane, 1990, p.12).

Percebe-se que ao trazer a sua filha como ponto de referência, Sarnau prepara o campo para um debate que envolve a posição da mulher no decorrer do tempo na sociedade local. O acesso ao estudo e, sobretudo, a sua permanência é um fator que representa uma mudança de postura no que se refere a mulher. Por outro lado, não podemos deixar passar despercebida as críticas incutidas na analogia citada pela personagem entre elementos do cotidiano e o mundo da mulher, este divergente do mundo socialmente aceito, de cunho masculino.

Iniciada a viagem através da vida de Sarnau, partimos da infância e do momento que se apaixonou por Mwando. O início desse conturbado relacionamento, pelos entraves que se apresentaram. Mesmo diante das dificuldades enfrentadas, o casal teve um breve momento de cumplicidade e a mudança ocorreu após o casamento arranjado para Mwando e Sumbi.

Mwando ainda não ofereceu nada à minha protectora, mas eu perdoo, ele ainda não arranjou dinheiro, coitado. Ultimamente vemo-nos poucas vezes, ele diz andar metido nos negócios do pai e vai muitas vezes à cidade. Diz que a mãe e as irmãs são muito preguiçosas, e ele muitas vezes tem de cozinhar, lavar a roupa e rachar lenha, mas onde é que já se viu um homem cozinhar com mulheres em casa? Falta muitas vezes aos encontros e, quando vem, tem pouco tempo. Já não quer passear como antigamente, mas eu perdoo, eu gosto dele, ele tem muito trabalho em casa, pois as irmãs são muito preguiçosas. (Chiziane, 1990, p.27).

A transformação da postura de Mwando se deu por conta de fatores que não estavam relacionado a sua vivencia. Apesar do casamento ser arranjado, o amado de Sarnau não fez esforços para lutar por seu amor, sendo que, sua postura de passividade culminou com a quebra das tradições por meio da sua esposa e o futuro divórcio.

Contudo, uma particularidade implícita na busca de justificativas pelo esfriamento do relacionamento e sumiço de Mwando encontrada por Sarnau foi internalizar um comportamento inadequado das suas cunhadas. Essa alcunha de “preguiçosas” atribuídas as irmãs de Mwando é reflexo de uma sociedade que delega as tarefas domésticas para as mulheres obrigatoriamente.

Retomando o iminente casamento de Mwando, ele não conseguiu sustentar essa situação durante muito tempo e o momento de falar a verdade para c chegou culminando com o primeiro abandono provocado por ele. Como veremos a seguir.

- Porque andas com tantos rodeios e não dizes logo o que se passa?
- Está bem, eu digo. Não vou partir para lado nenhum. Vou casar-me brevemente com uma rapariga que os meus pais escolheram para mim.
- Mas isso não é problema disse entre lágrimas.
- Eu aceito ser a segunda mulher, ou terceira, como quiseres. Se tivesses dez mulheres eu seria a décima primeira. Mesmo que tivesses cem, eu seria a centésima primeira. O que eu quero é estar ao teu lado.
- Samau, o teu desejo não pode ser realizado. Nunca serás minha mulher, nem segunda, nem terceira, nem centésima primeira. Eu sou cristão e não aceito a poligamia. (Chiziane, 1990, p. 29).

Mais uma vez podemos perceber através da atitude de Sarnau a submissão feminina estabelecida. Em um ato desesperado ela propõe se tornar a segunda ou terceira esposa, aceita a condição de poligamia com o intuito de não perder Mwando. Mwando refuta alegando as questões religiosas de origem cristã, estabelecendo um choque de culturas, a primeira de cunho poligâmica e local e a segunda cristã, trazida pelos agentes do colonialismo.

Após a partida de Mwando e a tentativa frustrada de suicídio feita por Sarnau, a protagonista foi escolhida pela rainha para se tornar a esposa do seu filho, e herdeira do trono dos zúculas. Essa proposta se tornou uma grande mudança na vida de Sarnau, e particularmente para a sua família, principal interessada no matrimônio.

Alegrai-vos, cantai, espíritos dos Guiamba e Twalufo, que a grande sorte caiu sobre vós. Os antepassados sempre disseram: a mulher é a galinha que se cria para com ela presentear os visitantes. Chegou o momento doloroso. Criámos a Sarnau com amor e sacrifício, os visitantes estão à porta e vêm buscá-la para sempre. Defuntos dos Guiamba e dos Twalufo, a vossa filha é hoje lobolada. O vosso sangue vai hoje pertencer à nobre família dos governantes desta terra. O número de vacas com que é lobolada é tão elevado, coisa que nunca aconteceu desde os tempos dos nossos antepassados. Alegrai-vos, cantai, espíritos da terra e do mar. Recebei as ofertas que nos trazem e abri todos os caminhos da felicidade. Que do ventre da vossa protegida saiam rebentos assim como ela nasceu de nós. Aclamai, abençoai, espíritos da terra e do mar, porque a vossa filha foi escolhida para esposa do filho do rei (Chiziane, 1990, p. 36).

Esta é a oração proferida pela avó materna de Sarnau, um rito de passagem que anuncia a partida da mulher para vida de conjugal. Na fala da avó percebe-se mais uma vez a posição da mulher ocupada no cenário familiar e contexto social

ratificando as premissas abordadas de submissão, sem perder de vista o entendimento do tamanho do lobolo oferecido pela família real e como isso representa uma mudança de vida.

Ainda sobre o lobolo, este representa a oportunidade de construção de novas famílias, a partir do momento que parte das vacas recebidas pelo casamento de Sarnau servirão de lobolo para futuros casamentos de outros membros da família. “Vou agora pertencer a outra família, mas ficam estas vacas que me substituem. Que estas vacas loblem mais almas, que aumentem o número da nossa família, que tragam esposas para este lar, de modo que nunca falte água, nem milho, nem lume” (Chiziane, 1990, p. 39).

A submissão feminina fica evidente diante da seguinte demarcação, que coloca o homem em posição de divindade, ou seja, de superioridade e que a mulher é um instrumento para garantia do bem-estar masculino. “Vozes de pilões abafam o cantar dos pássaros; é o grito do milho no último suspiro; é o gargalhar do estômago saudando a refeição que se aproxima, Sarnau, o homem é o Deus na terra, teu marido, teu soberano, teu senhor, e tu serás a serva obediente, escrava dócil, sua mãe, sua rainha” (Chiziane, 1990, p. 39).

Após o aceite do casamento por parte de Sarnau, iniciou a fase de preparação para cerimonia que envolviam diversos ritos necessários para a consumação do patrimônio. E deste momento que surge mais uma crítica da escritora através do livro sobre a condição feminina. A fala da tia de Sarnau é bem exemplificativa sobre a posição e os deveres da mulher no casamento. “- Sarnau, o lar é um pilão e a mulher o cereal. Como o milho serás amassada, triturada, torturada, para fazer a felicidade da família. Como o milho suporta tudo, pois esse é o preço da tua honra” (Chiziane, 1990, p.46).

O casamento de Sarnau é meramente figurativo, o agora rei, Nguila a desprezava e tinha diversas outras esposas, sendo que, Phati era quem detinha maiores privilégios em relação ao amor do rei e tornou-se uma grande inimiga da rainha. Apesar de contar com o amor do rei, Phati era a quinta esposa e, portanto, ansiava pelo lugar de Sarnau e não mediu esforços para acabar com a vida dela, inclusive lançando feitiços contra a vida da sua rival.

E claro que eu não vi essas cobras de que se fala pois, quando se deram estes acontecimentos, eu estava gravemente doente, uma doença de feitiço provocada pela Phati, a esposa mais querida do meu marido. Essa mulher

daria tudo para me ver morta, mas perde o seu rico tempo, os nhamussoros já vaticinaram a minha sorte. Eu morrerei em terras distantes, do outro lado do mar. (Chiziane, 1990, p. 79).

A presença de Phati tornou-se um tormento para a vida de Sarnau, sendo ela que descobriu o adultério da rainha e enxergou a chance de sua execução e com a vacância do cargo de rainha, poderia passar a ocupa-lo. A solidão impulsionada por uma paixão mal resolvida por Mwando foram elementos que incentivam Sarnau cai na tentação e cometesse adultério.

Oh, amargas recordações. Que solidão, que tristeza, a vida para mim já não tem sentido. A angústia habita o meu mundo, mas este marulhar das ondas acalenta-me, anima-me, ressuscita-me, a manhã está vestida de amor, os peixes amam-se, os caranguejos amam-se, as moscas amam-se, até os caracóis se amam, só eu é que amo em sonhos, rebolando solitária no leito vazio, nestas noites frias de junho, enquanto o meu marido se esfrega sobre mil tatuagens, noite aqui, noite ali, semana aqui, semana acolá. O mais doloroso é que há urna mulher que tem a cama aquecida cada noite, pois o marido vagueia por todo o lado, terminando a noite lá, onde dorme até ao nascer do sol. Todas as outras recebem as sobras, mas comigo ainda é bem pior. Passam já dois anos que eu espero a minha vez mas ele não vem. Sou a melhor cozinheira, cada dia faço o máximo para agradar, e quando chega o meio-dia, prova a minha comida e diz logo que não tem sal, não tem gosto. Quando chega a noite e reclamo, diz que é porque não tomei banho. Vou ao banho e volto, inventa que a cama tem cheiro de urina do bebé. Quando argumento, vomita-me um discurso degradante que não ousa repetir. Ah, maldita vida de poligamia, quem me dera ser solteira, ou voltar a ser criança. Se a minha rainha estivesse viva, acredito que as coisas não seriam assim. Ela amava-me e defendia-me. Agora sinto-me tão só. Ela teve uma morte repentina, quase igual à do seu defunto rei. (Chiziane, 1990, p.77-78).

O desabafo de Sarnau e a reflexão em torno da sua vida e sobre as consequências da poligamia é um grito de socorro. A rainha sua protetora morrera e sua vida tornou-se um mar de desolação e infelicidade, o rei cada vez mais possuía mais esposas e não cumpre com seus deveres conjugais em casa e ainda nesse cenário Phati recebem maior atenção e o restante ficam com as sobras com relata a personagem. “Nada sabes da minha angústia e ansiedade eterna por uma noite de amor que nunca chega? O Nguila ama a Phati, e todas nós deixámos de existir. Eu sou um ornamento e nada mais”. (Chiziane, 1990, p. 84).

Phati é uma mulher decidida em lutar por seu amor, apesar de contar com a dedicação do rei dentro do contexto de um casamento poligâmico, a presença da rainha como primeira esposa era incômoda e a ela faria de tudo para acabar com a vida de Sarnau. E isso aconteceu com a descoberta do relacionamento extraconjugal com Mwando, o que culminou com a fuga do casal.

Ainda falando sobre o papel ocupado por Phati, podemos trata-la como mais uma versão de feminino de acordo a concepção de Paulina Chiziane. A quinta esposa de Nguila, assim como Sarnau, possuía anseios e desejos que justificavam seus anseios, não cabe a nós julgá-la sob uma visão enviesada, já que toda obra é contada mediante uma perspectiva da narradora personagem.

Entendemos que Phati usou os mecanismos tinha a seu favor, que vão desde o uso de feitiçaria a delação do caso de Sarnau no intuito de alcançar seus objetivos e o alcance do prestígio social que somente a rainha possuía perante o reino. A descoberta e publicização do caso extraconjugal da rainha trouxeram consequências drásticas para todos os envolvidos, Sarnau e Mwando tiveram que fugir e Phati foi morta e o rei precisou executar seu grande amor, conforma determina as tradições locais, conforme veremos no seguinte diálogo entre o casal fugitivo.

— As notícias que me chegam de Mambone são assustadoras, Sarnau. Estamos a ser perseguidos, a minha vida corre perigo. O rei enviou os seus homens para matar-me e levar-te de volta. A Phati foi morta, e a minha família está numa situação crítica.

— A Phati foi culpada em grande medida, mas não merecia a morte. Ela sabia muito bem que intrometer-se na vida da rainha é coisa que dá muito azar. Foi tudo por causa dos ciúmes desmedidos. (Chiziane, 1990, p. 112).

A morte não representou a partida definitiva de Phati, a partir do momento que seu espírito começou a interferir na saúde da filha Sarnau e a solução encontrada foi batizá-la com o nome da sua grande inimiga, como o gesto de redenção e descanso para a alma da quinta esposa.

Entre os desdobramentos da fuga da rainha estava a necessidade de devolução do lobolo, as trinta e seis vacas entregues a família de Sarnau por conta da fuga e do abandono do trono. Sarnau ainda precisou abandonar seus três filhos em posse do rei, inclusive um dos quais era filho de Mwando e herdeiro do trono. Mesmo diante de todo o imbróglio que envolveu a fuga, o casal por um breve momento viveu uma vida estável.

Meu Deus, protegi-o, mas que vida tão linda, tão diferente da poligamia. É maravilhoso ter um homem que é marido, amor, amante, irmão, amigo, pai e mãe. A separação dos meus filhos tortura-me, mas tenho um homem que é todo o meu consolo. O único problema será devolver as trinta e seis vacas do meu lobolo, mas o Mwando já vai tratar disso. Mas ele não volta, meu Deus, muzimos, protegi-o! Ah, ele vem aí, corro a abraçá-lo, recebo-o com um sorriso belo; alivio-o do peso do cesto; conduzo-o ao nosso ninho, despojo-o da roupa molhada, e massajo o corpo frio com água quente. Sirvo-lhe comida

quentinha, meu amor, trabalhaste bem? Ele oferece-me um sorriso, sim trabalhei bem. O mar está violento, está frio, pescaram alguma coisa? O rosto rasga-se mostrando-me os dentes branquíssimos, de colher suspensa entre os lábios, sim, a pesca foi boa, mas a comida é mais saborosa, está quentinha e gostosa, mas prefiro outro calor e outro gosto, larga a colher e procura novo paladar na frescura do meu sorriso que o embala. (Chiziane, 1990, p. 104).

Neste momento percebemos a plenitude da vida e ápice de uma vida feliz experimentada por Sarnau. Boa parte das desgraças que ocorra em sua vida tem como ponto de partida a sua relação com Mwando. Mas a fuga e uma vida simples e tranquila como uma fugitiva do reino, proporcionou a Sarnau o anseio e a liberdade que nunca experimentara na sua experiência enquanto rainha, uma mera figura decorativa e de status que não condizia com a sua verdadeira vontade e ideal de felicidade.

Como já foi dito anteriormente, o livro conta a história sob a percepção de Sarnau. A personagem retrata sua história vida de acordo ao seu entendimento e leitura da realidade. Sendo assim, a centralidade dos fatos nas ações da protagonista reflete sua visão de mundo e seu ideal de feminino.

Paulina Chiziane em seu romance de estreia traz uma prévia de qual caminho tomaria para a construção da sua carreira literária. Sarnau é uma personagem inovadora ao trazer um olhar diferente do que é ser mulher. A mulher retratada até o momento está estereotipada por uma visão masculinizada e viciada com elementos do patriarcalismo presente em território moçambicano.

O feminino expresso através da obra balada de amor ao vento traz algumas abordagens de mulheres. Quando falamos em mulheres, porque precisamos afastar o perigo de uma generalização burra sobre a unidade e homogeneidade no ideário do universo feminino. Isso ficou bem evidente nas motivações de cada personagem exposta até aqui, mesmo que na visão de Sarnau.

Esse reflexo pode ser identificado na teoria feminista, estudada de forma sucinta no segundo capítulo. As ondas feministas possuem motivações diversificadas conforme época, objetivos, classe, raça, entre outros. Assim como as mulheres de Balada de amor ao vento. A postura das mulheres muda de acordo ao seu entendimento de vida.

Nessa perspectiva podemos exemplificar a reação da família de Sarnau com a notícia do casamento. Uma das tias da noiva adepta a manutenção das tradições passou ensinamentos para Sarnau de acordo ao patriarcalismo. Ou seja, a ideia do

feminino possui uma diversidade de camadas complexas, que representa facetas de acordo a cada mulher mencionada no decorrer do romance.

Portanto, percebe-se que a obra de Paulina Chiziane conta uma história comum e de vivência da sociedade moçambicana. A autora na sua proposta de escrita, também presente em outros livros como *Niketche: Uma História de Poligamia*, traz abordagens presentes em seu cotidiano. No entanto, ao trazer essa compreensão que traz a mulher ao centro do debate questiona todo emaranhado estabelecido em Moçambique.

O que não podemos refutar é que a escrita de Paulina Chiziane dissemina um estilo próprio que prioriza a feminilidade. Ao ser porta-voz de uma temática, a escritora quis contar uma história, como ela faz questão de ressaltar. A ideia de feminino possui traços do feminismo, a partir do momento que busca trazer notoriedade a mulher. No entanto, ao refutar o enquadramento de sua escrita a um segmento engessado, Chiziane tem o intuito de manter a sua liberdade e retratar o universo da mulher sem preocupações ou possíveis limitações que venham se destacar e ofuscar o seu verdadeiro objetivo, contar histórias das suas vivências.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o conceito de feminino na literatura de Paulina Chiziane, evidenciando a sua importância como expoente de uma escrita moçambicana ainda muito jovem. A centralidade de uma abordagem feita pela escritora da condição da mulher perante um contexto marcado de forma pungente pelo patriarcalismo e por tradições culturais que contribuem para a sua manutenção. No decorrer desta dissertação, tornou-se notório a percepção de Chiziane que ao recusar alcunhas como "feminista" ou "romancista" e se autointitular como uma "contadora de histórias" é um mecanismo da construção da sua narrativa que busca valorizar a mulher como elemento fundante da experiência feminina, afastando-se de modelos e paradigmas pré-estabelecidos, sobretudo, de origem ocidental, mas sem perder de vista traços de dialogam com eles.

Este trabalho demonstrou que a literatura escrita por Chiziane possui aspectos que representam as suas vivências pessoais e entendimentos do cotidiano presentes no contexto social de Moçambique. Neste cenário, a mulher de forma sistemática é relegada a papéis secundários, sofrendo um processo de invisibilização, objeto de crítica da escritora. Essas críticas estão presentes nos livros *Balada de Amor ao Vento* e *Niketche: Uma História de Poligamia*, pois trazem ao centro do debate histórias de mulheres que desafiam os fundamentos patriarcais, questionando as tradições em busca da autonomia feminina. Ao criar personagens complexas e multifacetadas, como Sarnau (*Balada de Amor ao Vento*) e Luísa (*Niketche: Uma História de Poligamia*), a autora evidencia que o feminino não pode ser reduzido a estereótipos, principalmente de origem masculina, estabelecendo a diversidade que envolvem a luta das mulheres moçambicanas que perpassam por suas experiências de vida.

Ao investigar relações entre o feminino descrito por Paulina Chiziane com as teorias estudadas através de autora como Simone de Beauvoir, bell hooks e Patrícia Hill Collins, podemos perceber que existem pontos de aproximação de pensamentos e convergências, mesmo que esse não seja o principal objetivo, como exemplo dessa afirmação temos a crítica ao patriarcalismo e a busca por igualdade de gênero, levando em consideração que a escritora moçambicana baseia-se em contexto cultural particular, o qual ela está inserida. Sendo assim, Chiziane entende a necessidade de estabelecer através de uma identidade que valoriza a mulher africana

a partir de sua origem, sem imposição dos modelos externos. Esse posicionamento fortalece o conceito do feminino de acordo ao seu pensamento, reafirmando como uma ideia que carrega dinamismo e que está intrinsicamente ligada pela realidade local e pela resistência das mulheres em prol de uma mudança social.

Outro fator fundamental a ser destacado é a liberdade que Chiziane entende como essencial na sua construção literária. Através das entrevistas analisadas, podemos detectar que a liberdade representa um ato de resistência que transcende a escrita para patamares que envolvem a política moçambicana. Ou seja, a sua recusa ao reduzir sua obra a categorias estanques permite uma reflexão acerca do compromisso da escritora com a sua autonomia criativa e tratar de temas que muitas vezes não serão bem vistos socialmente por mexer em estruturas enraizadas. Para além disso, o seu reconhecimento no cenário literários representados pelas premiações solidificam a importância da sua contribuição para o debate que envolve a valorização das vozes femininas marginalizadas, bem como, para a discussão sobre gênero e identidade, representando um campo que possui um espaço muito grande para desenvolvimento dentro da literatura de língua portuguesa.

Não podemos perder de vista que a literatura de Chiziane representa um intuito fundante na emancipação da mulher. A autora utiliza a sua escrita como um mecanismo de contestação em busca de uma transformação social. Portanto, a negativa do rótulo de feminista teórico de origem europeia surge como um contraponto ao feminino definido por ela, ou seja, há um surgimento de um feminismo que parte da vida prática, através das experiências, das dores, dos desafios, dos sonhos e de todas as particularidades que envolvem o cotidiano das mulheres moçambicanas.

Neste cenário, o trabalho atestou que o conceito de feminino difundido pela autora tem origem na vida real, na disseminação das histórias de mulheres que ganham a oportunidade de escuta das suas vozes através da obra de Paulina Chiziane. A partir do momento que a oralidade se torna uma premissa para a sua construção literária, a escritora demonstra a busca por uma colocação da mulher, trazendo narrativas que foram silenciadas no decorrer do tempo, por meio de um contexto histórico que ratificou esse processo de marginalização feminina.

Vale ressaltar, que a construção desta dissertação possui uma singularidade de representações para o pesquisador. Esta jornada promoveu um processo de autoconhecimento e do seu posicionamento no que se refere ao seu lugar de fala. Desde muito cedo esteve imerso em ambientes fortemente feminino, seja ele familiar,

acadêmico ou profissional. A literatura de Chiziane é o reflexo de muitas vivências que presenciou com as mulheres com as quais ele conviveu. Sendo assim, essa pesquisa além de contribuir para o crescimento acadêmica, possibilitou a ampliação de um senso crítico no que refere as desigualdades de gêneros e necessidade de ser mais um contribuinte dentro do processo de luta pela igualdade, respeitando as particularidades, com posicionamentos éticos, cordiais dentro das limitações que lhe são inerentes.

Para finalizar, este trabalho evidenciou que a exploração do feminino feito por Paulina Chiziane em suas obras representa mais que um questionamento das estruturas patriarcais que se mostram serem tão opressoras, mas traz possibilidades para a consolidação da mulher como um sujeito pensante, ativo e participativo, protagonista da sua própria história. Podemos afirmar que a autora sedimentou um caminho para o surgimento de novas escritoras que tratem sobre o papel da mulher na sociedade, promovendo uma reflexão sobre temas tão pertinentes, utilizando a literatura como um instrumento de fortalecimento e, sobretudo, de transformação social através da emancipação de pensamentos.

## REFERÊNCIAS

ANGOLA DEBATE. **Cara a cara com Paulina Chiziane, escritora moçambicana.**

**Youtube:** 26 de fevereiro de 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=fa4HrZoBxmQ>. Acesso em: 7 jul. 2024.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea; Tradução – Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo:** A experiência vivida, vol. 2 (1949).

Tradução Sérgio Milliet. – 3ª edição – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CÁ, Lourenço Ocuni. Cultura escolar e os povos coloniais: a questão dos assimilados nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). In: **ETD – Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v.13, n.1, p.207-224, jul./dez. 2011. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1174>. Acesso em: 2 fev. 2025.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de Amor ao Vento.** Lisboa: Caminho, 1990.

CHIZIANE, Paulina. Eu, Mulher... Por uma Nova Visão do Mundo. In: **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e africana na UFF**, vol. 5, nº 10, abril de 2013.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: Uma História de Poligamia.** Lisboa: Caminho, 2002

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento / Patricia Hill Collins; tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAZ, José Alejandro Sebastian Barrios. A invenção de Moçambique: dos impérios africanos à colônia e província ultramarina. **Revista Brasileira de Estudos Africanos.** Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2448-3923.134080>. Acesso: 24 fev. 2025.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estud. av.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, set./dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010). Acesso em: 9 mar. 2025.

FERREIRA, Milena Bruno. As representações do feminino através das obras “Opúsculo humanitário” e “Direito das mulheres e injustiça dos homens”, de Nísia Floresta. In: MENDES, Algemira de Macêdo; OLIVEIRA, Geovana Quinalha de; ARF, Lucilene Machado Garcia (orgs.). **A escrita de autoria feminina:** memória, resistência e decolonialidade. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2023. p. 32–44.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Onde é que eu estou?** Heloisa Buarque de Hollanda 8.0 / organização André Botelho... [et al.]. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LAND PORTAL. **Mapa de Moçambique com a divisão das províncias.** Disponível em: <https://landportal.org/pt/library/resources/mapa-de-mocambique>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MOÇAMBIQUE. **Portal do governo de Moçambique.** Disponível em: <https://www.portaldogoverno.gov.mz>. Acesso em: 20 de agosto de 2024

MOZPOD - OS MUITO MAUS. **Paulina Chiziane | Escritora | Pioneirismo Literário e Lutas Sociais | T1 Ep 26.** Youtube: 30 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jd6TmY6gM3g&t=2519s>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MUNICÍPIO DE OEIRAS. **Café com Letras com Paulina Chiziane.** Youtube: 17 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WXoxiZuwffU&t=352s>. Acesso em: 15 jul. 2024.

PAULINA CHIZIANE. **Paulina Chiziane - Prêmio Camões 2021, em entrevista na RTP.** Youtube: 6 maio 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jpbdmoid3MI>. Acesso em: 11 ago. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017

SILVA, Érica Luciana de Souza. A loucura feminina nos romances de Paulina Chiziane como estratégia de resistência. **Vértices**, Campos dos Goytacazes/RJ, v.24, n.1, p. 7-18, jan./abr. 2022.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da; CARMO, Valter Moura do; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, Florianópolis, Brasil, v. 7, n. 1, p. 101–122, 2021. DOI: 10.26668/IndexLawJournals/2526-0197/2021.v7i1.7948. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/7948>. Acesso em: 9 mar. 2025.

SINPRO MINAS. **Programa Extra-classe - Paulina Chiziane.** Youtube: 6 ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qMPv19JJHUo>. Acesso em: 1 ago. 2024.

TDMARCUS2009. **Paulina Chiziane A Páginas Tantas.** Youtube: 2 jun. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yYlwTj7afJA>. Acesso em: 12 set. 2024.

TV BRASIL. **Paulina Chiziane. Youtube:** 24 maio 2012. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=dQBB2\\_lw2Hw&t=8s](https://www.youtube.com/watch?v=dQBB2_lw2Hw&t=8s). Acesso em: 20 set. 2024.

VOGUE PORTUGAL. **À conversa com Catarina Furtado e Paulina Chiziane**  
**Youtube:** 31 jan. 2024. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=iBevh1NUO1I&t=18s>. Acesso em: 12 fev. 2025.

Woolf, Virginia. **Um teto todo seu.** Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso.  
São Paulo: Tordesilhas, 2014.